Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 63.º N.º 21 125
Abril 1983
Segunda-feira
11
20$00

O atentado de Montechoro

O conselheiro e amigo de Arafat jaz morto no hall do hotel de Montechoro, aparentemente abatido por um comando dos dissidentes palestinianos seguidores de Abu Nidal. Para a OLP, Abu Nidal, como dissera o próprio Sartawi, funciona como «braço do Mossad», o serviço secreto israelita

Marroquino preso em Lisboa é o homem de Abu Nidal?

● OLP atribui assassínio de Sartaui aos serviços secretos israelitas

Págs. 5 e 7

O crime fácil

Com a lamentável excepção de algumas vozes israelitas, o atentado de que foi vítima em Montechoro, durante os trabalhos do Congresso da Internacional Socialista, o palestino Issam Sartaui, teve geral e comovida condenação. As reacções suscitadas pelo assassínio daquele que era um negociador aberto e lúcido ao serviço da causa nacional do povo da Palestina, traduzem aflição perante a facilidade como foi executado o acto criminoso, desgosto perante a perda de um homem generoso e fraterno, indignação, espanto.

Como foi possível? O assassínio de Issam Sartaui vem chamar a nossa atenção para o facto insólito de reunir numa zona de turismo internacional o Congresso da IS, misturando, com o movimento turístico normal e com a vida dos clientes do hotel onde se realizaram os trabalhos, personalidades políticas importantes nos seus partidos, nos seus países, muitas de relevo mundial.

Admitimos que os organizadores do Congresso da Internacional Socialista não tenham considerado, com a prudência necessária, o problema da sua própria segurança e que não tenham pensado que o caso de Issam Sartaui revestia uma particular delicadeza. Mas, os descuidos ou o optimismo da organização, não explicam, nem desculpam a irresponsabilidade e a ineficácia do esquema de segurança montado pelas autoridades portuguesas.

O Governo, e designadamente o MAI, dificilmente poderão justificar o que se passou em Montechoro. Após os atentados terroristas contra cidadãos estrangeiros em Lisboa e em Linda-a-Velha, ambos não esclarecidos, ambos impunes, Portugal começa a ser zona aberta para o

Continua na pág. 24

Plano Reagan praticamente liquidado

Hussein e Arafat não chegam a acordo

Pág. 14

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
E DO PLANO

COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «GRUPOS ELECTROGÉNIOS C/POTÊNCIA DE 7,5 KVA — PROCESSO N.º 135/83

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «Grupos Electrogénios c/potência de 7,5 KVA».
2. Serão recebidas propostas até às 17.30 h do dia 12 de Maio de 1983, procedendo-se à sua abertura às 10.00 h do dia imediato, 13 de Maio de 1983.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando Geral da Guarda Fiscal, à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 30 000$00.

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

a palavra com...

Os tartufos

Antunes da Silva

TENHAM paciência os meus leitores e amigos, mas a questão do complexo do Alqueva é muito importante para nos distanciarmos dela e anda outra vez nas bocas do mundo, suscitando o interesse real ou o doentio aborrecimento das pessoas menos afoitas. As primeiras, quando se põem a reflectir na tramada teia económica em que andamos envolvidos, assumem um ar pessimista e indignado; as segundas, evitam, por oportunismo, ser ouvidas ou achadas no debate controverso, mas vital para o desenvolvimento do país.

É natural que a direita, quando afrontada por factos concretos e a natureza dos desmandos que gerou por via da insolvência dos seus agravos e despautérios, tenha a seu lado, mesmo que os não clame, os **fraternos** defensores dos seus esquemas, trajectos ou desvios de comportamento.

É o caso do sr. António Barreto, prestimoso padre-mestre das nossas desgraçadas aldeias, que diz não e sim, ao facto do livrinho «Alqueva – a Grande Barragem», (um conjunto de crónicas insertas neste jornal no passado Verão), abordar problemas de interesse nacional e daí se tirarem delirantes ilações, como as dele, num artigo que recentemente deu à estampa no «Diário de Notícias».

Começa o prático sujeito por dizer, à sua moda farisaica, como quem dá palmatoadas num aluno travesso, e num arremedo de sabichão com sono, que o opúsculo **é demagógico, melopeia sectária, primitivo,** etc., na esteira dos que, por simbolismo maroto ou com ele alinhados numa certa esfera ideológica, pactuam contra outros cidadãos de ideias menos apocalípticas e num nítido esforço folgazão de criar uma atmosfera agressiva, favorável aos explosivos argumentos que levem «Alqueva – a Grande Barragem» a ser considerado como um fumo de ideias parcelares e anódinas...

António Barreto parece não se fartar com o que Deus lhe deu e admira-se, com um certo desdém de aristocrata galego, que o autor de «Alqueva» se detenha a recordar as inadmissíveis ingerências dos «américas», na nossa terra (mas oh!, assustadiça criatura: o termo não passará de um som fonético isso sim, dirigido a quem é, mas a nós nos permite um certo gáudio preventivo...) – e naturalmente quando reage de maneira assás mesquinha, mal o autor desvenda a pouca vergonha ou a nenhuma audiência que os governos da AD sempre manifestaram pelo Alentejo e as suas gentes. Esta, a verdade!

Chega a ser esquisito, mesmo estranho... Mas que se poderia esperar dum soturno homem como este? Ou por outra: não se estranha absolutamente nada que um tão empírico capataz de altos voos terrenos, capitão-de-navios - sem - mar à cata dos valores intrínsecos duma pátria que não enxerga na sua realidade pública, se afobe tanto ou encha as flácidas bochechas de sátiro com as beliscadelas que damos aos tais americanos, porventura seus excelentíssimos amigos e aos seus indubitáveis confrades de ideias, que esfregarão as mãos, dizendo, contentes: Uf! Alqueva? O Diabo que a carregue!»

Pois é. Dissemo-lo, escrevemo-lo e repetimo-lo quantas vezes forem necessárias e seja onde for: a direita não suporta o Alentejo, abomina-o. Odeia o projecto de Alqueva, por isso o mandou parar. Tem desamor aos alentejanos. E depois?! Não é mentira, afável e misteriosa criatura! Os factos têm-no demonstrado à saciedade! E porque assim é, não se admite nenhuma autoridade moral ao sr. António Barreto para falar dos problemas e dos agros transtagas! E a seguir, numa pirueta burlesca, dentro da sua versátil trajectória paisana, o sr. António Barreto, menos tenso, afirma que **é a favor da obra de Alqueva, que deve ser feita com urgência,** nós banzamos com as contradições, e diz também,cautela, que tudo terá de ser estudar, os custos (ai, os custos...) Ora a finesa! Isso sabemos nós há muito tempo! Mas os anos passam e não se vê nada! Tudo parou com a direita no Poder, já que o consulado PS iniciou as obras e elas iam em frente. Chegaram os governos AD, suspenderam os trabalhos! Afinal, em que ficamos? O distinto político apressa-se a dizer que não tem procuração da direita. Nem é preciso tê-la, porque se enfeita com ela! Com ela faz pandã! Agora essa de não **gramar** que os «américas» se intrometam na nossa vida soberana ou possam impor-nos certas prerrogativas sobre Alqueva se... é de cabo de esquadra! Ficamos com a ideia que o eminentíssimo sujeito quis **absolver** os EUA, com o claro, porfiado propósito de rebaixar e confundir um seu semelhante que pelos EUA não tem particular afeição, mas ama e defende a terra onde nasceu!

É natural que as coisas não decorram como os senhores da direita queriam. Para isso, em não raras circunstâncias , a direita, faz como Salazar: reprime e só depois do facto consumado anuncia as medidas anteriormente adoptadas... Entretanto, continua a ter os seus **jagunços,** os seus profetas, os seus pundonorosos colaboradores adventícios, falando uma linguagem semelhante, das cidades e da terra, como se só eles tivessem a privilegiada inteligência de as entender e julgar. Alguns, chegam a parecer apátridas, engenhosos ou obcecados defensores de singularíssimos desígnios internacionais...

E a verdade comesinha é esta: tanto no Alentejo como no Algarve há falta de água. Sem ela, não se pacifica a vida. Nem podemos dar-nos ao luxo de a desperdiçar, como acontece, principalmente, com os caudais do Guadiana que correm no nosso território, em direcção ao oceano Atlântico.

E é isso que a direita não quer ver, nem o FMI se importa, porque ambos são contra Alqueva! Como também não poderemos ficar à mercê dos ditames dos «américas» ou de alguns países da CEE, quanto à maneira de plantarmos no nosso solo o que muito bem quisermos e entendermos, sem que para tal tenhamos de pedir a sua bênção!

A lei é: há que trabalhar e produzir mais! É nesta frase comum que está a raiz e a solução dos nossos males. Os técnicos falam uns com os outros, raramente falam para o povo. Nós falamos para o povo e tentamos despertar o espírito criador dos técnicos, afim de se produzir mais, quanto antes, urgentemente, sem a direita no poder, porque esta não sabe governar.

Sem peias burocráticas, nem falsas questões, nem adiamentos constantes e desnecessários. Têm de se montar as estruturas? Pois têm ! Toda a gente sabe disso. É dos livros. Nem é preciso ser doutor, filósofo-ambulante ou político profissional, para compreender que um homem com sede bebe água e que o Alentejo, sem a mesma, pode tonar-se num deserto, e com ela pode transformar-se numa inesgotável fonte de riqueza. É nesta base que o livrinho «Alqueva – a Grande Barragem» se insere, se escreveu, se identifica e que o autor não tem remorsos nenhuns e se orgulha de o ter publicado! E porque se levantou a lebre que Alqueva não se constrói porque a direita mandou parar as obras e os «américas» torcem o nariz ao empreendimento, por intermédio do FMI, aqui d'el-rei que somos primitivos, sectários, demagogos, irracionais, diz o citadíssimo e desairoso defensor dos americanos, que tanto mal fez ao Alentejo e a Portugal, aos camponeses e à Reforma Agrária, quando omnipotente ministro da Agricultura.

Algumas pessoas perdem o pé quando inventam palavras para diminuir o trabalho alheio, contrário aos seus sonhos de difícil recuperação política. E, à deriva, tentam impor o rascunho dos seus princípios descarnados e violentos, de sibaritas a promulgar conceitos loucos, num léxico fértil de possíveis traições envolventes, com as suas leis de funil, a sua grotesca crueldade agrária, a sua musculada ciência, como quem se apraz gozar com incêndio que ateou ou as inominàveis desgraças que promoveu.

É notório que muitas vezes é absolutamente inútil o diálogo com certos mentores de doutrinas conservadoras, aconchegados nas suas poltronas de cetim, precisamente porque não entedem que o progresso não se manipula nem se confunde com a exclusividade das suas doutrinas.

Em resumo: este País anda farto de tartufos, meus senhores! De pessoas que andam a fazer regredir Portugal! De funâmbulos, de figurantes de comédias bufas. De ridículos comparsas;de-coisa-nenhuma, que os alentejanos, infelizmente, muito bem cohecem, por mal-feitor sem conta contra eles perpretados – e em quem nunca mais acreditaram!

Como se diz, numa poesia íntima; **os tartufos têm/cabeça de frade/olhar de chacal/nariz de falcão/veneno nos passos/sabemos quem são!** E sabemos mesmo.

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS DO SUL

ÉVORA, 8 DE ABRIL DE 1983

PRÉ-AVISO DE GREVE

A FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS DO SUL VEM COMUNICAR, PARA EFEITOS DO ART.º 5.º da LEI 65/77, DE 26-8 (LEI DA GREVE) QUE IRÁ TER LUGAR UMA GREVE DE UM DIA, NO DIA 14 DE ABRIL DE 1983, DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS DOS CONCELHOS DE ALMEIRIM, ALPIARÇA E FREGUESIA DE VALE DE CAVALOS DO CONCELHO DA CHAMUSCA, COMO FORMA DE LUTA PELA MANUTENÇÃO DOS HORÁRIOS DE TRABALHO EM VIGOR NESSAS ZONAS GEOGRÁFICAS, CONQUISTA À LONGOS ANOS CIMENTADA E REPÚDIO PELAS PROPOSTAS APRESENTADAS NA NEGOCIAÇÃO DO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO PELA ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES DO RIBATEJO E ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES DE AZAMBUJA.

P'la Comissão Negociadora Sindical
António Cavaca Calarrão

VÍTOR DOS SANTOS ABÓBORA

FALECEU

Sua mãe, irmãs, sobrinhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido filho, irmão, tio e parente. O funeral realiza-se amanhã pelas 15 horas, na sua residência, Rua da Rosa, 9-1.º Esq.º, em Lisboa, para o Cemitério do Alto de São João.

Angústia Desespero Solidão

54 45 45 centro S.O.S. voz amiga

uma voz amiga estará contigo

Singularida de uma car

ESTE Gove nunca visi que por estar esqu eleitorais serenos ou inflamad carregados das intim «firmeza», os oradore gação AD) e os orado na coligação que no Francisco Lucas Pire António Capucho, o h tário de Estado, fala estivesse a ser julga Governo AD. Como s votar, não estivesse mão era, ainda há «líder», do partido q

Como se nesse gove ocupado posições i dência do governo, a cultura, Comércio e P

Lemos num semar lidades insuspeitadas rais teria avançado para dizer a alguém está? É preciso aju acreditar no relato jo xava amargamente d tar, com o maior dos estado!» **(Expresso,**

Mas a «gente **que** *Mota Pinto, são os primeiros passos do PSD ao qual regress cisco Pinto Balsemã contra o qual, ou pa preciso ajudar-nos a*

Não se sabe qu despudor.

Mota Pinto, an partido que foi e é c Lucas Pires, na distra nhia e concorrência. governo de que f

Aspec

Anselmo Aníbal

«A corrida aos a esforços que visam o Económica Internacio maior a dissipação de como consequência d diminui consideravelm sos indispensáveis p

Resolução da 6.ª Confe (1) dos Países não-alinh realizada em Havana, blica de Cuba, em Setem 1979.
(Estiveram como particip 94 países).

O desarmamento não ser alvo de qualquer simplista ou até apress mente maniqueia. É tem abordagem complexa e a re rer actualização em perma cia. No intento de sublinha guns elementos, procurarí reflectir alguns dados ligad corrida aos armamentos e chamados «custos sociais desarmamento.

Constatem-se a título exemplo dados recentes d celente e bem documentad vista «Development and Pe (2). Por estimativa do acadé Mihály Simai registaram-se **a 140 guerras, desde 19 maior parte das quais nos ses não-desenvolvidos chamado 3.º Mundo:** considerável dessas gu foram (e são) guerras de lib ção nacional contra poderes loniais ou seus sucessores sejosos de estabelecer r fórmulas de subordinação tras, assumem-se ou como flitos internos ou fronte

política de A a Z

Singularidades de uma campanha eleitoral (1)

ESTE Governo que, por milagre constitucional nunca visto, arrasta governando a demissão a que por desgovernar se viu coagido, parece estar esquecido pelos oradores das campanhas eleitorais do PSD e do CDS. Em seus discursos serenos ou inflamados, engrinaldados de promessas ou carregados das intimidantes referências à «autoridade» e à «firmeza», os oradores do PSD (partido maioritário da coligação AD) e os oradores do CDS (seu complemento directo na coligação que nos desgovernou), com a agravante de Francisco Lucas Pires, novo líder do CDS, ser ministro e de António Capucho, o homem do aparelho do PSD, ser secretário de Estado, falam como, na campanha eleitoral, não estivesse a ser julgado, no tribunal da opinião pública, o Governo AD. Como se, na memória dos cidadãos que vão votar, não estivesse presente que Francisco Pinto Balsemão era, ainda há dias, o «fundador», o «sucessor», o «líder», do partido que conduzia os negócios do Estado.

Como se nesse governo de desgoverno o CDS não tivesse ocupado posições importantes e cimeiras: a vice-presidência do governo, a Defesa Nacional, a Indústria, a Agricultura, Comércio e Pescas, os Assuntos Sociais, a Cultura.

*Lemos num semanário que Mota Pinto, revelando «qualidades insuspeitadas», numa das suas digressões eleitorais teria avançado «de mão estendida e palavra pronta» para dizer a alguém presente ou passante: «Então como está? É preciso ajudar-nos a pôr isto nos eixos». E, a acreditar no relato jornalístico, a uma mulher que se queixava amargamente da situação, chegou mesmo a comentar, com o maior dos à vontades: «Esta gente pôs isto neste estado!» (***Expresso**, *9/04/83).*

Mas a «gente **que** *pôs isto neste estado» é a* **gente** *de Mota Pinto, são os seus velhos camaradas do PPD nos primeiros passos do qual participou, os seus camaradas do PSD ao qual regressou quando ao partido presidia Francisco Pinto Balsemão, Primeiro-Ministro do governo AD contra o qual, ou para emendar o qual, pede ajuda: «É preciso ajudar-nos a pôr isto nos eixos.»*

Não se sabe que mais admirar se a distracção, se o despudor.

Mota Pinto, anda distraído do facto de ser o seu partido que foi e é o «eixo» do governo AD. E Francisco Lucas Pires, na distracção e no despudor faz-lhe companhia e concorrência. Para o ministro da Cultura, entre ele e o governo de que foi e é ornamento, nenhuma co-responsabilização, nem a mínima sombra de solidariedade ministerial. A campanha dos dois líderes vai decorrendo, segundo os programas delineados pelos conselheiros técnicos (para Lucas Pires, um tal José Luís Sanchez, vindo de Madrid), como se os seus partidos não estivessem envolvidos no pleito e não fossem ambos – PSD e CDS – os mais directos responsáveis da crise nacional (política, económica e social) e da crise da «coligação AD» que se concretizou na demissão do governo AD da presidência de Francisco Pinto Balsemão.

A campanha eleitoral do CDS, no discurso de Lucas Pires – a fala de Adriano Moreira insere-se e ilustra o «discurso político restauracionista» – excede, sob este aspecto de distracção política e de despudor ético, o de Mota Pinto. Com uma grande desenvoltura, Lucas Pires toma posição do **exterior** *da «coligação AD». Ele fala de uma «nova AD», de uma «AD futura». E, embora ministro do «governo AD» de Francisco Balsemão e de dirigente nacional de um partido que nesse governo participa e que com esse governo se comprometeu, Lucas Pires critica e ataca o «projecto socialista» do PSD e do PS. Para o jovem líder do CDS, a APU, o PS e o PSD deverão ser considerados, solidariamente, como responsáveis do sistema económico – o dos três sectores – que a Constituição consagra.*

O CDS de Lucas Pires, e a sua «nova AD», lutam por uma **nova economia,** *por um quadro económico que não é aquele que a Constituição estabelece. Na óptica política de Lucas Pires só essa* **nova economia,** *e não as «cartas de amor» de Mário Soares, dará resposta às interrogações dos empresários, satisfação às suas reivindicações corporativas.*

Lucas Pires na orientação que adoptou para uma campanha eleitoral que não visa as próximas eleições, que pretende prefaciar um discurso político que tem 1985 como uma primeira meta, coloca-se fora deste Governo de que é ministro e à margem do «sistema económico constitucional» na construção do qual colaborou. O seu posicionamento pessoal e partidário, com Adriano Moreira, mas para além de Adriano Moreira, e até apesar de Adriano Moreira, faz pontaria às eleições presidenciais. Em 1985 o partido CDS será o CDS de Lucas Pires, e, então, Diogo Freitas do Amaral poderá ser o candidato de Lucas Pires à Presidência da República. Candidato para ganhar a eleição? Muito provavelmente, na fria determinação de Lucas Pires, candidato para «negociar» a eleição presidencial.

Para negociar com o PS? Claro. Mas, também, com Eanes. Com o PS **contra** *Eanes. Com Eanes* **contra** *o PS. Porque – e o arguto Lucas Pires deverá estar disso consciente – Eanes, com a sua incontestável popularidade, continua a ser* **o primeiro eleitor,** *Mário Soares um candidato possível, e o PSD – com o naufrágio de Francisco Balsemão, e o fracasso à vista de Mota Pinto – não terá, em 1985, um candidato civil para o representar na corrida para Belém.*

De uma reacção empresarial e burguesa contra o regime democrático constitucional que poderá limitar-se, tacticamente, à contestação «pujadista» do sistema económico, Lucas Pires prepara-se para tirar partido com a sua «nova economia». Do imenso equívoco de um qualquer «bloco central», Lucas Pires prepara-se para tirar partido com a sua «nova AD». A «nova AD» não é, não será, o «projecto» bipolarizador de Francisco Sá Carneiro dividindo o Portugal político em dois campos, **esquerdizando,** *automaticamente, o Partido Socialista. Não. A «nova AD» de Lucas Pires é, será, uma estratégia de recuperação do espaço político: direita, centro-direita, centro, atraindo algum «centro-esquerda». Estratégia que implica* **herdar** *o que restar do PPD e repelir para os braços socialistas (do PS), ou para uma qualquer ASDI, o que restar da social-democracia do PSD. Desfazer o «PSD de Sá Carneiro» e que Francisco Balsemão herdou, procurando tirar vantagem da ambiguidade PPD-PSD recriada pelo catedrático coimbrão – é um dos objectivos de Lucas Pires e da sua equipa.*

A demarcação entre os promotores da «campanha eleitoral AD» e a agonizante «governação AD», não encontra uma cumplicidade global no discurso eleitoral do PS. Mas a crítica ao «Governo Balsemão» – e à política da «Aliança Democrática», fica diminuída no seu alcance prático e na sua autoridade moral, quando se admite, como se admitiu em público, a aliança de governo ou de regime, com o PSD.

PSD que, abandonando o «Governo AD», à sua agonia demissionária, se apresenta ao povo eleitor com a dupla face da «social-democracia» (em meios urbanos), do «populismo» (nos meios rurais). Com efeito – e apesar de compartilhar o «poder no partido» com o social-democrata Nascimento Rodrigues e com o empresário industrial Eurico de Melo – Mota Pinto terá imposto a ressurreição da dualidade da sigla: PPD-PSD.

Ignorar as responsabilidades da governação e tingir a «social-democracia» de cores populistas, são pressupostos tácticos da conversão do PSD de Sá Carneiro no complemento de centro-esquerda do «bloco-central» liderado pelo Partido Socialista.

E é, na medida em que nem as sondagens pagas anunciam a «maioria absoluta» do PSD, sequer lhe garantem o primeiro lugar entre os partidos parlamentares, que o cerco a Mota Pinto se estreita; é o PS; é, no seu próprio partido, a gente de Balsemão; é, no desfazer da AD, a frase cáustica de Lucas Pires. Será, amanhã, um António Capucho.

Aspectos do armamentismo e do desarmamento

Anselmo Aníbal

«A corrida aos armamentos é incompatível com os esforços que visam o estabelecimento da Nova Ordem Económica Internacional e contrária a eles. É cada vez maior a dissipação de potenciais materiais e humanos, como consequência dos investimentos em armas, o que diminui consideravelmente a disponibilidade dos recursos indispensáveis para o desenvolvimento».

Resolução da 6.ª Conferência (1) dos Países não-alinhados, realizada em Havana, República de Cuba, em Setembro de 1979.
(Estiveram como participantes 94 países).

O desarmamento não pode ser alvo de qualquer visão simplista ou até apressadamente maniqueia. É tema de abordagem complexa e a requerer actualização em permanência. No intento de sublinhar alguns elementos, procuraríamos reflectir alguns dados ligados à corrida aos armamentos e aos chamados «custos sociais» do desarmamento.

Constatem-se a título de exemplo dados recentes da excelente e bem documentada revista «Development and Peace» (2). Por estimativa do académico Mihály Simai registaram-se **130 a 140 guerras, desde 1945, a maior parte das quais nos países não-desenvolvidos do chamado 3.º Mundo:** parte considerável dessas guerras foram (e são) guerras de libertação nacional contra poderes coloniais ou seus sucessores – desejosos de estabelecer novas fórmulas de subordinação; outras, assumem-se ou como conflitos internos ou fronteiriços entre novos Estados. Há uma grande variedade em tais conflitos, o que se passa na Namíbia ou se passou no Zimbabwe ou em Angola ou em Moçambique é bem diverso da guerra entre Irão e Iraque e a luta da OLP tem um carácter bem diverso – e uma justificação bem diversa – de outros conflitos em outros pontos do globo.

Com tais motivações bem diversas na sua génese, que sumariamente indiciámos, **o potencial de armamentos aumentou:** o 3.º Mundo que **gastava 4/5% no período de 56-58, gasta entre 76-79, cerca de 14/15% das despesas mundiais com armamento.** Se em variados casos tais gastos reflectem as novas realidades decorrentes da independência de numerosos países – aliás, muitos deles presentes na Conferência dos Países Não-Alinhados de Cuba, em 1979 – noutros há evidentes provas de tal «propensão ao consumo armamentista» ser decorrente da pressão/oferta dos complexos industrial-armamentistas dos países ocidentais. Dados recentes (citados em artigos de István Vende, por exemplo) indicam que 3 países produtores de petróleo tinham comprado 1/4 do total dos volumes de armamento exportado (Irão – 14%, Iraque – 7%, Arábia Saudita – 5%).

Noutra perspectiva, poder-se-á referir que 50% dos custos militares totais dos países em «desenvolvimento» foram gastos por 4 países, o Irão, o Egipto, a Arábia Saudita e a Índia e que 10 países, os 4 acima referidos e a Argentina, Brasil, Indonésia, Iraque, Líbia e Nigéria, gastaram 3/4 desses custos militares.

Em alguns desses países reconhecem-se não só volumes de importações conhecidas mas também «produção» própria decorrente de autorização em condições que, em regra, geram ligações de dependência real com grandes companhias transnacionais: um dos exemplos mais conhecidos é a criação, há 9 anos, entre a Arábia Saudita, Egipto e os Emiratos duma companhia para o «desenvolvimento de indústria de guerra», com o nome formal de «Organização Árabe para a Industrialização», que dá origem à produção de «jeaps» com a «cooperação» da British Aircraft Corporation; à fabricação de helicópteros com a «cooperação» da British Westland, etc. (3)

Os países «em desenvolvimento» têm assim uma participação nos custos globais do armamento que rondando os 7% em 1970, ronda os 14/15% em 1979; os países do Médio Oriente passaram, entretanto, de 3% a 8%, sendo além disso, grandes recebedores de armas; 42 países possuíam mísseis em 1977 (22 em 1967) e que 2 desses pelo menos (Israel e África do Sul) possuíam cargas nucleares para os seus mísseis. Este, aliás, um dado importante para estimar do perigo da extensão dos conflitos «locais» e para traçar o mapa das zonas de conflitualidade mais significativa.

É evidente, também que ao se criarem estruturas fabris de guerra, ligadas às transnacionais e controladas por estas, embora formalmente se dê «um importante passo para o estabelecimento da soberania nacional», se entra também em coordenação de actividades que só algumas transnacionais dominam a belo prazer. Só o facto de «países socialistas terem quebrado o monopólio dessas transnacionais e do imperialismo (também neste domínio), propiciou uma alteração significativa nas relações internacionais, interveio como factor positivo no equilíbrio. Por outro lado **os complexos militares ocidentais impõem, para além de significativos investimentos** (com criação pequena de empregos para o volume de investimentos, o desvio de técnicos que não abundam), **fluxos de importação que se realizam, impedem a importação de outras estruturas indispensáveis ao verdadeiro desenvolvimento.** Sobre tudo isto acrescentem-se as conhecidas «modalidades de assistência e cooperação, dos países vendedores de tais equipamentos aos países compradores, promotoras de uma subordinação particular, com efeitos simultâneos no campo político e económico e na esfera, extremamente delicada, do conceito de autodeterminação.

Na corrida aos armamentos há sempre (felizmente) quem faça a pergunta; «e se não gastássemos com isso?». Se uma parte substancial fosse transferida para outros campos de actividade, teríamos (teremos, um dia) possibilidades de realizar mais investimento e criar condições propícias ao desenvolvimento, desde que, por forma planeada, fossem utilizados tais dinheiros. **Simplesmente nada deste negócio é inocente.** E o que se sabe é que o capital industrial-militar estado-u nidense e germano-ocidental continua numa ofensiva contra os países em vias de desenvolvimento, ofensiva que curiosa e contraditoriamente reveste formas mefistofélicas de «ajuda» mas que envolve esses países na corrida aos armamentos, através do aumento do volume de venda a esses Estados de material sempre crescentemente sofisticado. Os governos da RFA, por exemplo, têm-se envolvido em processos de concessão de «ajuda» (à Turquia, em 80-81, foi tal ajuda de 600 milhões de marcos, abrangendo, naturalmente, o fornecimento de carros de combate e sistemas anticarro) conseguindo os consórcios bélico-industriais outras formas de introdução de armamento em países para os quais é «proíbida» a exportação. Isto é **a indústria armamentista, muito dela de fortíssima componente privada** nos países ocidentais, ao sabor dos lucros e do «quanto mais, melhor», tem razões que a razão não conhece.

Razões que a razão não aceita

Em excelente trabalho publicado em Abril de 82, na Revista do Conselho da Paz (4), o académico V.P. Konobeyev, membro da Comissão de Desarmamento do Comité de Paz Soviético, sublinha que «as asserções de que as indústrias de guerra trazem um sangue novo à economia são velhas» procurando explicitar que os gastos armamentistas resultam numa procura acrescida da produção industrial e na criação de novos empregos. É evidente que as indústrias militares obrigam a trabalhar com vastos recursos científicos, tecnológicos, materiais, financeiros e de emprego, mas resta sempre a evidência complementar de que essa procura é economicamente artificial e alheia às necessidade da sociedade (5); por outro lado, a **indústria militar não é grande geradora de empregos,** tendo a investigação neste domínio do desenvolvimento social na URSS, identificado que, para idêntico volume de investimento nas indústrias, civis, se criariam 1,5-2 mais empregos do que nas indústrias militares (6). Por igual forma, o reafirmado — mil vezes —princípio da transferência da investigação tecnológica das indústrias militares para as civis é considerado como «insignificativo». Neste contexto — que não é, aliás, de leitura fácil — os especialistas citados no estudo já referido sublinham que é possível sem afectar os empregos existentes, converter as indústrias e complexos existentes, não sendo, aliás, tal operação virgem, já que um dos factos citados é a reconversão das indústrias criadas pela URSS e pelos USA durante o esforço da guerra contra o nazi-fascismo.

É indispensável ir criando condições que apontem claramente para o desarmamento. Na recente Conferência de Viena (inícios

Continua na pág. 22

comunicação social

Ante asfixia financeira

Tónica dos quadrantes político-partidários

— "sim" à ANOP

O PCP classificou de «clamorosa ilegalidade» e «abuso de poder» a recusa do Govero em atribuir à ANOP uma dotação orçamental. Em nota da secção de informação e propaganda, o PCP afirma que essa recusa do «Governo demitido do PSD e CDS» criou «uma situação que impede o pagamento dos salários aos trabalhadores e retira à empresa os recursos financeiros necessários para pagamento de serviço a numerosos fornecedores. Por isso, o funcinamento da ANOP se encontra, de imediato, seriamente ameaçado».

Para o partido em questão, «a paralisação da ANOP em plena campanha eleitoral traduzir-se-ia num maior controlo e instrumentalização de toda a Comunicação Social pelos partidos do Governo, PSD e CDS».

O «estrangulamento financeiro» da ANOP constitui, para o PCP, a continuação do projecto de liquidação da agência, cuja possibilidade legal foi negada pela não promulgação do decreto de extinção da empresa.

«O Governo Balsemão, mesmo depois de demitido, recusa-se a cumprir aquilo a que tinha e tem estrita obrigação política e constitucional, que é garantir à ANOP condições financeiras que viabilizem a sua actividade e lhe permita cumprir os objectos que, constitucionalmente, lhe estão atribuídos», afirma-se na nota do PCP..

Talvez «alguns erros...»

Também o secretário-coordenador do PS/ Madeira, Jardim Fernantes, manifestou a sua «condenação pelo que se está a passar em relação à ANOP».

O dirigente socialista acrescentou que se trata de «mais um exemplo da desastrosa política que vem sendo seguida pelo Governo da Aliança Democrática e de mais uma tentativa para limitar a liberdade de informação em Portugal».

«A ANOP pode ter alguns erros, mas a verdade é que prestou e presta uma preciosa actividade digna de apreço, quer a nível interno, quer a nível externo, não havendo, por isso, quaisquer razões para que seja extinta» – acentuaria Jardim Fernandes.

O cabeça de lista do PS/ Madeira às próximas eleições manifestou a sua discordância perante a «utilização de dinheiros públicos para a viabilização de outra agência quando, na realidade, essas verbas devem ter em consideração, prioritariamente, o funcionamento da ANOP apesar de ser um facto a existência de uma outra agência».

«O PS/Madeira – diria, ainda, Jardim Fernandes – acha que deverá ser tomada uma posição e as medidas adequadas no sentido de não deixar a ANOP desaparecer e para que sejam assegurados, para além da sobrevivência da própria agência, os postos de trabalho dos que nela trabalham e exercem a sua actividade».

«Inconsciência política»

Por sua vez, o vice-presidente do PSD/Madeira e candidato às próximas eleições, Nélio Mendonça, exprimiu igualmente o seu «total desacordo com o que se passa em relação à ANOP».

Nélio Mendonça acrescentou manter-se solidátio com as posições assumidas pelo presidente do seu partido e do Governo Regional, «embora essa talvez possa não ser a minha opinião pessoal».

O cabeça de lista social-democrata pela Madeira às eleições de 25 de Abril afirmou-se «frontalmente contra a asfixia financeira da ANOP, o que vem provocar um agravamento da situação, por se tratar da altura da campanha eleitoral».

Também António Gil Silva, secretário-geral dos sociais-democratas madeirenses e coordenador da campanha eleittoral do partido, considerou que se trata de «mais uma medida de inconsciência política».

«Compromissos a cumprir»

Igualmente o vice-presidente do CDS/Madeira, José António Gonçalves, disse que o seu partido entende que «até ser resolvida a a questão da agência, o Governo deve cumprir os seus compromissos».

José António Gonçalves, jornalista e candidato democrata-cristão às próximas eleições legislativas, acrescentou que o Executivo deverá «resolver as questões laborais da agência e preservar o seu eficaz funcionamento, contribuindo para uma informação mais equilibrada e pluralista».

No entanto, o dirigente democrata-cristão referiu que o CDS/Madeira considera que a ANOPO «no enquandramento actual da Comunicação Social portuguesa poderá ser extinta».

«Resolver a situação»

Na óptica, por outro lado, do PCP/Madeira, João Bernardino, «a situação criada à ANOP e em particular aos seus trabalhadores é bem um dos graves reflexos da desastrosa acção do Governo AD».

No Porto, o presidente do MDP/CDE, José Manuel Tengarrinha, afirmaria, por seu lado, que uma das primeiras e principais coisas que o Governo que sair de 25 de Abril tem de fazer «é resolver a situação da ANOP».

«É perfeitamente incrível todo o processo que foi criado e desencadeado pelo Governo de Balsemão, que visava a extinsção da agência» – sublinhou Tengarrinha numa breve conversa com os jornalistas.

Para o enterrar em Lisboa

Comunidade islâmica quer corpo de muçulmano executado sábado em Maputo

A comunidade islâmica de Lisboa lançou um apelo ao Governo da República Popular de Moçambique para que seja entregue à família o corpo do comerciante muçulmano Gulam Nabi, executado em Maputo no passado sábado.

Em telex enviado ao presidente Samora Machel, a comunidade pediu o corpo desse e de qualquer outro muçulmano que houvesse entre os seis moçambicanos executados, a fim de serem enterrados de acordo com a tradição islâmica.

Uma circular ontem distribuída em Lisboa diz que a mesma comunidade conseguira mobilizar entidades religiosas de diferentes confissões e figuras políticas de diversos quadrantes para que intercedessem junto de Moçambique no sentido de não se concretizar a execução, decidida em 3 de Abril por um Tribunal Especial de Maputo.

No mesmo sentido, – afirma – tinham actuado as comunidades islâmicas de Londres, África do Sul, Zâmbia e Zimbabwe.

VISITE
A
CHECOSLOVÁQUIA

JULHO — 9 a 21
Praga e Região dos Tatras, Lidice.
AGOSTO — 6 a 18
Praga, Medlov, Lidice.
Todas as despesas incluídas.
Visitas sociais e programa cult.

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NA:

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-CHECOSLOVÁQUIA
RUA ARTILHARIA UM, 105-4.º – TEL. 68 85 87 – LISBOA
EM COLABORAÇÃO COM A AG. MUNDIRAMA

O atentad

O marroquino q
Judiciária, como pre
ontem vitimou o dirige
apresentado ao juiz de
até ao fim da tarde de
Yousis é residente en
Portugal, desde o dia
Fénix, às 17 horas e
chegado às 14 horas,
um táxi para Lisboa.
passaporte falso, nã
mento no atentado. I
arma de calibre 9 mm,

O grupo de Abu Nidal
autodenominado
mando Ibérico Antiterrorista
vindicaram, ainda ontem, o
tado que vitimou, em M
choro, o delegado da Orga
ção de Libertação da Pale
(OLP) ao Congresso da Int
cional Socialista, Issam Sa
Interrogado sobre a reivin
ção do atentado pelo grup
Abu Nidal, o representant
OLP, em Madrid, Hussein A
Khalik, afirmou, à sua che
ao Aeroporto de Lisboa: «
mos habituados a ouvir e
declarações, atribuindo este
de acções a grupos pales
nos, mas queremos afirmar
vez mais, como temos feit
outras ocasiões, que este f
acto dos serviços de esp
gem israelitas». Também Ya
Arafat, que se encontra
Yémen do Norte, acusou os
viços israelitas de mais
atentado. A mesma acusaç
ainda partilhada por Anwar
Eishen, o acompanhante de
tawi, ferido durante o aten
de ontem, que afirmou: «
sassinato só pode ter sido
operação planeada pela p
secreta israelita».

«Somos responsáveis
operação de Montec
Confirmaram-nos telefo
mente o seu êxito. Publi
mos, dentro em breve, um
municado pormenorizado»
o conteúdo do telefonema,
gido ao escritório da age
France-Presse, em Beirute
um porta-voz do grupo de
Nidal, o «Fatah Revolucion
(dissidente da OLP). Às 14 h

Con

Falando na abertura da
são final do 16.º Congres
Internacional Socialista d
do minuto de silêncio gua
em memória de Issam Sart
presidente da IS, Willy B
considerou necessário red
esforços para evitar mais v
no Médio Oriente. Referin
ao representante da OLP, B
sublinhou: «ele era um advo
da compreensão.»

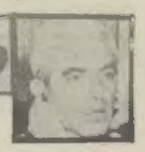
Igualmente visivelmente
movido, Wallid Jumblatt,
gente do Partido Progressi
banês afirmou, em breves
vras: «a causa palestinia
uma causa justa (...) Esper
seja a última vítima, mas
dúvidas.»

Por seu lado, o char
austríaco Bruno Kreisky, u
mais árduos defensores
causa palestiniana, afi
ontem em Innsbruck, que,
morte de Issam Sartawi a O
nização de Libertação da P
tina perdeu «um dos seus
mens mais corajosos e intel
tes».

«Há anos que Sartaui se
ameaçado. Mas era muito
joso e não cedia ao receio
que estava persuadido de
desempanhava uma m
para o seu povo», afi
Kreisky.

Igual comentário foi expre
ontem em Montechoro po

O atentado de Montechoro • O atentado de Montechoro • O atentado



O marroquino detido no Hotel Fénix nada confessou sobre o assassínio

O marroquino que ontem foi detido pela Polícia Judiciária, como presumível autor do atentado que ontem vitimou o dirigente da OLP, Issam Sartaui, será apresentado ao juiz de Instrução Criminal ainda hoje ou até ao fim da tarde de amanhã. Com 26 anos, Al Awad Yousis é residente em Casablanca e encontra-se em Portugal, desde o dia 8 de Abril. Foi detido no hotel Fénix, às 17 horas e trinta minutos de ontem, tendo aí chegado às 14 horas, vindo de Albufeira, onde apanhou um táxi para Lisboa. Yousis, que é portador de um passaporte falso, não confessou qualquer envolvimento no atentado. Issam Sartaui foi morto por uma arma de calibre 9 mm, com silenciador, tendo o autor do atentado escapado, após ter saltado um muro. Foi perseguido, durante 150 metros, por dois agentes da PSP...

«O meu povo tem sofrido sozinho para redimir o mundo e modificá-lo para melhor», afirmava Issam Sartaui, numa mensagem dirigida a Willy Brandt. Pouco depois, o dirigente da OLP, acompanhado do seu secretário, Anuar Abu Eishen, era abatido a tiro no hall do hotel de Montechoro. Eram 9 horas e sete minutos da manhã de ontem, e Sartaui, atingido na nuca, jazia no chão. Ferido numa coxa, Eishen, chorando, abraçava-se ao corpo do dirigente da OLP...

O corpo de Issam Sartaui encontra-se ainda em Portugal, mas o partido «Shelli» (esquerda israelita) pediu já, ontem à noite, ao governo de Israel, para autorizar as exéquias de Sartaui na sua localidade natal, Sarta, na Cisjordânia. O chefe religioso daquela comunidade afirmou ontem que estão «extremamente emocionados com o assassínio e desejam poder prestar uma última homenagem a um dos seus filhos mais ilustres». Recorde-se que as autoridades israelitas têm-se oposto ao repatriamento para a Cisjordânia dos restos mortais de outros dirigentes da OLP. Por isso, um dia, uma mulher palestiniana dizia a Arafat: «O que nos podem fazer... que nem terra temos, para enterrar os nossos mortos».

O grupo de Abu Nidal e um autodenominado Comando Ibérico Antiterrorista reivindicaram, ainda ontem, o atentado que vitimou, em Montechoro, o delegado da Organização de Libertação da Palestina (OLP) ao Congresso da Internacional Socialista, Issam Sartawi. Interrogado sobre a reivindicação do atentado pelo grupo de Abu Nidal, o representante da OLP, em Madrid, Hussein Abdel Khalik, afirmou, à sua chegada ao Aeroporto de Lisboa: «Estamos habituados a ouvir essas declarações, atribuindo este tipo de acções a grupos palestinianos, mas queremos afirmar, uma vez mais, como temos feito em outras ocasiões, que este foi um acto dos serviços de espionagem israelitas». Também Yasser Arafat, que se encontra no Yémen do Norte, acusou os serviços israelitas de mais este atentado. A mesma acusação é ainda partilhada por Anwar Abu Eishen, o acompanhante de Sartawi, ferido durante o atentado de ontem, que afirmou: «o assassinato só pode ter sido uma operação planeada pela polícia secreta israelita».

«Somos responsáveis pela operação de Montechoro. Confirmaram-nos telefonicamente o seu êxito. Publicaremos, dentro em breve, um comunicado pormenorizado» este o conteúdo do telefonema, dirigido ao escritório da agência France-Presse, em Beirute, por um porta-voz do grupo de Abu Nidal, o «Fatah Revolucionário» (dissidente da OLP). Às 14 horas e 30 minutos, a delegação da ANOP, no Porto, recebia também um telefonema no qual o atentado era reivindicado por um autodenominado Comando Ibérico Antiterrorista. Na chamada, que durou poucos segundos, um homem com forte sotaque castelhano, definiu o assassínio de Issam Sartawi como uma acção conforme aos «mais altos valores do patriotismo judaico».

No entanto, pouco depois, era divulgado em Damasco, o comunicado do grupo de Abu Nidal, que tinha sido anunciado no primeiro telefonema.

O filme do atentado

São 9 horas e 5 minutos da manhã de ontem. Issam Sartawi, encontra-se no «hall» do hotel de Montechoro com o seu secretário, Anwar Eisheh, junto à recepção. Às 9 horas e sete minutos, um homem alto, jovem, de fato acastanhado e de óculos entra no «hall». O «hall» é uma superfície vasta, com uma facha da de vidro que permite que seja visto do exterior. O desconhecido, que se aproxima de Sartawi, alveja-o pelas costas, fazendo duas séries de disparos. Uma das balas, pelo menos, atinge Sartawi na nuca. Outra, atinge na perna Esihed, que se lança a chorar sobre o corpo do dirigente da OLP. Às 9 horas e oito minutos, o autor do atentado está já no exterior do hotel, de onde saiu num passo apressado. Dois agentes de segurança vão no seu encalço e disparam três tiros. Então começa a correr. Os guardas perseguem-no durante algumas centenas de metros, até que o assassino, saltando um muro, desparece na zona de «bungallows» do aldeamento turístico de Montechoro.

Um dos guardas que perseguiu o autor do atentado, em declarações à Rádio Comercial, afirmou estar certo de ter atingido o autor do atentado com um tiro, «talvez num ombro». Afirmação que, a confirmar-se a culpabilidade do marroquino, ontem detido em Lisboa, não corresponde à realidade.

Entretanto, Issam Sartawi jaz, no «hall» do hotel, no meio de uma poça de sangue. Rui Mateus, dirigente do PS para os assuntos internacionais, chega ao local do atentado momentos depois deste se ter consumado e corre a informar do sucedido os membros do Bureau da IS reunidos numa sala perto. Mário Soares, presente na reunião, informa de imediato o Presidente da República e o Primeiro-Ministro, que ordenou a montagem de um regime de alerta especial em todas as fronteiras, a fim de reduzir as possibilidades de o autor do atentado abandonar o País.

Felipe Gonzalez telefona de Montechoro para Madrid e idênticas medidas são tomadas pelas autoridades espanholas, na zona fronteiriça com Portugal.

Ao fim da manhã, cerca das 11 e 20, o corpo de Issam Sartaui, coberto com um cobertor castanho escuro, é transportado por uma aubulância dos Bombeiros Voluntários de Albufeira para uma casa mortuária desta vila Anwar Eisheh é transportado para o Hospital de Faro, ferido com perfuração de coxa por uma bala que, ao sair, raspou ainda a outra perna. Eisheh, de 31 anos, encontrava-se, ainda esta manhã, no hospital, sendo quase certo, contudo, que tenha hoje a ter alta.

Segundo a ANOP, o militante da OLP teria afirmado que, na altura dos disparos, «não vinada». No entanto, a France-Presse afirma que, em declarações aos microfones da «France Inter», Eisheh teria dito que avistou dois ou três atiradores durante o atentado. «O primeiro disparou contra mim», disse Eisheh, «e nessa altura, o doutor Sartaui, que teve de se voltar para ele, tornou-se o seu alvo. Quando caí para terra vi outro homem disparar».

Suspeitos detidos

Enquanto se reforçava a vigilância nas fronteiras portuguesas e espanholas, e a GNR fazia «stops» em alguns cruzamentos de estradas, o Congresso da Internacional Socialista retomava, ontem de manhã, os seus trabalhos em estado de choque, tendo guardado um minuto de silêncio em homenagem a Sartaui. O dirigente do PS Rui Mateus informou, entretanto, que o Governo português fora avisado de que a presença de membros de algumas delegações ao congresso poderia criar o perigo de eventuais atentados. Aquele dirigente socialista lamentaria, ainda, que o Governo apenas tenha concedido protecção a membros de Governos, mas não a outras pessoas. Segundo ele, tinha-se, também, notado, nos últimos dias, uma escassez de agentes de segurança quer de dia quer de noite.

No entanto, os guardas que perseguiram o autor do atentado afirmaram que este sabia a hora a que a maioria dos agentes se encontrava ocupada a escoltar, até ao hotel, personalidades políticas hospedadas em outros locais.

A prisão do marroquino

Entretanto, agentes da secção de Justiça da Polícia Judiciária prenderam ontem, às 17 horás e trinta minutos, no Hotel Fénix, em Lisboa, o marroquino Al Awad Yousis (nome constante do seu passaporte). A detenção seguiu-se a uma denúncia feita pelo próprio hotel, embora a Judiciária não o confirme. O marroquino, de 26 anos, residente em Casablanca, não ofereceu resistência aos agentes. Tendo primeiro sido conduzido para o Comando Distrital de Lisboa da PSP, o marroquino passou depois para a Direcção Central do Combate ao Banditismo, na Rua José Malhoa, onde se encontra, esperando-se que ainda hoje ou amanhã seja presente a um juiz de instrução criminal.

Embora o documento divulgado esta manhã pela Judiciária se diga não estar ainda confirmada «viciação dos seus documentos, nem a falsificação do dinheiro que consigo transportava», sabe-se já que o passaporte de Yousis é falso. Quanto ao dinheiro, ele trazia consigo 10 990 escudos, algum dinheiro iraquiano, além de 2240 dólares americanos, entre os quais algumas notas de 100 são falsas.

Al Awad Yousis entrou em Portugal no dia 8 de Abril, por Valência de Alcântara, e chegou ontem ao hotel Fénix, às 14 horas, vindo de Albufeira, onde apanhou um táxi que o transportou até Lisboa. Pensava-se primeiro que aquele suspeito teria estado hospedado no aldeamento turístico de Montechoro. No entanto, em contacto hoje de manhã com a recepção daquele aldeamento foi-nos dito que tal não era verdadeiro. Yousis apresentava uma esfoladela numa perna quando foi detido.Na sua bagagem, os agentes da PJ encontraram um par de calças castanhas e um camisolão aberto, da mesma cor, semelhante a um casaco. A sua mala é do tipo «James Bond» e não trazia arma consigo quando foi detido.

Quanto ao outro suspeito, trata-se de um colombiano, portador de uma carteira de jornalista espanhola e que se encontrava, com estatuto de «free-lancer» a fazer a cobertura do Congresso da IS: o colombiano foi interrogado no «hall» do hotel, perante 20 polícias e jornalistas.

Entretanto a PJ anunciou que «prosseguem as diligências para localização de um táxi, cujo condutor, a meio da manhã de ontem, se furtou a um controlo de uma patrulha da GNR».

Consternação em todo o mundo

Falando na abertura da sessão final do 16.° Congresso da Internacional Socialista depois do minuto de silêncio guardado em memória de Issam Sartawi, o presidente da IS, Willy Brandt considerou necessário redobrar esforços para evitar mais vítimas no Médio Oriente. Referindo-se ao representante da OLP, Brandt sublinhou: «ele era um advogado da compreensão.»

Igualmente visivelmente comovido, Wallid Jumblatt, dirigente do Partido Progressista libanês afirmou, em breves palavras: «a causa palestiniana é uma causa justa (...) Espero que seja a última vítima, mas tenho dúvidas.»

Por seu lado, o chanceler austríaco Bruno Kreisky, um dos mais árduos defensores da causa palestiniana, afirmou ontem em Innsbruck, que, com a morte de Issam Sartawi a Organização de Libertação da Palestina perdeu «um dos seus homens mais corajosos e inteligentes».

«Há anos que Sartaui se sabia ameaçado. Mas era muito corajoso e não cedia ao receio porque estava persuadido de que desempanhava uma missão para o seu povo», afirmou Kreisky.

Igual comentário foi expresso, ontem em Montechoro por Michael Foot e Olof Palme, em Estocolmo. Ambos os dirigentes políticos acentuaram a coragem do conselheiro político de Arafat, o seu trabalho em prol da paz, e condenaram o atentado que o vitimou.

OLP responsabiliza Israel

Yasser Arafat, presidente do Comité Executivo da OLP, afirmou ontem que Issam Sartawi tinha sido assassinado por «mãos manipuladas pelos serviços de informações israelitas».

Dirigindo-se aos combatentes palestinianos do campo dos mártires de Sabra e Chatila, perto de Sanaa, Arafat saudou «a atitude do mártir e a sua coragem na defesa do direito palestiniano e da justa causa do povo palestiniano». O chefe da OLP salientou que «o assassínio de Issam Sartawi ocorre quando o povo palestiniano çomemora o assassínio de três dos seus dirigentes em Beirute, no dia 10 de Abril de 1973, durante um 'raid' israelita».

Também a agência oficial soviética TASS fez suas, ontem à tarde, as acusações formuladas contra os serviços especiais israelitas pelo secretário do Conselho Nacional Palestiniano (CNP), Mohammed Sebih, na sequência do assassínio de Issam Sartaui.

Por outro lado a agência líbia «Jama» alude ao comunicado onde o grupo de Abu Nidal – que reivindicou em Beirute a responsabilidade do assassínio de Sartaui acusava em 9 de Março último Sartaui de ter «pago luvas» ao jornal britânico «The Guardian» para que este publicasse informações denunciando um membro do grupo acusado de ter tentado em Junho de 1982 assassinar o embaixador de Israel em Londres, Shlomo Argov.

Como biografia de Sartaui, a agência líbia limita-se a referir os contactos «secretos» e públicos que teve com «os sionistas» e as reacções «hostis» suscitadas por esses contactos no mundo árabe.

A notícia do assassinato, de Issam Sartaui, um dos artífices do diálogo israelo-palestiniano, foi recebida sem emoção pelas autoridades israelitas e com consternação pelos partidários israelitas da Paz.

O general na reserva Mattityahu Peled, membro fundador do comité «pela paz israelo-palestiniana», salientou a coragem de Sartaui. «Todos o ameaçam, acentuou o general: o grupo de Abu Nidal, os serviços especiais iraquianos, líbios, sírios.

Ele nunca fez marcha atrás, nunca cedeu na sua convicção da paz necessária entre os povos israelitas e palestiniano», disse Peled.

Uri Avnery, a personalidade mais conhecida em Israel pelos seus contactos com Sartaui, afirmou, por seu turno, que «a atitude dos outros representantes palestinianos do Conselho Nacional Palestiniano em Argel tinha ditado a sua sorte

Israelita substituiu Issam Sartaui

O jornalista israelita Ilan Halevy foi encarregado pelo chefe da OLP, Yasser Arafat, de representar a central palestiniana durante a sessão de encerramento do Congresso da Internacional Socialista, que terminou ontem os seus trabalhos, anunciou hoje a missão da OLP em Paris.

«Consciente da importância que o diálogo com as forças da Internacional Socialista reveste, a OLP tomou essa decisão para não permitir às forças hostis a esse diálogo explorarem o desaparecimento de Issam Sartaui», acrescenta a mesma fonte.

Os observadores realçam que é a primeira vez que um israelita é encarregado, oficialmente, de uma missão, pela OLP. Ilan Halevy é autor, designadamente, de um livro intitulado «Sob Israel, a Palestina».

MONTEPIO GERAL

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS — FUNDADA EM 1840

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

(a realizar, por motivo de obras no edifício da Sede, na ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA, Rua das Portas de Santo Antão, 89 — Lisboa)

Prossegue hoje dia 11, segunda-feira, pelas 21 horas, na Associação Comercial de Lisboa, Rua das Portas de Santo Antão, n.º 89, a Assembleia Geral Ordinária, que teve início no dia 30 de Março p.p.º, e respeitará aos dois números finais da ORDEM DE TRABALHOS, a saber:

5 — Apreciar e votar os pareceres da Direcção sobre duas propostas apresentadas pelo sócio referido no n.º 4 (sócio n.º 24 310), na Assembleia Geral de 21/12/82.

6 — Apreciação de parecer da Comissão especial sobre a modificação do «Regulamento das Assembleias Gerais do Montepio Geral de Lisboa» e eleição de Comissão de três sócios para elaborar o trabalho de alteração do dito regulamento.

Lisboa, 7 de Abril de 1983.

O atentado de Montechoro • O atentado de Montechoro • O atentado

Em Paris usava colete à prova de bala

A OLP tinha-o aconselhado a "manter-se abrigado"

Várias vezes ameaçado nos últimos tempos, Sartawi recebera o conselho, por parte da OLP, de se «manter abrigado» durante alguns meses – declarara ele próprio à agência France Presse, na capital francesa.

Essas ameaças seguiram-se a um encontro oficial em Tunis entre o chefe da OLP, Yasser Arafat, e várias personalidades israelitas, incluindo o general Matti Peled, encontro que fora um êxito para a acção diplomática de Sartawi. Em Março, recebeu de várias fontes «avisos», alguns explícitos.

UM comunicado do grupo «Abu Nidal», telefonado à agência France-Presse em Paris e publicado ao mesmo tempo por um jornal árabe em Londres, tinha acusado nomeadamente Sartawi de ter «vendido» informações ao jornal «The Guardian», a respeito do atentado contra o embaixador de Israel em Londres, Shlomo Argov, gravemente ferido em Junho de 1982. O jornal britânico, por ocasião do julgamento dos autores deste atentado, acusou Abu Nidal de trabalhar para os Serviços Secretos Iraquianos, explicando que o chefe do comando que tinha atacado Argov era um coronel iraquiano.

Na semana seguinte, o jornal alemão «Die Welt» tinha afirmado que, numa reunião secreta no final da sessão do Conselho Nacional Palestiniano, dirigentes da OLP haviam condenado à morte Issam Sartawi, pela sua atitude «excessiva» na abertura com os israelitas.

Issam Sartawi tinha considerado a informação como totalmente infundada e afirmou que «tentavam confundir antecipadamente as pistas». Mas disse a um jornalista da agência France-Presse que lamentava que a central palestiniana não tivesse desmentido tal informação.

Issam Satawi concluíra que era procurado pelo grupo Abu Nidal, que acusava. Afirmou-o, nomeadamente numa conferência de Imprensa em Julho de 1982 em Paris, de tabalhar para os Serviços Secretos Israelitas.

Como não era o representante oficial da OLP em Paris – onde residia – Sartawi beneficiava de protecção policial reduzida e não se sentia em segurança em parte nenhuma. A sua principal protecção era um simples colete à prova de balas. Apesar dos conselhos recebidos da OLP nestas últimas semanas, tinha decidido prosseguir os seus esforços porque, explicara ele à agência France-Presse, o seu trabalho era «mais importante do que nunca», desde que Arafat tinha recebido os responsáveis do Comité Israelita para a Paz em Tunis.

Eanes enviou condolências a Willy Brandt e Arafat

EM telegrama ontem enviado ao presidente da IS, Willy Brandt, o Presidente da República, general Ramalho Eanes, diz que «profundamente chocado com a notícia do brutal assassínio do senhor Issam Sartawi delegado da OLP à vossa reunião, venho apresentar-lhe as minhas condolências na sua qualidade de presidente da Internacional Socialista». «Em meu nome e do povo português», continua o texto, «condeno com veemência este trágico acontecimento, que enlutou a cimeira presidida por vossa excelência no nosso país.»

No telegrama enviado para o líder da OLP, Yasser Arafat, para Tunis, o Presidente português diz que «é meu dever endereçar-lhe a expressão das minhas sinceras condolências pela morte do senhor Issam Sartawi, vítima de brutal assassínio no decorrer da reunião da Internacional Socialista realizada em Portugal. Lamentando tão trágico acontecimento, que ocorreu no nosso país, peço-lhe que transmita em meu nome e em nome do povo português os pêsames que me sinto obrigado a apresentar-lhe e aos palestinos representados pela OLP».

Por seu lado, o primeiro ministro, Pinto Balsemão, reafirmou ontem em Mirade Aire, no decorrer de uma visita àquela vila, a sua condenação do atentado.

Balsemão afirmou que o Governo português condena o «terrorismo internacional» em todas as circunstâncias e que «não são de admitir quebras à legalidade democrática venham elas de terroristas internacionais ou de minorias de portugueses».

De manhã, o primeiro-ministro português, segundo o próprio afirmou à Anop, tinha dado instruções aos ministros da tutela para que fossem tomadas as medidas de segurança necessárias para a captura dos assassinos de Sartawi.

Balsemão endereçou igualmente um telegrama de pesar ao «bureau» político da OLP, tendo enviado o seu chefe de gabinete a Montechoro para apresentar condolências ao presidente da Internacional Socialista, Willy Brandt, e ao anfitrião do Congresso da IS, Mário Soares. O dirigente do Partido Socialista português, muito emocionado com o atentado, referiu-se pouco depois deste acto de terrorismo, às relações de «amizade e de afectividade» que mantinha com Issam Sartawi, antigo representante da Organização de Libertação da Palestina na Europa.

«Uma vez mais, o terrorismo internacional, os profissionais do terrorismo, levaram a melhor», afirmou Soares depois de considerar que este acto nada tem a ver com Portugal e com os portugueses. «Mesmo nos locais de maior protecção, em todo o mundo, ocorrem actos dramáticos como este», acentuou o dirigente socialista português, que frisaria que não foi por «falta de protecção» que se verificou o atentado contra Sartawi. «Os elementos do corpo especial de protecção a dirigentes políticos estavam no local onde tudo se passou», finalizou Mário Soares. Entretanto, o dirigente do PS enviou ao princípio da tarde de ontem para Yasser Arafat, presidente da OLP, um telegrama de condolências em que afirma que o assassínio de Sartawi representou «um acto de violência inqualificável que merece a repulsa de todas as consciências bem formadas do mundo, quaisquer que sejam as suas convicções».

Exigido inquérito

Suleiman Valy Mamede, responsável pelo pelouro do mundo árabe da Comissão de Relações Internacionais do PSD, exigiu a instauração de um inquérito imediato «para se apurar toda a verdade sobre este crime político cometido em solo português». Depois de condenar o atentado, Valy Mamede defendeu que a solução pacífica do conflito israelo-árabe teria que tomar sempre em conta os legítimos direitos do povo palestiniano.

Também o Partido Comunista Português, em nota da SIP, considera «absolutamente necessário e indispensável» que sejam tomadas pelas autoridades portuguesas «as medidas mais prontas, decididas e eficazes, para a rápida investigação deste crime repugnante, para a detenção, julgamento e castigo dos seus executores e para a responsabilização dos seus mandantes».

Os comunistas portugueses sublinham ainda que o atentado de Montechoro se insere no «rol monstruoso de crimes contra o povo palestiniano e de atentados contra os seus dirigentes, pelos quais são inequivocamente responsáveis os dirigentes sionistas de Israel». O PCP reafirmou, segundo afirmou à ANOP um seu dirigente, «à OLP a fraternal e combativa solidariedade dos comunistas portugueses para com a luta do povo palestiniano pelo direito à autodeterminação e pela edificação de um Estado independente e soberano».

Adriano Moreira, dirigente do CDS, condenou o atentado como «forma de terrorismo organizado». Gomes de Pinho, vice-presidente da comissão política dos centristas afirmou à ANOP que o seu partido «repudiava vivamente» o atentado cometido contra o delegado da OLP ao Congresso da Internacional Socialista de Montechoro. Falando na Guarda, antes de um comício do seu partido, Gomes de Pinho acentuou que o CDS condena «todas as formas de violência, que nenhum tipo de argumentos políticos pode justificar».

Em comunicado, o MDP/CDE considerou ontem que o assassínio de Sartawi «calou uma voz que exprimia o anseio de um povo à Paz e à Liberdade». «Tal voz foi calada», precisa o comunicado, «num momento em que a esperança se abria».

Também o Secretariado Nacional da UEDS manifestou o «mais vivo repúdio pelo assassínio de Issam Sartawi, enquanto expressa a sua renovada solidaridade à OLP com a certeza de que a perda deste dirigente não fará esmorecer a luta pelo reconhecimento do direito do povo palestiniano à sua própria Pátria».

Por seu lado, Borges de Carvalho, do PPM lamentou «profundamente o sucedido, afirmando ser incompreensível que o atentado tenha sido possível numa reunião daquele nível. O dirigente monárquico chamou a atenção para «a necessidade imperiosa de reformular as forças de segurança».

A UDP manifestou ontem a sua solidariedade aos «camaradas combatentes da OLP», a propósito do assassínio de Issam Sartawi em Montechoro enviando condolências à Organização e à família do malogrado.

Em comunicado, A UDP afirma que «a culpa desta situação é proveniente da protecção e liberdade que os bombistas e assassinos têm no nosso país».

Por seu lado a Associação dos Amigos dos Países Árabes manifestou ao princípio da tarde de ontem a sua revolta pelo assassínio de Issam Sartawi, pelo qual responsabilizou o sionismo.

O que é o "Grupo Abu Nidal"

O grupo Abu Nidal, movimento palestiniano dissidente da Organização de Libertação da Palestina, que revindicou o assassinato de Issam Sartaui, em Portugal, tem o nome de guerra de um advogado palestiniano, Sabri Khalil Al-Banna, considerado, desde há dez anos, com um dos «cérebros» do terrorismo internacional.

Excluído do Fatah, principal organização da OLP, de que foi um dos fundadores com Arafat, Abu Nidal, condenado à morte por um tribunal revolucionário palestiniano em 1973, dirige desde então o Conselho Revolucionário do Fatah. Opõe-se a toda e qualquer solução negociada para o Próximo Oriente.

Numa primeira etapa, Nidal refugia-se em Bagdad, que na altura era a capital dos duros do mundo árabe, e a partir de 1980 em Damasco, e finalmente, em princípios de 1982, de novo em Bagdad, embora mantendo uma representação em Damasco.

Durante a sua primeira estadia no Iraque, organiza atentados anti-sírios, sob a capa da Organização Junho Negro, assim chamada em memória da intervenção síria contra os palestinianos no Líbano em Junho de 1976.

Lança também operações espectaculares e devastadoras, tanto contra importantes representantes da OLP no estrangeiro, como contra instituições judaicas, a fim de, ao que parece, manchar a reputação da Organização junto da opinião ocidental e desencorajar os palestinianos de seguirem os pontos de vista de Arafat.

O grupo Abu Nidal reivindicou em particular o atentado contra a sinagoga de Viena (Agosto de 81), a tentativa de assassinato do embaixador de Israel em Londres (Junho 82), bem como inúmeros atentados contra dirigentes da OLP (em 1978, Ezzedin Kalaq, em Paris, e Said Hamani, em Londres, e, em 1981 Naim Kader, em Bruxelas).

Abu Nidal foi também implicitamente posto em causa por Gaston Deferre, ministro francês do Interior, quando do atentado da Rue des Rosiers, em Paris, em Agosto de 1982. Também recaiu sobre ele a suspeita de estar na origem de dois atentados contra dois diplomatas koweitianos em Setembro de 1982 em Madrid e Karachi.

Em Janeiro de 1983, o grupo Abu Nidal reivindicava o atentado contra um autocarro israelita em Telavive, o qual causou uma dúzia de feridos.

O que os telespectadores puderam ontem ver: pormenor da cabeça do dirigente palestiniano, vendo-se uma das feridas provocadas por projécteis de 9 mm

Novo golpe nas tentativas de diálogo entre Israel e os palestinianos

René Naba
(Agência France Presse)

PELA quinta vez em menos de dez anos, o tímido diálogo Israelo-palestiniano, que tentava instaurar-se, foi ensanguentado pelo assassínio, em Portugal, de Issam Sartawi, um dos principais iniciadores de uma aproximação entre palestinianos e israelitas.

O dr. Sartawi, conselheiro diplomático de Yasser Arafat e encarregado dos contactos com a Internacional Socialista, que vivia em Paris, é assim o quinto responsável palestiniano na Europa, defendendo a abertura, que caiu sob as balas, depois de Said Hamami, representante da OLP em Londres, Ezzedine Kalaq (França), Fadl Dani, adjunto do chefe da delegação da OLP em Paris, e Naim Khader, que representava a OLP em Bruxelas.

Issam Sartaui, cirurgião cardiologista que se tornou chefe de uma organização de guerrilha, desejava uma reconciliação israelo-palestiniana passando por uma aproximação entre o Oriente e o Ocidente.

O seu assassínio, constatam os observadores, ocorre quando tinha acabado de conseguir parcialmente satisfação para as suas tentativas de fazer admitir a OLP na Internacional Socialista, apesar da oposição do Partido Trabalhista Israelita.

Em Janeiro último, em Tunis, Yasser Arafat havia caucionado com a sua presença os contactos israelo-palestinianos – para os quais Sartaui trabalhava desde 1975 – ao presidir a uma reunião de trabalho com o «Comité Israelita para a Paz Israel-Palestina», representado pelo general Matty Peled e Uri Avneri, antigo deputado.

Apesar dos êxitos políticos que teve à custa de um esforço tenaz e da estima dos seus interlocutores europeus, nomeadamente do chanceler austríaco Bruno Kreisky, Issam Sartawi, personagem controversa, fazia figura de pioneiro, por muito tempo mantido afastado das instâncias dirigentes da OLP.

Arafat, em pessoa, tinha-o proibido de usar da palavra no Conselho Nacional Palestiniano (CNP, Parmaneot), em Argel, em Fevereiro último, para evitar uma confrontação directa entre o seu conselheiro diplomático e os seus detractores. Ameaçou, então, demitir-se do CMP, mas anulou a sua decisão a pedido do chefe da OLP.

Durante a guerra do Líbano, no Verão passado, Issam Sartawi não cessara de denunciar o papel do dissidente palestiniano Abu Nidal, condenado à morte à revelia pela OLP, que acusava de ter fornecido um pretexto a Israel para invadir o Líbano, ao fazer levar a efeito um atentado contra o embaixador israelita em Londres, Shlomo Argov, no começo de Junho.

Issam Sartawi dissera, por várias vezes, a jornalistas, que se sabia ameaçado por Abu Nidal, um «renegado ao serviço do Mossad (serviços secretos israelitas), segundo dizia.

A sua morte em Portugal, quando assistia aos trabalhos da Internacional Socialista, ocorre num momento-chave da evolução da situação no Próximo Oriente, notam os observadores.

O presidente Ronald Reagan, que desejava sair rapidamente do duplo inpasse, no Líbano e na questão palestiniana, tem feito pressão com o rei Hussein da Jordânia para se associar ao processo de paz israelo-árabe e promete em troca fazer tudo o que puder para travar a colonização israelita intensiva dos territórios ocupados.

Mas nas negociações jordano-palestinianas, que decorreram esta semana em Amã, levantaram-se fortes oposições tanto do lado da OLP como de certos países árabes, hostis a qualquer delegação de poder na pessoa do nomarca hachemita, para a realização do plano de Reagan, a que Israel se opõe fortemente desde que foi anunciado, há sete meses.

Quem era Sartaui

Braço direito de Yasser Arafat para as relações internacionais

Issam Sartawi era o homem encarregado pelo chefe da OLP, Yasser Arafat, primeiro secretamente e, depois, a título privado, de iniciar e levar a bom termo os contactos com a esquerda israelita.

Doutorado em cirurgia cardiovascular nos Estados Unidos, o dr. Sartawi, de 50 anos de idade, era uma personalidade de primeiro plano da OLP. Tendo entrado em 1968 no Conselho Nacional Palestiniano (CNP, Parlamento), fundou, em primeiro lugar, em 1969, o «Movimento de Acção pela Libertação da Palestina», que se fundiu em 1971 com o «Fatah», a principal organização da resistência palestiniana, de Yasser Arafat.

Nos últimos anos, Issam Sartawi tornou-se embaixador itinerante de Yasser Arafat na Europa, tendo estabelecido estreitos laços com o chanceler austríaco Bruno Kreisky, que culminaram, em 7 de Julho de 1979, no encontro em Viena entre Arafat, o chanceler austríaco e o presidente da Internacional Socialista, Willy Brandt.

RESIDINDO em Paris, o conselheiro de Arafat efectuava discretas estadas na capital austríaca, tendo-se tornado amigo de Kreisky.

Ainda muito recentemente, tinha sido convidado a desempenhar um importante papel nas conversações levadas a cabo pelo chanceler austríaco com vista a uma troca de prisioneiros entre Israel e a OLP.

Em Junho de 1981, depois do assassinato de Heinz Nittel, conselheiro municipal de Viena e presidente da Associação de Amizade Áustria-Israel, Issam Sartawi condenara, severamente, a organização palestiniana dissidente de Abu Nidal, que reivindicou o atentado, numa entrevista concedida ao semanário de Viena «Profil». Segundo as declarações de Issam Sartawi, Abu Nidal era «o melhor agente de Israel e da mais radical direita israelita».

Recorda-se que esta organização foi designada como sendo a responsável pela morte de Sartawi por Uri Avneri, presidente do partido israelita «Sheli» e um dos principais artesãos do diálogo entre a esquerda de Israel e a OLP.

«O chanceler Kreisky, que beneficia de um prestígio internacional de primeiro plano, reconheceu a OLP como único representante do povo palestiniano e defende a criação de um Estado palestiniano independente», acrescentou Issam Sartawi nessa altura. CCom as suas pressões, Abu Nidal quer obrigar o Governo austríaco a alinhar por uma tese que é a de Begin», dissera ainda o responsável palestiniano.

No fim da entrevista, Issam Sartawi anunciava que a OLP «tinha tomado medidas importantes para pôr cobro, seja onde for, às ameaças de Abu Nidal» e que «eram levadas a cabo iniciativas junto dos países que a apoiam».

«Posso dizer-vos, com toda a certeza, que Abu Nidal será neutralizado dentro de pouco tempo», acrescentava Issam Sartawi, no final da entrevista.

Com a resistência desde 1967

Tendo nascido na Cisjordânia em 1933, Sartawi fez o ensino secundário em Djenine, deslocando-se depois para Bagdad, para estudar medicina, onde ficou até 1958, altura em que foi para os Estados Unidos. Foi neste país que se especializou em cirurgia cardiovascular, na Universidade do Ohio (Michigan).

Issan Satawi juntou-se à resistência palestiniana depois da guerra de 1967, criando uma pequena organização intitulada «Movimento de Acção para a Libertação da Palestina», próxima de Gamal Abdel Nasser, tendo-o apoiado quando este decidiu aceitar o plano americano «Rogers» baseado na resolução 242, da ONU.

O dr. Sartawi voltou depois atrás com a sua decisão, e, em Junho de 1970, era um dos seis membros de um «Conselho de Guerra», ao lado de Yasser Arafat e de Georges Habache (chefe da FPLP), criado pelo Comité Central da OLP.

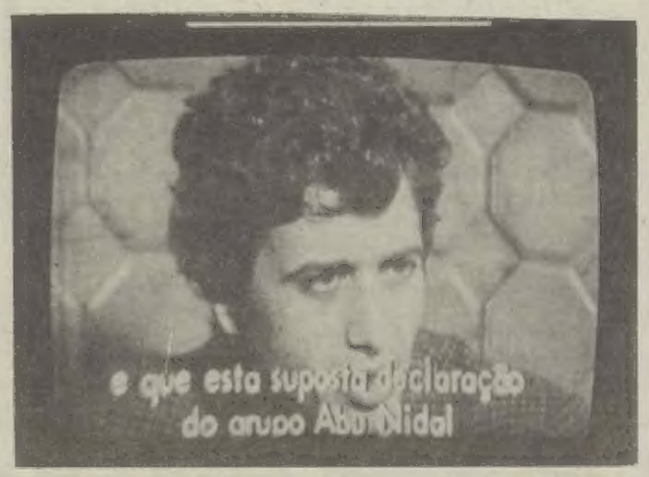
Em Junho de 1971, durante o nono Conselho Nacional Palestiniano, Issam Sartawi dissolveu a sua organização, que se fundira com o «Fatah» – principal organização palestiniana – e tornou-se conselheiro pessoal de Yasser Arafat para os Negócios Estrangeiros. Continuando a não ser membro do Comité Executivo nem do Comité Central da OLP, foi membro do CNP e do Conselho Revolucionário do «Fatah».

Depois de um primeiro contacto, em 1976, com o universitário israelita Daniel Amit, Sartawi avistou-se por várias vezes, na qualidade de embaixador itinerante – e não-oficial – de Arafat com personalidades do «Conselho Israelita para uma Paz Israelo-Palestiniana», designadamente com o presidente da organização, general Mattityahu Peled, bem assim como com o deputado «Pomba» israelita Arieh Eliav.

As suas relações valeram-lhe numerosas críticas feitas pelos palestinianos radicais. O órgão do grupo de Abu Nidal qualificava-o em Fevereiro do ano passado de «traidor» e «homem a abater». Tal como Said Hammani, abatido em Janeiro de 1978 em Londres, Issam Sartawi foi alvo de numerosas ameaças de Abu Nidal, que acusou publicamente, ele próprio, de ser um agente ao serviço dos israelitas, nomeadamente depois do atentado ao embaixador de Israel em Londres, Shlomo Argov, perpetrado em Junho de 1982.

Apesar das críticas e graças a contactos iniciados em Janeiro de 1977 com Bruno Kreisky e com o presidente senegalês, Leopold Senghor – e, através deles, com a Internacional Socialista – Sartawi conseguiu organizar, dois anos depois, no dia 7 de Julho de 1979, o encontro oficial que teve lugar em Viena entre Arafat, o chanceler austríaco e o presidente da Internacional Socialista, Willy Brandt.

Com uma firme determinação apesar do seu isolamento, o dr. Sartawi manteve e defendeu as suas posições, embora tivesse sido colocado muitas vezes em minoria pelos outros responsáveis palestinianos. Contudo, era estimado e tinha o apoio de Arafat, que prestou homenagem aos esforços desenvolvidos por Sartawi em Março de 1977, por ocasião do CNP do Cairo.



Declarações do representante da OLP em Madrid à sua chegada a Portugal: «a mão de Israel está por detrás deste atentado»

A fachada e o aspecto exterior do hall de entrada do hotel onde foi cometido o atentado que liquidou Sartawi e feriu o seu assistente

Foi por esta rua que o assassino fugiu, correndo, depois de ter saltado o muro do hotel

Mais de vinte atentados contra palestinianos

O assassínio de Sartawi toma lugar numa longa lista de atentados cometidos nos últimos anos contra palestinianos no exterior. Eis a cronologia, que se crê quase exaustiva, dos atentados deste tipo nos últimos dez anos:

- 25 de Janeiro de 1973: Hussein Bachir Abul Kheir, representante da OLP em Chipre, é morto por uma bomba, no quarto do hotel onde se encontrava.
- 6 de Abril de 1973: Basil Al Kubaisi, dirigente da FPLP, é assassinado em Paris por dois desconhecidos.
- 10 de Abril de 1973: três dirigentes palestinianos, Kamal Nasser, Abu Yussef e Kamal Aduane, são assassinados em Beirute durante um ataque israelita, que fez cinquenta mortos.
- 3 de Janeiro de 1977: Mahmud Uld Saleh, director da Livraria Árabe (e antigo representante interino da OLP em Paris) é morto com vários tiros de revólver em frente ao seu estabelecimento na capital francesa.
- 4 de Janeiro de 1978: Said Hammami, representante da OLP na Grã-Bretanha, é assassinado em Londres.
- 15 de Junho de 1978: o director do gabinete da OLP no Koweit, Ali Yassine, é assassinado.
- 3 de Agosto de 1978: Ezzedine Kalak, chefe da representação palestiniana em França, e um dos seus adjuntos, são assassinados na sede da OLP em Paris.
- 5 de Agosto de 1978: atentado contra a sede da OLP em Islamabad (Paquistão): quatro mortos.
- 22 de Janeiro de 1979: Abu Hassan, chefe do departamento das «Operações Especiais Anti-Israelitas» do «Fatah», é morto em Beirute, na explosão — comandada à distância — do seu automóvel.
- 23 de Março de 1979: Zuheir Mohsen, dirigente da «Saika» (pró-Síria) e chefe do Departamento Militar da OLP, é abatido com um tiro de revólver frente ao hotel onde se encontrava em Cannes (França). Mohsen viria a morrer no dia 26.
- 15 de Dezembro de 1979: assassinato de um membro do gabinete da OLP em Nicósia (Chipre), Samir Tukan, e de outro palestiniano, Ibrahim Abdel Aziz, nos arredores da capital cipriota.
- 17 de Janeiro de 1980: Yossef Mubarak, militante palestiniano, gerente da Livraria Árabe, é assassinado a tiro na rua, à queima-roupa, em Paris.
- 1 de Junho de 1981: o representante da OLP na Bélgica, Naim Khader, é assassinado em Bruxelas.
- 1 de Agosto de 1981: tentativa de assassinato, em Varsóvia, contra Abu Daud, fundador do «Setembro Negro».
- Noite de 9 para 10 de Outubro de 1981: o responsável do sector da Informação da OLP, Majed Abu Charar, é assassinado em Roma.
- 7 de Dezembro de 1981: um responsável palestiniano, dr. Kayyali, membro do Comité Executivo da OLP (CEOLP) e antigo secretário-geral da Frente de Libertação Árabe (FLA, pró-iraquiana), é assassinado no seu escritório, em Beirute-Ocidental.
- 1 de Março de 1982: assassinato, em Madrid, de um cidadão palestiniano pró-iraquiano, Nabil Arankj Wadi.
- 13 de Junho de 1982: Mohammed Taha, antigo oficial do «Fatah», é assassinado à facada próximo de Bayreuth, na Baviera (RFA).
- 17 de Junho de 1982: assassinato do cidadão palestiniano Nazeh Matar, jornalista e estudante, e de um dos dirigentes da OLP em Roma, Kamal Hussein. O atentado é reivindicado pela Organização Falangista Libanesa.
- 23 de Julho de 1982: Fadl Dani, director adjunto do gabinete da OLP em França, é morto num atentado,em Paris.
- 27 de Setembro de 1982: o brigadeiro Saad Sayel, que tinha o nome de guerra «Abu Al Walid», é morto na Bekaa (centro do Líbano). Era o mais importante oficial superior no seio da OLP e o principal conselheiro militar de Yasser Arafat.

A última mensagem de Sartaui

A OLP é esquecida pela IS

Na sua mensagem ao 16.° Congresso da Internacional Socialista, o seu último escrito, o representante da OLP à reunião de Montechoro, Issam Sartawi, fazia, nas palavras do texto, um convite para que a IS interviesse mais «de forma imparcial» na crise do Médio Oriente.

O documento foi entregue a meio da tarde de sábado, pelo próprio Sartawi, na mesa do Congresso.

Sartawi refere que a OLP «parece ter sido esquecida pela Internacional Socialista».

Preconiza depois, como tarefa da associação «reconhecer aos palestinianos o direito à autodeterminação e a uma pátria»., resolver os problemas dos refugiados e escolher livremente os seus representantes, a OLP».

de ontem para hoje

Novos preços da «bica» e do carioca de café

O «Diário da República» publicou, no sábado, os novos preços do café e do carioca de café que, a partir de agora, passam a custar doze escudos e cinquenta centavos ao balcão e 15 escudos quando servidos à mesa. Estes serão os preços máximos a praticar nos cafés e cervejarias classificados como de segunda e terceira categorias. Em esplanadas e nos restantes estabelecimentos hoteleiros e similares, a «bica» e o carioca de café serão vendidos em regime de preço livre.

Cidália desapareceu de casa

Da casa de seus pais na Rua Paulo da Gama (Bairro do Rosário), em Cascais, desapareceu, na passada quarta-feira Cidália Maria de Lemos Mira, de 14 anos, que vestia calças amarelas, um blusão de cor azul e laranja e calçava sapatos amarelos. A jovem é de estatura média, tem cabelo curto castanho claro e olhos verdes. Os pais de Cidália, Manuel António Mira e Gertrudes Maria de Lemos, solicitam que qualquer informação sobre o seu paradeiro seja participado através do telefone 2865514.

Mulher assassinada em Esmoriz

A Polícia Judiciária do Porto investiga o caso de uma mulher de 40 anos, Maria Celeste Rodrigues, cujo corpo foi encontrado na manhã de sábado na praia da Barrinha de Esmoriz, na zona de Ovar. A vítima, que residia no lugar de Santa Cruz, em Esmoriz, apresentava diversos ferimentos nomeadamente ao nível da cabeça.

«Caso PRP» julgado na Moita

Álvaro Sousa Monteiro, réu do «Caso PRP», começou a ser julgado esta manhã no Tribunal da Moita em mais uma fase dos múltiplos processos levantados contra militantes daquele partido. Isabel do Carmo e Carlos Antunes foram já absolvidos neste mesmo processo por falta de provas da participação no assalto a uma agência bancária. Sousa Monteiro é o preso acusado em maior número de processos em todo o «Caso PRP». Familiares seus disseram à ANOP que Sousa Monteiro e Alberto Pereira Tavares Ferreira, acusados no mesmo processo, ambos na Penitenciária de Lisboa, têm sido «sujeitos a medidas de excepção, enquanto os restantes detidos beneficiam de regalias extraordinárias e de medidas de liberdade».

Dois operários soterrados no Porto

Dois operários morreram num desabamento de terras quando procediam à abertura de uma vala para saneamento básico na Rua de Monsanto, no Porto. A vala estava a ser aberta por dez trabalhadores quando as terras se desprenderam e soterraram Joaquim Gonçalves Sardeira, de 55 anos, e Manuel Ferreira, de 60. Os outros trabalhadores conseguiram ainda retirar com vida Manuel Ferreira, mas só cerca de uma hora depois os bombeiros recuperaram o corpo, já sem vida, de Joaquim Sardeira.

Burlão de bancos condenado no Pombal

O Tribunal de Pombal condenou a cinco anos de prisão um indivíduo que em 1981 burlou as agências do Banco Pinto e Sotto Mayor daquela vila e de Ansião em 508 contos. O réu, de 35 anos, residente em Lisboa, utilizava falsos documentos bancários e bilhetes de identidade de emigrantes em França para fazer levantamentos de dinheiro, tendo gerado suspeitas quando, em 16 de Dezembro de 1981, pretendeu aplicar o método numa agência bancária de Soure, numa altura em que mais 27 agências bancárias foram burladas, em vários pontos do País, pelo mesmo processo. Tendo fugido de Soure e evitado ser preso em flagrante delito, veio a ser capturado, meses depois, em Lisboa. O tribunal colectivo presidido pelo juiz Quirino Soares, também condenou o réu a 610 contos de indemnização ao Banco Pinto e Sotto Mayor.

Suicidou-se com veneno de escaravelho

Uma rapariga de dezasseis anos, Ana Paula Soares de Almeida, suicidou-se com veneno para o escaravelho da batata, na sua casa na freguesia da Costa do Valado. Transportada, ainda com vida ao Hospital de Aveiro a jovem acabaria por falecer, desconhecendo-se por enquanto as motivações para o seu acto.

Motociclista vitimado em colisão

O piso molhado esteve na origem de uma colisão entre uma camioneta e uma motorizada, na Estrada Nacional 615, em Quintela, concelho de Mangualde, provocando a morte do condutor do segundo veículo e ferimentos na sua mulher e filho. Os sinistrados são José Henriques Pais, de 34 anos, funcionário camarário, que teve morte imediata, a mulher Maria da Piedade Carvalho Figueiredo, de 30 anos, e o filho do casal José Carlos Pais, de quatro anos, internados em estado desesperado no Hospital de Viseu. O condutor da camioneta, Daniel Belmiro Barros Henriques, de 24 anos, saiu ileso do acidente.

Depois da reunião da IS

Encontro com Eanes satisfaz Gonzalez

O primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, disse ontem estar «muito satisfeito» com o encontro com o Presidente da República, com quem debateu «problemas bilaterais de interesse para a Espanha».

Sublinhando que se tratou de uma visita de cortesia e que foi o primeiro encontro que teve até agora com o Presidente da República, Felipe Gonzalez disse que conversara com Ramalho Eanes sobre «as perspectivas de entrada no Mercado Comum, relações bilaterais em todos os terrenos e, fora da perspectiva da plataforma peninsular, da Hispano-América e mundo árabe».

Sobre o atentado contra o representante da OLP no Congresso da IS, de que é vice-presidente, Felipe Gonzalez disse que «provocou grande comoção na assembleia socialista».

Afirmou-se crente de que o atentado foi obra de «fanáticos especializados» e que constituiu também «um atentado contra a paz, com uma intenção política de romper o processo de negociações em curso sobre o Médio Oriente».

A reunião entre o Presidente da República e o primeiro-ministro espanhol foi um «encontro de caras» entre políticos de dois países que «viveram tempo demais de costas um para o outro», disse o porta-voz do Palácio de Belém.

O porta-voz, Joaquim Letria, salientou que «foi o primeiro encontro entre dois homens que não se conheciam» e serviu para o debate dos problemas comuns à Espanha e Portugal e para a expressão da vontade de resolvê-los.

Letria referiu, nomeadamente, as pescas, e comentou que o encontro entre Ramalho Eanes e Felipe Gonzalez serviu para um diálogo sobre o meio de encontrar respostas reciprocamente vantajosas para os problemas bilaterais.

Turismo do Centro quer mais concelhos

Região terá sede na Figueira da Foz

COIMBRA, 11 — Teles Grilo e Carlos Beja foram ratificados pela Comissão Instaladora da Região de Turismo do Centro para presidente e secretário da organização.

Teles Grilo desempenhou até 1982 as funções de vereador do pelouro do Turismo na Câmara Municipal de Coimbra, enquanto Carlos Beja chefiou os Serviços Municipais de Turismo da Figueira da Foz até 1980.

Na reunião, o novo presidente defendeu o alargamento da região, que integra 19 concelhos dos distritos de Coimbra, Leiria e Viseu, aos concelhos de Condeixa, Soure e Góis (Coimbra) e Mealhada (Aveiro).

Teles Grilo apontou também para uma estreita colaboração com a comissão de coordenação da Região Centro e para «a necessidade urgente de obter meios financeiros da Secretaria de Estado da tutela para o seu arranque».

Lixa é vila há meio século

PORTO, 11 – Uma romagem ao cemitério local e uma missa em sufrágio pelos lixenses já falecidos que se empenharam e contribuíram para o desenvolvimento da localidade foram os pontos altos da manhã do último dia das comemorações do cinquentenário da elevação de Lixa a vila.

À tarde efectuou-se um desfile de todas as colectividades locais, depois da cerimónia de recepção ao governador civil do Porto. Facto marcante na tarde de sábado foi o festival de bandas de música civis.

Felgueiras, Amarante, Mancelos, Vila Boa de Quires, Vilela, Lousada, Tecla e Lixa foram as bandas de música convidadas que participaram no festival e que durante hora e meia desfilaram pelas principais ruas da vila.

À noite, depois de um jantar-convívio que decorreu na cantina da Escola Preparatória, Santana Dionísio falou no salão polivalente dos bombeiros voluntários sobre «Leonardo Coimbra – filósofo e tribuno inspirado nas experiências inefáveis da sua meninice».

Leonardo Coimbra, filósofo e político, nasceu na Lixa em 1893, e morreu 52 anos depois, num acidente de automóvel perto de Baltar, nos arredores do Porto.

BNU
ALMADA

novas instalações

Para melhor o servir e para maior eficiência dos nossos Serviços estamos, a partir de hoje, à sua disposição na

Praça S. João Baptista

Telefs. 275 04 54 - 276 63 00 - 276 62 72

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
da experiência para o futuro

São umas 20

Caixas agrícolas querem unir-se

O director da Federação cional de Crédito Agrícola M Mário Matias, anunciou que a ser estudada uma propost estatuto tendente a promov união das 200 caixas agríc existentes no país.

Mário Matias, que discur na cerimónia da inauguraçã delegação da Caixa de Cr Agrícola de Pombal, especi que a proposta irá ser env em breve pela Caixa Centra Crédito Agrícola a cada uma instituições desse tipo de cr espalhadas pelo país.

A quota mínima de cada das Caixas – adiantou Mário tias – será de 200 contos.

Por sua vez, a Caixa de Cr Agrícola de Vila Nova de A está a liderar a criação de daquelas Caixas de Crédit Vale do Mondego, dado a e cioficidade da agricultura nac região.

em di

O MERCADO DE CAPITAIS como os mecanismos do inv das actuais instituições de in num Seminário que decorre

Este Seminário Internac com a participação de técnic associada do Banco Mundial tância do mercado como fo actividades económicas proc bolsas de valores na CEE.

Organizam-no seis ban uma sociedade de investime dos participantes.

O SIMAC/83, salão internac construção civil e obras públ nuando patente na FIL até a

No âmbito deste certame técnico, a AIP e o Conselho S com a colaboração da Asso Obras Públicas do Sul (AECO do ao tema «Construção e nos dias 13 e 14 de Abril, a

AS EMPRESAS DESINTER contro Nacional, marcado p Lisboa.

Vão ser debatidos os p vencionadas pelo Estado e p res originais e que se calcu Foram convidados o Preside

Eusébio Marques de C Júdice são alguns do orador pia às 15 horas com a interv Empresas Desintervencionad com a apresentação das co

A CERÂMICA E O VIDRO e S. Pedro de Muel com a rea que debateram os efeitos pr

Participaram 150 pesso pela Sociedade Portuguesa IAPMEI, do ICEP, do Banco F sas do sector. Na véspera ti mica e vidro da Marinha Gra

Na ca

Preço do arr

Os preços e os critéri Pública de Abastecimentos arroz foram definidos em República».

A EPAC vai pagar, na tonelada de arroz corrente escudos no gigante e 29 50

O despacho, da Secret Comércio, define os critéri percentagem de trincas.

Lixa é vila há meio século

PORTO, 11 – Uma romagem ao cemitério local e uma missa em sufrágio pelos lixenses já falecidos que se empenharam e contribuíram para o desenvolvimento da localidade foram os pontos altos da manhã do último dia das comemorações do cinquentenário da elevação de Lixa a vila.

À tarde efectuou-se um desfile de todas as colectividades locais, depois da cerimónia de recepção ao governador civil do Porto. Facto marcante na tarde de sábado foi o festival de bandas de música civis.

Felgueiras, Amarante, Mancelos, Vila Boa de Quires, Vilela, Lousada, Tecla e Lixa foram as bandas de música convidadas que participaram no festival e que durante hora e meia desfilaram pelas principais ruas da vila.

À noite, depois de um jantar-convívio que decorreu na cantina da Escola Preparatória, Santana Dionísio falou no salão polivalente dos bombeiros voluntários sobre «Leonardo Coimbra – filósofo e tribuno inspirado nas experiências inefáveis da sua meninice».

Leonardo Coimbra, filósofo e político, nasceu na Lixa em 1893, e morreu 52 anos depois, num acidente de automóvel perto de Baltar, nos arredores do Porto.

São umas 200

Caixas agrícolas querem unir-se

O director da Federação Nacional de Crédito Agrícola Mútuo, Mário Matias, anunciou que está a ser estudada uma proposta de estatuto tendente a promover a união das 200 caixas agrícolas existentes no país.

Mário Matias, que discursava na cerimónia da inauguração da delegação da Caixa de Crédito Agrícola de Pombal, especificou que a proposta irá ser enviada, em breve pela Caixa Central de Crédito Agrícola a cada uma das instituições desse tipo de crédito espalhadas pelo país.

A quota mínima de cada uma das Caixas – adiantou Mário Matias – será de 200 contos.

Por sua vez, a Caixa de Crédito Agrícola de Vila Nova de Ancos está a liderar a criação de uma daquelas Caixas de Crédito do Vale do Mondego, dado a espécioficidade da agricultura naquela região.

Pela primeira vez em dez anos

Dívida dos países socialistas diminuiu no ano passado

Pela primeira vez de há dez anos para cá, a dívida externa dos países do Leste (URSS incluída) desceu em 1982, somente 63 000 milhões de dólares no fim de Dezembro, indica um relatório das Nações Unidas divulgado em Genebra.

Os países socialistas europeus, que tiveram recentemente sérias dificuldades em obter créditos ocidentais, tiveram que reduzir as suas importações e, sobretudo a URSS, aumentar as suas exportações, designadamente de petróleo, explica o relatório em questão, da autoria da CEE-ONU, Comissão Económica para a Europa das Nações Unidas, praça de trocas e negociações entre a Europa Oriental e a Europa Ocidental e a América do Norte.

Em 1982, a Europa do Leste conseguiu, assim, uma balança comercial excedentária de 8400 milhões de dólares, sendo 600 milhões com os países da OCDE.

As exportações dos países da Europa Ocidental e da América do Norte para a URSS subiram em volume de 7 por cento em 1982, mas as suas importações tiveram um aumento de 13 por cento.

A progressão soviética deve-se ao crescimento das suas vendas petrolíferas, a dos países ocidentais às vendas de produtos agrícolas, máquinas, material de transporte e equipamentos para oleodutos e gasodutos, segundo o relatório.

No mesmo espaço de tempo os industriais viram diminuir as suas exportações para os países da Europa Oriental (URSS não incluída) de 21 por cento, ao passo que as suas compras regrediam em 5 por cento de volume. A Europa Oriental pôde, desta maneira, alcançar um excedente comercial de 1100 milhões de dólares com o Ocidente pela primeira vez desde o começo dos anos 1960.

Este excedente, que se segue a um défice de 2400 milhões de dólares em 1981, cerca de 3000 milhões em 1980 e 4600 milhões em 1979, mostra «claramente» sublinha o relatório – o profundo ajustamento em curso das relações económicas entre Leste e Oeste.

Este movimento era tanto mais necessário quanto é certo que os esforços dos países socialistas para reduzir o seu défice comercial com o Ocidente se tornavam vãos devido ao montante dos juros a pagar, em consequência dum endividamento crescente. Os juros devidos pela Europa do Leste (URSS incluída) que treparam regularmente de 3500 milhões de dólares, em 1978, para 8600 milhões em 1981, desceram para 6400 milhões em 1982.

No ano passado

Prejuízo de quatro para um no comércio com a Espanha

As compras portuguesas no mercado espanhol subiram a 48 milhões de contos em 1982, tendo no mesmo período Portugal vendido 12 milhões de contos de mercadorias em Espanha.

Esta percentagem de quatro para um (por cada escudo exportado para a Espanha, Portugal importou quatro) foi, no entanto, mais favorável que no ano anterior pois em 1981 a relação fora de cinco para um. Em Dezembro último a relação melhorou, ainda mais, passando a ser de três para um, com Portugal a exportar 1,6 milhões de contos e a importar cinco milhões.

Com isenção de impostos

Comerciantes de Lisboa defendem autofinanciamento

A União das Associações de Comerciantes do Distrito de Lisboa (UACDL) considerou que a recente elevação das taxas de juro «põe em risco a actividade das empresas comerciais».

Em comunicado, a UACDL afirma ser urgente tomar disposições «rápidas e corajosas» que possam atenuar a falta de meios financeiros com que a grande maioria das empresas se debate.

O documento assinala que se «impõe, como solução mais consentânea, a criação de reservas especiais, sem qualquer limite, isentas de tributação para aplicação em autofinanciamento e ou recapitalização das empresas».

Neste sentido, a referida União das Associações de Comerciantes apela para a «lucidez» do ministro das Finanças e do Plano e dos órgãos administrativos que dele dependem para o reconhecimento da «indispensabilidade de minorar as nefastas consequências do cerceamento do crédito».

em duas palavras

O MERCADO DE CAPITAIS e a sua evolução em Portugal, assim como os mecanismos do investimento em títulos e o funcionamento das actuais instituições de investimento vão ser analisados em Lisboa num Seminário que decorre amanhã e depois.

Este Seminário Internacional sobre Mercado de Capitais conta com a participação de técnicos da International Finance Corporation, associada do Banco Mundial e visa debater na generalidade a importância do mercado como fonte de garantia de financiamento das actividades económicas procedendo-se também a uma análise das bolsas de valores na CEE.

Organizam-no seis bancos portugueses, duas seguradoras e uma sociedade de investimentos e o ministro Joãao Salgueiro é um dos participantes.

□●●

O SIMAC/83, salão internacional de materiais e maquinaria para a construção civil e obras públicas, inicia-se amanhã em Lisboa continuando patente na FIL até ao dia 17 de Abril.

No âmbito deste certame, entre outras manifestações de carácter técnico, a AIP e o Conselho Superior de Obras Públicas e Transportes com a colaboração da Associação das Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul (AECOPS), promovem um Colóquio subordinado ao tema «Construção e Energia», que decorrerá no Auditório I, nos dias 13 e 14 de Abril, a partir das 15 horas.

●●●

AS EMPRESAS DESINTERVENCIONADAS têm amanhã o seu Encontro Nacional, marcado para as 15 horas no Auditório da FIL, em Lisboa.

Vão ser debatidos os problemas que afligem as empresas intervencionadas pelo Estado e posteriormente devolvidas aos seus titulares originais e que se calcula abranjam 50 mil postos de trabalho. Foram convidados o Presidente da República e diversos ministros.

Eusébio Marques de Carvalho, Sarsfield Cabral e José Miguel Júdice são alguns do oradores convidados para a sessão que principia às 15 horas com a intervenção do presidente da Associação das Empresas Desintervencionadas e está prevista encerrar às 18 e 30, com a apresentação das conclusões.

●●●

A CERÂMICA E O VIDRO estiveram em foco no sábado passado em S. Pedro de Muel com a realização das jornadas técnicas do sector que debateram os efeitos previsíveis da integração na CEE.

Participaram 150 pessoas tendo as Jornadas sido organizadas pela Sociedade Portuguesa de Cerâmicas e Vidro com o apoio do IAPMEI, do ICEP, do Banco Pinto e Sotto Mayor e de algumas empresas do sector. Na véspera tinham sido visitadas as fábricas de cerâmica e vidro da Marinha Grande, Alcobaça e Caldas da Rainha.

Na campanha de 83

Preço do arroz de 22$90 a 29$50

Os preços e os critérios de qualidade a praticar pela Empresa Pública de Abastecimentos de Cereais (EPAC) no escoamento do arroz foram definidos em despacho hoje publicado no «Diário da República».

A EPAC vai pagar, na campanha deste ano, 22 900 escudos por tonelada de arroz corrente, 27 mil escudos no mercantil, 27 900 escudos no gigante e 29 500 escudos por tonelada no Carolino.

O despacho, da Secretaria de Estado da Produção Agrícola e do Comércio, define os critérios ao nível da humidade do arroz e da percentagem de trincas.

caixa geral de depósitos
nova dependência
CUBA
R. Álvaro Castelões, n.º 26 - 7940 CUBA - Tel. 4 23 50

Casas brancas. A terra. O trabalho que dá fruto, em cada dia. E cada dia é dia de poupança, e luta por dias melhores.
Agora em Cuba, desde 6 de Abril, uma dependência da Caixa Geral de Depósitos.
O apoio seguro à sua poupança, onde depositar é fazer crescer.
Os nossos serviços cada vez mais perto para o servir melhor.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Depositar é fazer crescer.

Quem lucrou com a greve na CP?

Sem os aumentos pretendidos nem a anulação dos processos disciplinares maquinistas voltaram ao trabalho

A circulação ferroviária em Portugal está normalizada, depois de o Sindicato dos Maquinistas ter decidido suspender a greve, a partir das oito horas de ontem. A origem desta decisão não foi suficientemente esclarecida e o conselho de gerência negou ter participado em qualquer reunião com os dirigentes sindicais.

Não obstante, fontes sindicais referiram uma reunião com o conselho de gerência, em que teriam obtido «acordos de princípio» nomeadamente em relação aos processos disciplinares movidos aos trabalhadores que não acataram a requisição civil determinada pelo Conselho de Ministros. De referir que os 17 por cento de aumento da massa salarial, que a chamada Frente de Sindicatos Independentes e Democráticos agora anuncia aceitar, já haviam sido propostos pelo conselho de gerência da CP, antes do início da greve.

Quanto aos processos disciplinares, um porta-voz da empresa recordou que a sua suspensão só pode ser decidida pelo Governo. A este propósito, o ministro dos Transportes, Viana Baptista, afirmou à rádio que os processos instaurados contra os 96 trabalhaores, dos cerca de 1800 trabalhadores da CP em greve serão prosseguidos, por se tratar de «uma matéria de Estado». Viana Baptista desmentiu igualmente que tivesse havido qualquer contacto entre a Frente de Sindicatos e o CG da CP, para a resolução do conflito.

«Terão que ser castigados»

Também o secretário de Estado do Trabalho, Joaquim Marques, em tempo do Governo na Televisão, referiu que os ferroviários que não acataram a requisição civil «terão que ser castigados» que «a actuação dos dirigentes sindicais rebeldes culminará com os despedimentos».

Joaquim Marques classificou a greve que ontem terminou de «desumana» por ter afectado toda a população portuguesa e referiu que se os sindicatos tivessem aceitado (logo de início) a proposta governamental, os trabalhadores filiados teriam ficado com ordenados entre os 40 e os 66 contos mensais.

Foi a quarta vez que os maquinistas da CP, em greve, suportaram uma requisição civil: em Setembro e Outubro de 1980, conseguiram a anulação dos processos disciplinares e, em Junho de 1981 e Março de 1982, os acordos foram conseguidos antes de entrar em vigor a requisição civil.

A greve ontem desconvocada afectou uma média de 600 mil pessoas diariamente e obrigou ao recurso a viaturas militares para assegurar o transporte de bens essenciais.

Recorde-se que esta greve foi criticada por diversos partidos políticos, pela CGTP e UGT, que consideraram não servir os interesses dos trabalhadores, mas sim os objectivos da direita e reforçar a posição do Governo, que desencadeou medidas repressivas contra os grevistas. A CGTP chegou mesmo a dizer que a greve na CP foi desencadeada «contra o direito à greve».

Entre a espada e a parede

A chamada Frente de Sindicatos Independentes e Democráticos e os sindicatos que a integram deixaram que o conflito na CP seguisse o caminho que mais interessava ao Governo, que não perdeu a oportunidade para tomar uma posição de força.

Decretada a requisição civil, a maioria dos trabalhadores começaram a apresentar-se ao trabalho. Mas o Sindicato dos Maquinistas e outras organizações paralelas, de pequena representatividade na empresa quiseram medir forças com o Governo e não acataram a determinação do Conselho de Ministros. Resultado: os processos disciplinares (com intenção de despedimento) começaram a surgir diariamente e, ao cabo de 11 dias consecutivos de paralisação, ambas as partes mantinham intransigentemente as suas posições. Foi então que os sindicatos, «entre a espada e a parede» decidiram desconvocar a greve, sem chegar a obter o que pretendiam.

Esta situação só veio a permitir ao Governo que voltasse a agitar a ideia da necessidade de rever a lei da greve, facto que a União dos Sindicatos de Lisboa aliás já previa.

Basta referir que os processos disciplinares a 96 trabalhadores (60 dos quais maquinistas) não foram anulados e a posição do conselho de gerência da CP é substancialmente a mesma: «17 por cento de aumentos na tabela salarial e abonos indexados e a disposição de «discutir os aumentos dos abonos fixos».

Quem afinal lucrou com esta greve, que tantos trastornos causou às populações? Os trabalhadores não foram comcerteza!...

Setúbal, Faro e Santarém já preparam 1.º de Maio

As comemorações do 1.º de Maio já começaram a preparar-se um pouco por toda a parte. Destaca-se, no entanto, a actividade desenvolvida pelos sindicatos de Setúbal, Faro e Santarém que para além de já terem convocado dezenas de reuniões e plenários de empresa têm programadas iniciativas a vários níveis. Dentre estas salienta-se a campanha de sindicalização já em curso no distrito de Setúbal bem como a eleição de delegados sindicais e a criação de comissões intersindicais. Quanto ao distrito de Santarém, está já convocado para amanhã, na Casa de Sindicatos da União, um encontro de dirigentes, delegados sindicais e membros de comissões de trabalhadores que, para além da preparação do 1.º de Maio, fará o balanço e a análise do IV Congresso da CGTP e da situação social.

Entretanto, o plenário de sindicatos do distrito de Faro, já realizado, deliberou descentralizar as comemorações do Dia Mundial do Trabalhador, tendo em conta a grande participação e mobilização dos trabalhadores em todo o distrito. Por isso, para além da já tradicional manifestação seguida de comício que terá lugar em Faro, realizar-se-ão diversas iniciativas em Loulé, Albufeira, Vila do Bispo, Olhão, S. Brás de Alportel e concentrações e comícios em Portimão e Vila Real de Santo António.

Registe-se que, a nível geral, os sindicatos estão empenhados em utilizar a mobilização em torno das comemorações para divulgarem as conclusões do IV Congresso da CGTP.

Sindicalistas franceses no distrito de Leiria

A União de Sindicatos de Leiria – CGTP-IN e a União Departamental de Val de Marne – CGT – França solidarizaram-se com os trabalhadores portugueses e franceses «pelas reivindicações, pela paz e pelo desarmamento».

Uma delegação da CGT de Val de Marne, França, chefiada por Jean Pierre Page, secretário-geral e membro da Comissão Executiva desta central sindical, efectuou uma visita de cinco dias a Portugal e ao distrito de Leiria a convite da União dos Sindicatos desta região.

Num comunicado conjunto, as duas uniões sindicais afirmam que estudaram a melhor forma de responder aos problemas que lhes dizem respeito, nomeadamente a situação da emigração portuguesa em França, particularmente em Val de Marne, a segurança social, as condições de trabalho e a situação das mulheres, entre outros aspectos.

O documento assinala ainda que decidiram informar regularmente da sua actividade através da troca da informação sindical

legislativas 83

Setúbal, Faro e Santarém já preparam 1.º de Maio

As comemoraçoes do 1.º de Maio já começaram a preparar-se um pouco por toda a parte Destaca-se, no entanto, a actividade desenvolvida pelos sindicatos de Setúbal, Faro e Santarém que para além de já terem convocado dezenas de reunioes e plenários de empresa têm programadas iniciativas a vários niveis. Dentre estas salienta-se a campanha de sindicalização já em curso no distrito de Setubal bem como a eleição de delegados sindicais e a cnação de comissões intersindicais Quanto ao distrito de Santarém, está já convocado para amanhã, na Casa de Sindicatos da União, um encontro de dirigentes, delegados sindicais e membros de comissões de trabalhadores que, para além da preparação do 1.º de Maio, fará o balanço e a análise do IV Congresso da CGTP e da situação social

Entretanto, o plenário de sindicatos do distrito de Faro, já realizado, deliberou descentralizar as comemorações do Dia Mundial do Trabalhador, tendo em conta a grande participação e mobilização dos trabalhadores em todo o distrito. Por isso, para além da já tradicional manifestação seguida de comicio que terá lugar em Faro, realizar-se-ão diversas iniciativas em Loulé, Albufeira, Vila do Bispo, Olhão, S. Brás de Alportel e concentrações e comicios em Portimão e Vila Real de Santo António

Registe-se que, a nível geral, os sindicatos estão empenhados em utilizar a mobilização em torno das comemorações para divulgarem as conclusões do IV Congresso da CGTP.

BRINQUEDO
ESTRAL PORTUGUESA
às 23 horas
sivamente,

APU

"Vamos dar uma volta nesta m..."

Visivelmente satisfeito, Álvaro Cunhal revelou sábado passado, a meio da tarde, em Caminha, ter participado já nesta campanha legislativa, iniciada nos primeiros dias de Março, em cerca de uma centena de comícios, sessões de esclarecimento ou rápidos encontros com populações. Razões de sobra teve, entretanto, o líder maior da APU para o incontido entusiasmo com que anunciou, um pouco fora dos seus hábitos, a estatística da sua própria campanha. Em Aveiro, Minho e Porto, etapas principais desta viagem eleitoral, Cunhal comprovou uma crescente confiança e adesão à Aliança Povo Unido de camadas populacionais e de regiões até agora de difícil penetração.

Para o jornalista, presente pela sexta vez em campanhas nacionais da APU, um dado novo atestou a forma optimista, prática, como o dirigente comunista se apresentou em todo o extenso percurso. Refiro-me ao modo fácil e aberto como Álvaro Cunhal foi frequentemente abordado pelos que o queriam saudar ou questionar de perto. E vimos um pequeno agricultor de Vilar de Mouros, sentado na sua moto, capacete enfiado, aproximar-se calmamente de Cunhal e dizer-lhe, após um longo aperto de mão: «Gostei de o ouvir. Vamos lá ver se damos uma volta nesta merda...»

Nas suas onze intervenções de sexta, sábado e domingo (Aveiro, Espinho, Ponte de Lima, Paredes de Coura, Vilar de Mouros, Caminha, Viana do Castelo, Braga, Freamunde, Felgueiras e Porto), Cunhal falou sempre de improviso. E nos cenários mais diversos teve geralmente uma ou outra maneira de tocar os auditórios, sem abandonar os pontos fundamentais da sua campanha: a AD está derrotada, o PS pode vir a retomar a política anterior do CDS-PSD, uma forte votação na APU ajudará ao aparecimento de um novo governo e de uma melhor política.

Partidos ou «mandões»

Em Ponte de Lima, onde em cada dez eleitores seis votaram AD, em Dezembro, Cunhal falou para cerca de 300 pessoas, na sua maioria camponeses ou pequenos comerciantes. Em Paredes de Coura, onde de 1975 a 1982 a coligação PCP/MDP subiu de 17 para cerca de 800 votos, teve um convívio-almoço na escola com meio milhar de pessoas. Almoçou feijoada com caldo verde e tinto (bebido em malgas à boa maneira galega e minhota), e conversou de perto com muitos dos presentes.

Em Vilar de Mouros, no largo da aldeia, microfone na mão esquerda e um cravo na direita, Cunhal criticou o tipo de campanha dos restantes partidos. «Afinal isto é uma campanha de partidos ou de mandões espetados em cartazes?» – perguntou para, de seguida, revelar que os deputados comunistas não vão para o Parlamento ganhar mais do que os respectivos ordenados e indicou que em 1982, o excedente recebido nos cofres centrais do PCP totalizou 15 mil contos. «Não vamos para a Assembleia ganhar lugares, fazer carreira ou fortuna. Vamos para servir o povo trabalhador» – acrescentou.

Em Caminha, perante um auditório numeroso (cerca de um milhar de pessoas) que o aguardou no largo principal, Cunhal insistiu noutro ponto. Campanha eleitoral não é uma disputa de clubes, trata-se de uma «questão de políticas». Denunciou as praticadas pelo PS e AD, alertou para o eventual entendimento PS-PSD. Do palanque, virado para o rio Minho, Cunhal aproveitou para perguntar que obras tinham sido feitas para impedir a poluição e a assoreamento das águas do sável e lampreia.

Ainda em Caminha, vila de largas tradições democráticas e onde o PS e APU detêm mais de 70 por cento dos votos, visou o anticomunismo de Soares. «Então o Freitas do Amaral e o Mota Pinto é que são democratas?», perguntou.

Em Viana do Castelo, sede do distrito, onde a APU tem fortes possibilidades de eleger o primeiro deputado (Maurício de Sousa, inspector escolar, presidente do Centro Cultural do Alto Minho e da Junta de Freguesia de Darque), Cunhal e Tengarrinha falaram para numerosa multidão, na praça principal da cidade.

Com ironia, e depois de ter denunciado a política de alianças do PS, Tengarrinha alertou para o significado do punho esquerdo socialista, agora aberto e espalmado, com cinco dedos a simbolizar as cinco medidas possíveis do PS: aliança com o PSD, bloqueio do sector empresarial público, privilégios para os grandes empreiteiros, ruína e repressão para as camadas médias e para os trabalhadores, maior dependência de Portugal face aos EUA.

Horas depois, em Braga, no repleto Teatro-Circo, o dirigente comunista vibrou com a entusiástica participação da multidão onde sobressaíam muitos jovens. «Os comunistas quando falam em participar no Governo para solução dos problemas nacionais, dirigem-se ao Povo de Portugal e não ao PSD, ao CDS ou ao dr. Mário Soares», gritou, francamente emocionado pelo ambiente de festa, alegria e decisão.

«Não basta pôr barbas ou mudar de fato»

Domingo foi a visita pelo maior distrito nortenho, com intervenções em Freamunde, Felgueiras e Porto. Em Felgueiras, almoçou na cantina da escola, na companhia de uma centena de activistas e simpatizantes da APU. Ementa semelhante à de Paredes de Coura, acrescida de pão-de-ló da terra. Vila operária (madeiras e têxteis) e agrícola (pequena propriedade), Felgueiras indicia, como no Minho, acentuado descontentamento de muitos socialistas. Não querem alianças à direita. E Cunhal não esqueceu esse aspecto e insistiu na importância do voto APU para evitar essa aliança.

Recebeu, ali, uma delegação de Vizela que o queria levar à freguesia. Reafirmou o apoio dos comunistas às aspirações vizelenses e prometeu: «Irei à festa da criação do concelho.» Um brasão de Felgueiras (emblema de tons azuis, negros e amarelos, decorado com abelhas e cachos de uvas) encimado por uma foice e martelo, foi-lhe entregue à despedida. Oferta de um reformado. «É magnífico, vai para o museu do partido», disse, ao agradecer.

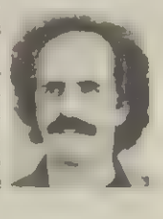
No Porto, a chuva, que durou toda a tarde, afectou o que se adivinhava vir a ser uma grande festa-comício. Os artistas (Rock e Vários, Brigada Victor Jara, Carlos Mendes e Paulo de Carvalho) não puderam actuar e, dos oradores previstos, apenas Cunhal falou, num improviso de quinze minutos.

«Não basta substituir um dirigente derrotado, de cara rapada por um de barbas, nem basta que outro dirigente mude o penteado e um fato de riscas por um liso, para se conseguir disfarçar a política que propõe ao País», disse a começar.

Lembrou as «provas já dadas pelo PS no Governo, sozinho e acompanhado» (CDS) e sobre a sua política provável se voltar ao Governo. Citou o beberete há dias, de Soares, na FACAR (empresa que ajudou a entregar ao patronato) para denunciar a possibilidade de uma política muito semelhante, no futuro, à seguida pela AD.

Carlos Costa e Armando Teixeira da Silva não chegaram a falar. Mas, da intervenção escrita do primeiro, pude reter alguns números significativos. Em 1975, o PCP teve 55 mil votos Em Dezembro passado, a APU atingiu os 123 mil, o PS apenas subiu 1500 e os partidos da AD perderam 85 mil votos

Com o primeiro de Viana, um segundo em Braga e o sexto no Porto a APU espera ganhar nestes distritos, mais 3 deputados. O ambiente parece propício, as pessoas surgem menos agressivas, mais disponíveis e desenganadas de experiências anteriores. No 25 de Abril se verá...



Eugénio Alves

em duas palavras

UDP relembra padre Max

«É esta protecção aos fascistas e bombistas que dá azo a que a CIA e a espionagem israelita venham a Portugal assassinar o dirigente da OLP». A afirmação consta de um comunicado ontem emitido pela UDP, no qual se chama a atenção para o facto de não estarem ainda concluídas as investigações do crime que vitimou o padre Max e Maria de Lourdes, quando aquele era candidato a deputado pela UDP em Vila Real, em 1976.

No mesmo comunicado, e depois de salientar a inactividade da Polícia Judiciária, a UDP afirma que o CDS terá interesse em fazer esquecer o caso.

PPM

Os candidatos por Lisboa do PPM percorreram ontem de manhã parte da capital, numa volta em bicicleta que também integrava uma caravana de dezenas de automóveis. Borges de Carvalho, o cabeça de lista, abria o desfile dos populares monárquicos que começou cerca das dez horas e terminou perto das 14 horas. Bandeiras do PPM e carros de som completavam a caravana que percorreu as zonas mais populares da cidade

UDP/PSR

O cabeça de lista da UDP-/PSR pelo círculo do Porto, Heitor Sousa, advertiu que a direcção do PS, «em nome do consenso nacional, se prepara para chamar o PSD para o Governo pós-eleitoral». «O voto no PS não é um voto contra as alianças com a direita, Mário Soares defende um governo de bloco central onde entra o PSD» – disse Heitor Sousa, durante uma festa-convívio organizada pelas estruturas do Porto da UDP e do PSR. O dirigente trotsquista sublinhou que votar na APU «é o

Continua na pag 12

Os partidos e a economia

Investimento estrangeiro: poucas referências

O papel do investimento estrangeiro na economia portuguesa tem sido um tema pouco debatido na campanha eleitoral para as eleições de 25 de Abril e os principais partidos deram-lhe pouco destaque nos respectivos manifestos eleitorais.

Os principais partidos portugueses, à excepção do PCP, reconhecem ao investimento estrangeiro um papel importante na dinamização e modernização da economia portuguesa, pois podem trazer ao país capitais, tecnologia e mercados.

Para o PCP os capitais estrangeiros só são avaliados positivamente se «respeitarem os interesses nacionais», numa economia com uma forte intervenção do Estado e em que o sector público seja o seu elemento determinante.

Os outros três grandes partidos têm uma abordagem diametralmente oposta deste assunto, considerando que os capitais estrangeiros devem beneficiar em Portugal de apoios idênticos aos nacionais

Esta perspectiva tem já em conta a futura adesão de Portugal à CEE, no quadro da qual não é permitida a discriminação dos capitais em função da sua nacionalidade

No documento «Resposta PS ao Portugal em crise», de 250 páginas, os socialistas apenas dedicam cerca de dez linhas à problemática do investimento estrangeiro.

No entanto, o programa de recuperação económica dos socialistas põe a tónica na necessidade de criar condições para que os empresários e os trabalhadores tenham confiança na economia e, portanto, os primeiros, invistam, sejam nacionais ou estrangeiros.

O PS manifesta a sua intenção de nao discriminar os capitais estrangeiros relativamente aos nacionais ao nível dos apoios a conceder e considera necessário fomentar a criação de associações de empresas portuguesas com estrangeiras através de «joint-ventures». O PSD e o CDS, também defendem a necessidade de serem criadas condições de confiança dos capitais estrangeiros na economia portuguesa, pela importância que poderão ter na dinamização do investimento, associando mercados e tecnologia a que Portugal não tem acesso

No entanto, ao nível dos manifestos eleitorais são raras as referências à atracção dos investimentos estrangeiros. O manifesto do CDS só tem uma frase em que se afirma: «atrair-se-á o investimento estrangeiro».

Ao nível dos pequenos partidos as posições são bem diversas, conforme se situam na área da esquerda revolucionária ou na parte direita do espectro partidário português

Os partidos que se reivindicam de uma ideologia marxista-leninista (PCTP/MRRP, PC(R), OCMLP e até a UDP), bem como os trotsquistas (PSR, LST e POUS) apontam para a necessidade de existência de uma economia centralmente dirigida, com o controlo do Estado sobre a sua maior parte

O investimento estrangeiro é frequentemente interpretado como um instrumento do imperialismo para dominar a economia nacional pelo que estes partidos se opõem à concretização de investimentos estrangeiros, particularmente do tipo e da dimensão do projectado pela Ford para Sines (900 milhões de dólares)

O PCP também considera que o investimento da Ford é negativo para a economia portuguesa porque esta multinacional norte-americana exige muitos apoios do Estados português, os quais, na opinião dos comunistas, não serão compensados com os aspectos positivos do projecto

Os partidos situados à direita do leque partidário, como o PDC, ao defenderem o liberalismo económico, aceitam à partida a vinda de capitais estrangeiros como um elemento positivo na superação da crise económica que o país atravessa.

Redução da carga fiscal: unanimidade

A redução da carga fiscal sobre os portugueses e a reestruturação do sistema fiscal são dos poucos pontos em que se regista unanimidade de pontos de vista entre os partidos concorrentes às eleições

Ao nível dos princípios, todos os partidos defendem a redução da carga fiscal e a modernização do sistema fiscal existente, cuja estrutura é da responsabilidade de Salazar.

Cada um dos rendimentos dos portugueses é tributado através de um imposto específico, sendo sujeito a segunda tributação através do Imposto Complementar

Este sistema cria grandes problemas de gestão, para além de ser de controlo difícil e permitir um nível elevado de fraude e fuga fiscais

Há muitos anos que se fala na necessidade de introduzir em Portugal o imposto único sobre o rendimento e o Imposto sobre o Valor Acrescentado, substituindo assim uma série de impostos existentes, nomeadamente o de transacções, o profissional e o complementar, tornando mais fácil aos portugueses o pagamento dos seus impostos e ao Estado um maior controlo sobre as suas receitas.

Na perspectiva da adesão de Portugal à CEE é obrigatória pelo menos a introdução do Imposto sobre o Valor Acrescentado

Continua na pag 12

legislativas 83

Os partidos e a economia

Continuação da pág. 11

(IVA), pois os Estados membros contribuem com 1 por cento das receitas desta tributação para o orçamento comunitário

Os estudos técnicos para a introdução do IVA decorrem no âmbito do Ministério das Finanças, estando a ser negociado em Bruxelas o prazo para permitir a sua implementação.

O manifesto eleitoral do CDS afirma que o partido defende uma política «concertada de salários e de preços que diminua a expectativa inflacionária e assegure a competitividade externa dos nossos produtos».

O PPD/PSD defende uma economia mista e concorrencial, para o que considera necessário implementar «uma reforma fiscal realista de sentido redistributivo», frisando que a carga fiscal não deve ir «além de limites aceitáveis».

«A resposta PS ao Portugal em crise» defende «uma reforma fiscal profunda, com prudência e após prévia auscultação de todos os partidos sociais».

O Partido Socialista salienta a perspectiva de adesão à CEE que actuará de modo a «proximar o nosso sistema tributário do comunitário»

O PCP tem criticado o actual sistema fiscal, considerando que não tributa suficientemente as grandes fortunas e os bens de luxo ou supérfluos, frisando ser exagerada a carga fiscal sobre os rendimentos dos trabalhadores por conta de outrém

Os partidos são unânimes na necessidade de reestruturação do sistema fiscal, no sentido de uma maior equidade tributária e para que os impostos não constituam um factor desincentivador do trabalho

A carga fiscal sobre os portugueses está perto dos 30 por cento, o que em termos absolutos é um nível abaixo do verificado na maior parte dos países europeus

No entanto, em termos relativos, contando com os rendimentos auferidos em Portugal e nos restantes países europeus, os impostos são muito mais gravosos para os portugueses

Uma família com dois filhos que tenha auferido em 1982 cerca de 50 mil escudos por mês, terá de pagar este ano um imposto complementar superior a 30 mil escudos, depois de os rendimentos já terem sido tributados por outros impostos

em duas palavras

Continuação da pág. 11

mesmo que votar no PS», uma vez que o partido comunista «defende a sua participação num governo democrático que inclui sectores do PSD».

POUS

O POUS vai realizar uma «Conferência Nacional para um governo PS/PCP» no dia 14 de Maio, disse o dirigente do partido, Aires Rodrigues. «Vamos desde já preparar esta conferência, nas empresas e nas escolas, para começarmos a dar corpo e voz à escala de todo o país, à nossa vontade, à vontade do povo português», disse Aires Rodrigues no uso do Tempo de Antena do POUS, na TV. «Como o povo de Vizela, como os trabalhadores da Fonteia começaram a realizar a unidade, vamos reclizá-la e impô-la em todo o País, vamos impô-la ao PS e ao PCP na Assembleia da República», acrescentou.

OCMLP

O dirigente da OCMLP, Pedro Baptista, acusou Álvaro Cunhal de «empurrar sistematicamente Mário Soares para os braços do PSD e da direita». O cabeça de lista da OCMLP no círculo eleitoral do Porto disse em Amarante que o facto de a situação em Portugal se encontrar num «beco sem saída» resulta em grande parte da direcção soviética sobre o Partido Comunista» português. O PCP – disse – «porta-se como uma marioneta ao serviço de Moscovo e preocupa-se mais em favorecer uma possível investida belicista soviética sobre a Europa do que em resolver os problemas dos trabalhadores e encontrar uma saída de esquerda para a crise».

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado, pela Electricidade de Portugal-EDP, Zona Distribuição Setúbal, a que se refere o processo 8/66 264, arquivo 45, para o estabelecimento, na freguesia de Santa Maria do Castelo, concelho de Alcácer do Sal, de uma linha aérea a 30 kV, com 180 metros, do apoio n.º 6 da linha L1 30-13 COMPORTA-ALCÁCER, para o Posto de Transformação da Câmara Municipal de Alcácer do Sal em Murta (RA 30-13-2 C M ALCÁCER (MURTA)).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral dentro do citado prazo

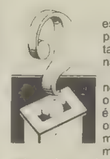
Repartição de Licenciamento, em 28 de Fevereiro de 1983

PELO DIRECTOR DE SERVIÇOS,

(António Martins Carvalho)

CDS Tricas e pinguepongue

Eleições à porta e jornalista sofre. Ontem à noite, na Guarda, o jornalista viu-se obrigado a fazer a cobertura simultânea da actividade eleitoral de quatro partidos. Curiosidade: todos eles se abrigam à sombra da mesma bandeira e utilizam a mesma sigla – CDS. Outra curiosidade: os quatro partidos em questão reuniram-se na mesma sala para fazerem o seu comício. Foi assim, que as pessoas que encheram ontem à noite o Cine Teatro da Guarda tiveram ocasião de ouvir três dos quatro líderes dessas formações partidárias – Luís Barbosa, Adriano Moreira e Lucas Pires. O líder do outro partido não compareceu. Optou por continuar a apanhar ares tonificantes na Quinta da Marinha, nos arredores de Cascais. Chama-se Freitas do Amaral e não gosta de jogar «pinguepongue...».



«As tricas estão a pôr este partido de pantanas. Assim não vamos lá...» Neste ou noutros termos, o desabafo não é coisa rara de ouvir. Sai volta e meia da boca de militantes centristas, integrados ou não na caravana eleitoral do CDS, que olham com um misto de raiva e impotência para «os espectáculos de divisão que o CDS por vezes oferece ..»

As tricas são de vária índole. Há as tricas entre as várias linhas que atravessam o CDS, as pessoais e as de despeito. Todas elas são responsáveis pelo fraco índice de receptividade que o CDS tem obtido nas várias etapas da sua maratona eleitoral pelo Norte do País

«Nós, os putos estamos fartos...»

E não se sabe ao certo qual das tricas é mais responsável por esse estado de coisas. Se aquelas existentes entre a linha Luís Barbosa e a de Lucas Pires, se as de responsáveis locais em luta por um lugar mais ao sol, se as daqueles que baixam os braços porque a caravana eleitoral do CDS não passou pelos «seus» sítios

No Porto, a colagem de cartazes era quase nula no dia em que começou oficialmente a campanha eleitoral. Em Braga, um dia depois, o mesmo cenário. A Juventude Centrista local, em guerra aberta com a Distrital, recusou-se a colar cartazes. Foi necessária uma «conversa» com Lucas Pires para que a JC de Braga aceitasse pôr-se em «marcha» mas, ao que se sabe, essa marcha não inclui «trabalhos» para a Distrital. A actividade da JC de Braga limitar-se-á à colagem de cartazes de Lucas Pires e a propagandear o programa da JC. «Os outros, os da Distrital, que se arranjem. Nós, os putos estamos fartos...», dizia-me, em Braga, um dos dirigentes da JC quando da passagem da caravana do CDS pela capital minhota

Três foram os sucessos...

No rol das queixas que a JC de Braga faz à Distrital sobressai a de ter colocado o dirigente da JC nacional como número 2 em Setúbal e a de ter acerte para cabeça de lista de Braga «um dirigente que já não diz nada a ninguém...». Esse dirigente é Basílio Horta, presidente do Congresso do CDS e que, lembre-se, tem optado pela divisa «o silêncio é de ouro...»

Tudo isto e algo mais tem conduzido a que a caravana centrista não tenha encontrado, em terras do Norte, a receptividade que esperava.

A já de si desorganizada caravana tem vindo a encontrar pelo caminho sintomas de que a sua passagem não foi devidamente noticiada nem preparada pelos militantes locais. De não espantar, pois, que o CDS só tenham averbado na sua campanha do Norte «três sucessos», em Aveiro, Bragança e Guarda. A esses três (salas de teatro ou de anfiteatro cheias), os dirigentes do CDS pretendem acrescentar um outro – Porto. E fazem-no porque consideram que as 1500 pessoas que assistiram ao comício da Praça D. João I «eram três vezes mais do que aquelas que o PSD reuniu no Coliseu do Porto», uma bitola que poucos convence.

Nas restantes localidades visitadas, um insucesso é por vezes flagrante, sábado, em Vila Real, e apesar do sol e temperatura amena, apenas 120 pessoas assistiram ao comício do CDS.

«Saudosismo» e «romantismo»

Enquanto isso, os jornalistas presentes na caravana vão presenciando «ao vivo» as linhas de demarcação que cruzam o CDS. Através do discurso de Adriano Moreira que, com as suas constantes referências a um «passado» glonoso, com o seu anticomunismo «sem complexos» aparentemente nada tem a ver com o de Lucas Pires. Da atitude de Luís Barbosa que, ontem, em todas as intervenções que fez no distrito da Guarda, com Lucas Pires ao lado, falou apenas do «eu» sem falar uma única vez do CDS nacional...

Mas o grande espectáculo da divisão foi dado ontem à noite na Guarda. Luís Barbosa, cabeça de lista pela Guarda e grande vencido do último Congresso do CDS, era um dos oradores da sessão. Tal como já fizera em Vila Nova de Foz Côa, optou pelo «auto retrato»: «Desafio qualquer um a fazer mais do que fiz por este distrito..., sou..., fiz..., já demonstrei sobejamente..., tive ... quero...»

Nem uma vez o nome de Lucas Pires ou de Adriano Moreira foi mencionado. Em contrapartida, o de Freitas do Amaral não foi esquecido. «O próximo candidato a PR deverá ser Diogo Freitas do Amaral», disse...

Mas o grande espectáculo da divisão surgiria com maior nitidez quando Luís Barbosa criticou Ramalho Eanes pelos «maus serviços prestados ao País», ao violentar o povo convocando eleições antecipadas, quando deu a entender que teria de haver nova revisão constitucional, porque esta é feita de «nós cegos», quando por último, condenou o «saudosismo» (Adriano Moreira) e o «romantismo» (Lucas Pires). Sabendo-se que Lucas Pires nunca criticou o PR nesta sua maratona pelo País e nunca pôs em causa a revisão constitucional («é a que temos, vivamos com ela...»), compreende-se o «balanço» de Luís Barbosa. «Balanço para uma partida de «ping-pong» apaixonante e acompanhado de palavras com significado próximo de «Eu sou o maior...» e de um culminar de discurso significativo: «Que Deus vos ajude...». E com um «vos» sublinhado....

Esperava-se um discurso «À Adriano». Mas, exausto pelas consecutivas deslocações, Adriano Moreira não se meteu na briga. Limitou-se, num discurso frouxo, a debitar o «trivial»: «não temos Estado..., sigamos o exemplo dos deslocados do Ultramar..., defendamos as nossas raízes com base nesse passado que ainda podemos ter...» Tarefa acabada, bola para Lucas Pires...

Este não a recusa. Vai daí, fala de «solidariedade entre todos os portugueses..., de unidade, unidade», antes de começar a partida de 'ping-pong'. Assim: «sem o respeito da revisão constitucional voltaremos ao PREC (...). Não somos um partido de desordeiros, não queremos a desestabilização». «Na Alemanha, na França, na Bélgica, na Inglaterra, na Itália, etc., não há guerrilha entre o presidente, o rei ou a rainha com o governo (...)

Quaisquer que sejam as suspeitas diremos isto aqui e em qualquer lado », afirma..

Depois, e para terminar, invoca também Freitas e o respectivo «curriculum». Traduzindo as suas palavras por outras que não as dele: O Freitas não é só teu e eu também tenho obra acabada como ministro da da Cultura.

A partida de 'ping-pong' acabava com Adriano a arbitrar.

Ainda o hino nacional não acabara de ser cantado e já alguém me sussurrava ao ouvido: «Que vergonha ver o meu partido neste estado...»

Manuel Anta

PS "Isto vai..."

Com Mário Soares em Setúbal, Almeida Santos no Porto e Jaime Gama em Lisboa, a campanha eleitoral socialista entrou noutro andamento. «Isto tem andado frouxo, será que vai 'aquecer' a partir de agora?» – perguntei ao líder socialista. «Espero que sim, mas olhe que não tem estado mal, pelas informações que tenho». Soares mostra também enfado por ter sido 'obrigado' a ficar no Congresso da IS mais dias do que estava inicialmente previsto. «Isto vai» – remata. E o Volvo arranca para Lisboa.

No jardim público de Santiago do Cacém dispersam as poucas centenas de pessoas que ali tinham acorrido para ouvir o líder socialista.

Choviscava. Soares tinha chegado uma hora atrasado e em 20 minutos resolve a questão. Foram quinze minutos de palavras em cima de um camião e cinco de abraços, beijos e saudações. Com uma charanga a animar a festa e a focar os 'parabéns a você' quando o líder socialista se abeirou dele. «Faz anos hoje» – alguém quis saber. Soares: «Não, eles é que quiseram tocar aquilo».

Em vinte minutos estava feito o recomeço da campanha de Mário Soares que hoje volta a estar no distrito de Setúbal, num 'porta-a-porta' que principia em Almada e acaba no centro da cidade

«Estamos a trabalhar para o sexto deputado» – afirma ao «DL» Eduardo Pereira, cabeça de lista. Na anterior Assembleia, o PS tinha quatro dos 17 deputados do círculo de Setúbal. O quinto, considera que já está ganho pelo fraccionamento da AD. E o sexto advém dos resultados obtidos nas últimas autárquicas

A dádiva

«O PS pode dar-vos muitas coisas» – disse Mário Soares, ontem à noite, em Santiago do Cacém. Isto a propósito do que a APU «não pode dar». O líder socialista falava em «terreno apuista». «A APU pode fazer gastar as solas dos sapatos em manifestações e fazer com que vão para casa com as gargantas roucas, mas não vos pode dar nada de concreto». O PS é que pode, garante Mário Soares, referindo-se concretamente à revogação do teto salarial e da lei dos contratos a prazo. «Todos os que votarem PS podem vir a controlar se cumprimos ou não o que prometemos» – acrescenta o líder socialista. E os outros cidadãos também não poderão controlar?

Mário Soares fez tangente às 'cem medidas' e fixou-se sobretudo nas cinco prioridades: combate à corrupção; aumentar a produção; solidariedade social; defesa dos direitos dos que trabalham; e dar um horizonte de confiança à juventude

No final, antes do apelo ao voto, Soares diz que não pode fazer outras promessas que não sejam: trabalho, mais trabalho, disciplina e autoridade democrática».

A decadência

Cimentando a sua posição de dirigente nacional, Jaime Gama concorre pela primeira vez por um círculo fora dos Açores. É o terceiro na lista de Lisboa. No sábado, esteve no concelho de Loures. Depois de um porta-a-porta intenso, participou numa sessão de esclarecimento, à noite, no refeitório dos trabalhadores da Câmara Municipal local. Apesar das muitas perguntas de uma assistência «yes man», a sessão foi morna. Pouca gente, setenta a oitenta pessoas. «Estas sessões têm pouco interesse, o que é importante é o porta-a-porta» – diz-nos Jaime Gama que também não acredita na maioria absoluta

Como vai o PS governar? Que alianças vai fazer? – foi coisa que ninguém da assistência quis saber.

Soltomayor Cardia também esteve presente. Monocórdico e centralizador. Segundo o ex-ministro que começou por falar da intervenção de Portugal na I Grande Guerra Mundial, «é preciso inverter a tendência trágica de decadência nacional iniciada no século XVI». Por isso, um aviso: «Podemos ficar na História se conseguirmos inflectir essa tendência. Esta é a nossa aposta»

E a aposta no ensino qual será? Se houve erros nessa matéria durante os governos socialistas, perguntou alguém, que disse desde logo não perceber nada do assunto. Cardia não gostou muito, mas acabou por dizer «obviamente que houve erros». Errar é a coisa mais natural do mundo. «Aliás seria absurdo que não tivesse havido erros» – justifica o ex-ministro, atenuando: «se tivessem sido concretizados os projectos que ficaram no Ministério em 1978, haveria hoje mais 6000 vagas no Ensino Superior.»

O modelo

O combate à evasão fiscal e, sobretudo, a definição de um modelo agrícola que permita a integração de Portugal no Mercado Comum, foram os assuntos que dominaram o resto da sessão. Jaime Gama: «Se tem de haver justiça na distribuição dos dinheiros do Estado, também terá de haver uma justiça fiscal.»

Quanto ao modelo agrícola, Jaime Gama defendeu a exploração média com empresários jovens, apoiados pela família. «O PS rejeita a agricultura do minifúndio e também os grandes potentados agrícolas». Para a área de intervenção da Reforma Agrária, o dirigente socialista defendeu a necessidade de «um desafio de produtividade e de gestão». Em sua opinião «o que está na ordem do dia é a estabilidade produtiva e não criar convulsões na área da RA, como, de resto, nas outras regiões»

Para entrarmos no Mercado Comum teremos de modernizar a nossa agricultura. Jaime Gama repete o que já se sabe. Desenvolver uma política não sectária mas muito exigente em termos produtivos, será o objectivo do PS. Desafio aos jovens foi como o dirigente socialista caracterizou a defesa do modelo de exploração agrícola média. Um desafio «para que os jovens não vejam só nas regiões urbanas o seu futuro»

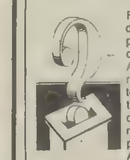
No final, uma pergunta sobre a manipulação da informação, a propósito do «caso João Isidro». «Quem manipula perde e quem comete arbítrio perde ainda mais» – diz Jaime Gama. Com esta adenda: «É tempo de haver em Portugal uma informação isenta para os que estão no poder ou na oposição.»

Como será daqui a meses?

Luís Humberto Marcos

PSD Promessas?

«Não há descrição» desabafava uma companheira de viagem ao longo deste fim-de-semana eleitoral do PSD. Depois de «palmilhar» todo o distrito de Braga, e sob forte chuva, terminámos em Aveiro. Se pela primeira vez, João Salgueiro ensaiou as suas «habilidades» em comícios, no distrito de Aveiro, Ângelo Correia era «como um peixe dentro da água». Membro de um Governo que prometeu? Que não cumpriu? Não tem importância. Ângelo Correia provoca uma verdadeira reviravolta no discurso de Mota Pinto. «Estudamos os dossiers...» – dizia Mota Pinto por mais de uma dúzia de concelhos de Aveiro. Ângelo Correia tinha-lhe passado as «cábulas» das aspirações destas terras.



Foram centenas de quilómetros pelos distritos de Braga e Aveiro. Com caravanas gigantescas (sobretudo em Braga) ou passagens mais discretas pela região de Aveiro, havendo aqui a desculpa do temporal, como Ângelo Correia nos fez questão de sublinhar. Terras com muita gente e outras sem ninguém, como Guimarães ou S. João da Madeira e três comícios como referência: Famalicão, Braga e Aveiro

«Com essa idade, ainda trabalha, minha senhora. Cumprimentos sociais-democratas para si e para toda a sua família» – vai dizendo o deputado Lemos Damião, por Braga. Conversa pelo altifalante do carro. «Menino, quando fores grande...» para uns miúdos que brincavam. Luta contra a abstenção: «O povo vai votar, Mota Pinto vai ganhar...». Passamos por tudo o que é sítio, fazemos dezenas de quilómetros de propaganda para os pinheiros, «Não há descrição. Estamos a falar para quem?» – repete a nossa companheira de viagem. Bastos, são pelo menos dois, o Mondim e Cabeceiras. Mota Pinto diz: «Somos um partido com gente de calos nas mãos, com gente que quer ter mais que os pais e que os filhos tenham uma vida melhor» ou «de gente que subiu na vida como quem sobe uma corda a pulso».

Quer no ginásio do Liceu D. Maria I em Braga, quer no Teatro Avenida, de Aveiro, Mota Pinto define «sucesso eleitoral»: «É sermos os primeiros». Se, ao longo do distrito de Braga, o líder popular democrático afirmou «não deixaremos cair o CDS» se tiverem o tal sucesso eleitoral (alusão ao acordo global de regime), não deixa de se insurgir contra os «jogos florais», «as piadas de ocasião», as metáforas ou as parábolas do actual presidente do CDS, Lucas Pires.

Quanto ao PS, segundo Mota Pinto, já esteve no Governo, prometeu e não fez nada. «Mas o PSD está lá» – digo ao dr Mário David, principal responsável da campanha. «Este PSD não» – respondeu. Este é, aliás, um ponto de honra da campanha. Fazer com que ninguém se lembre que há um Governo do PSD que está há mais de três anos a «mandar» neste País e isso é conseguido com um à vontade impressionante, «Corrente caudalosa que vai engrossando com gente das duas margens» eis como Mota Pinto se refere à dinâmica da campanha. «Vamos ganhar», diz. Mas, se em Braga, o comício se caracterizou por uma grande grritaria anticomunista, em Aveiro, foi um público que aplaudiu o necessário. Tudo depende das «goelas» da Juventude Social-Democrata.

Um militante de Ponte da Barca, vai a Palco – em Braga – e pede para falar. Dada que lhe foi a palavra, anuncia: «A única coisa que farei nesta vida terrena é votar na social-democracia», diz. «Tenho a quarta classe...» e desata numa gritaria: «Temos de votar porque os comunistas quando não vão de maca até levam os mortos». Deliciado, Mota Pinto, tem mote para o seu discurso. «Isto nunca podia acontecer num comício do PCP, onde todos os discursos estão controlados e aprovados pelo partido». Não perde a ocasião de falar no sucesso pessoal: «Os comunistas acham que ter sucesso pessoal é um crime, e os socialistas acham que o melhor é nem falar nisso»

Pela primeira vez, e isso aconteceu no Minho, Mota Pinto introduz a questão do pacto social. «O PS diz que quer o contrato ou o pacto social, hem. Nós também. Só que o PS quer primeiro conseguir isso e depois, formar Governo. Nós não. Entendemos que se ganharmos as eleições firmamos Governo e lideramos esse pacto ou acordo social» Mota Pinto repetia esta afirmação em Aveiro. «Foi neste teatro que ele e os outros fizeram as dissidências com o PSD, quando passaram em inadiáveis» – explicam-nos.

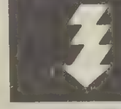
Mota Pinto luta, sobretudo, contra a abstenção. «Não ir votar é favorecer o Partido Socialista e Comunista», vai repetindo por terras, vilas, aldeias, lugares e lugarejos. «Somos um partido enraizado no cerne do povo português», continua o líder popular democrático. Quer em Sever do Vouga ou Vale de Cambra a firmeza e autoridade mantém-se como promessas. «Queremos um homem duro» berra um indivíduo na sessão de Estarreja. «Mota Pinto em frente, tens aqui a tua gente» ou «Mota Pinto tem na mão os destinos da Nação» são «slogans» que as bases deste partido já gritaram por gente tão diferente como Sá Carneiro, Emídio Guerreiro, Balsemão (quando houve oportunidade), por Soares Carneiro ou por Eanes (aqueles que não aceitaram o candidato da AD) e, agora, por Mota Pinto. Talvez que, no apoio ao professor de Coimbra esteja o desenrascanço, imprevisível, do «bom povo português». E que Mota Pinto esteve e não esteve com eles todos. A todos apoiou e desapoiou.

João Salgueiro ministro das Finanças e o cabeça-de-lista pelo distrito de Braga. «Deve ter subido, pela primeira vez, a uma camioneta» – diz-nos uma colega de um semanário. Só a custo João Salgueiro faz o «V» da vitória e grita PSD. Discursa somente no comício final. «Nunca as soluções do País foram dadas pelos estrangeiros», lembra o ministro das Finanças, numa alusão à reunião da Internacional Socialista, no nosso País. No entanto, João Salgueiro é o homem que mais empréstimos tem pedido ao estrangeiro e corrido para a Europa, atrás da CEE. «Não é em épocas difíceis que se deserta» e por isso ele se candidata. !As soluções do País não se encontram nos gabinetes e não basta a competência técnica». Exactamente o que ele tem feito, precisamente o que ele é. A serenidade de João Salgueiro, opõe-se em Aveiro, à «máquina» eleitoral que se chama Ângelo Correia. Entende o ministro da Administração Interna que o PSD é o único que pode conduzir o País pelo «meio da estrada» numa clara infracção ao código. Um verdadeiro baile de ataques ao PCP, PS e ao CDS. «CDS escolhe-nos como inimigo principal». «Nunca nos escondemos sob outras capas», diz Ângelo Correia que, sem pensar na AD crítica o PCP por se esconder na coligação da APU. «Escolheram o azul, a cor dos monárquicos» e termina com uma piada de salão: «O dr. Álvaro Cunhal ainda se torna o duque do Couço».

Foi um, e mais uma vez, desnecessariamente desgastante fim-de-semana pelo Minho e pelo litoral. «Com as nossas mãos, vamos mudar os destinos da Nação» – grita Lemos Damião em Braga. Já houve um português que conseguiu... ficando sem elas

Fernanda Mestrinho

ENTRE A VIDA E A MORTE O SANGUE PODE DECIDIR



POUPE ELECTRICIDADE

MONTADORES/OFFSET

Grande empresa gráfica, situada em Lisboa, admite para ampliação dos seus quadros:

— montadores de jornal.

— montadores offset com prática de montagem de cores.

Enviar resposta c/experiência anterior e ordenado pretendido a este jornal ao n.º 23 305

Resolução final do 16.º Congresso da IS

Internacional Socialista condena interferências dos EUA na Nicarágua

Num documento de oito mil palavras, a Internacional Socialista, cujo 16.º Congresso terminou ontem em Montechoro, Algarve, abordou alguns dos mais candentes problemas da actualidade internacional. Entre eles, a condenação das «tentativas de interferência dos Estados Unidos na Nicarágua».

resolução sobre a América Latina e as Caraíbas é particularmente dura com os EUA: «A IS rejeita», sublinha o texto, «todas as tentativas das agências norte-americanas para desestabilizar a Nicarágua» e apela a negociações directas entre as Honduras e a Nicarágua a fim de pôr cobro às incursões de que este último país é vítima a partir do território hondurenho

«A Internacional Socialista, numa das resoluções mais contundentes, condenou igualmente «as tentativas da administração Reagan para desestabilizar a situação em Grenada»

As ditaduras da região foram também alvo da resolução sobre a América Latina e Caraíbas: uma longa lista de regimes ditatoriais – Duvalier, no Haiti, Stroessner, no Paraguai, Pinochet, no Chile. A IS atacou igualmente «as graves violações dos direitos humanos no Suriname».

A política imposta pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) aos países latino-americanos, que considera uma expressão da opressão económica, é denunciada no texto-resolução

Condenação dos extremismos

Numa da áreas que mais polémica gerou entre os congressistas, o Médio Oriente, a IS afirma que «vê com grande preocupação a crescente vaga de vários tipos de extremismo nos países muçulmanos e em Israel».

Esta expressão, introduzida na reunião da comissão, substituiu a condenação das «intenções expansionistas de sectores agressivos de Israel, incluindo o governo» contida no texto-base da comissão chefiada por Mário Soares

A Internacional Socialista condena igualmente os massacres perpetrados nos campos de refugiados palestinianos no Líbano e lamenta «que as recomendações da comissão de inquérito não tenham sido plenamente cumpridas pelo governo de Israel, uma indicação», segundo o texto, «da falta de vontade política desse governo para encontrar uma solução justa para o Médio Oriente». Também aqui houve negociação, tendo desaparecido qualquer referência «à intransigência e arrogância» demonstradas pelo governo Begin em relação ao inquérito dos campos palestinos

A versão final do documento também não inclui a afirmação de que «a Internacional Socialista deseja sublinhar que nenhum partido, organização ou governo não palestino tem o direito de determinar quem são os legítimos representantes do povo palestiniano ou determinar quem sao os seus representantes»

O texto aprovado como resolução final do 16.º Congresso da IS sublinha antes as linhas de fractura que existem no seio da Internacional sobre este ponto: «Enquanto muitos partidos membros reconhecem a OLP, alguns têm relações políticas regulares com esta organização. Não compete à IS – lê-se no texto final – dizer se a OLP é o legítimo representante do povo palestiniano – esta decisao deve ser tomada pelos próprios palestinianos.»

Alteraçõees também houve às referências aos colonatos israelitas na margem ocidental do Jordão. A versão aprovada refere que «a IS acredita que esforços corajosos devem ser feitos por todos os governos e partidos do Médio Oriente amanetes da Paze para encorajar negociações políticas que conduzam à Paz»

Por proposta do dirigente do Partido Progressista Libanês, Walllid Jumblat, foi suprimida do texto referência «aos perigos decorrentes da presença dos misseis SAM-5 em território sírio». Segundo o dirigente libanês, a retirada dessas armas provocaria alterações sensíveis no equilíbrio de forças militares na zona, com vantagem para Israel.

Congelamento da corrida aos armamentos

Noutra resolução parcial, a Internacional Socialista apelou à União Soviética e aos Estados Unidos para que concluam urgentemente um acordo provisório sobre o congelamento da corrida aos armamentos. O documento salienta que o objectivo de tal acordo seria o de acabar com a tendência actual qualitativa e quantitativa do incremento da corrida aos armamentos, e permitir ganhar tempo para negociações sobre a redução dos arsenais existentes.

A IS apela igualmente às duas superpotências para que adiem os testes de armas nucleares, a produção, armazenamento e utilização das armas químicas e bacteiológicas e restrinjam o comercio e transferências de armas.

Por outro lado, a Internacional Socialista considera que a criação de zonas desnuclearizadas, como meio de reforçar a estabilidade e a segurança a nível regional, deve ser incrementada, motivo pelo qual saudou as tentivas em curso, particularmente na Europa do Norte, nos Balcãs e oceano Pacífico

Reafirmação da terceira via

No ponto mais ideológico das resoluções finais, o 16.º Congresso da IS reafirma que o socialismo é a única ideologias que pode trazer esperança ao Terçeiro Mundo e aos países industrializados. «O socialismo e a socila democracia», acentua o texto, «é a terceira via, a alternativa para o capitalismo e o comunismo de Rstado de partido único». «A nossa ideologia, prossegue a resolução final, «é a única que tem em conta simultaneamente as necessidades de justiça social, liberdade e respeito pelos direitos do Homem», assim como a assumpção da luta pela 'Paz e Segurança no Mundo'.

Sobre a crise económica internacional que atinge com particular dureza os países do Terceiro Mundo, o texto depois de acentuar o perigo que as dificuldades económicas representam para alguns países recém-descolonizados, sublinha a via que os partidos e sindicatos e socialistas e sociais democratas encetaram para a saída da crise.

No seguimento de aspectos técnicos, como a diminuição das taxas de inflação, da redistribuição do emprego, dos rendimentos e riquezas e a reestruturação das relações internacionais entre o Terceiro Mundo e as economias industriais avançadas, a IS propõem um programa em oito pontos.

Nesse texto, para além da redução do desemprego e da inflação, é igualmente sugerida a canalização dos recursos para verdadeiros investimentos produtivos, no quadro de uma negociação internacional das dívidas do Terceiro Mundo e de maior ligação entre as políticas económicas e sociais e a redução progressiva do tempo de trabalho.

Plano Reagan parece liquidado

Negociações Hussein-Arafat falharam

O reu Hussein da Jordânia anunicou ontem em Amã que as negociações jordano-palestinas terminaram e acrescentou que ele e o seu país «deixam à OLP e ao povo palestino a decisão da sua sorte e da forma de libertarem o seu territorio».

Significa isto que falharam rotundamente as tentativas de integrar a OLP disfarçadamente numa delegação palestino-jordana e fazer transferir para o rei Hussein a representatividade dos palestinos que a comunidade internacional de há muito reconhece em exclusivo à OLP. Certos observadores consideravam que os resultados os último Conselho Nacional Palestino davam aos dirigente da OLP, Yasser Arafat, a margem de manobra suficiente para negociar essa concessão sem precedentes na história da OLP. Chega-se agora à conclusão de que esses futurologistas estavam enganarndos e que a linha da OLP continua a ser aquela que ainda recentemente reafirmou, em entrevista ao «DL», o dirigente palestino Abdullah Hurani: a OLP não renunciará à sua qualidade de único e legítimo representante do povo palestino nem à soberania e autonomia do seu Estado. A confederação eventual com a Jordânia não se traduzirá na criação de uma espécie de província palestina do reino hachemita, mas sim numa confederação propriamente dita entre dois Estados autónomos e soberansos.

Na lógica do malogro destas negociações, a OLP deverá rejeitar claramente o plano Reagan, que tacticamente havia sido recusado em Fez, embora não de forma explícita.

Segundo o comunicado oficial da Jordânia, foi a OLP que à última hora se retratou. Hussein considera no seu comunicado que o plano de Fez não se revela operacional para o momento presente, pelo que optou pelo projecto Reagan. esta afirmação é mais umna prova daquilo que o «DL» oportunamente afirmou em comentário sobre o que denominou de «A Capitulação de Fez». Os árabes que 'aprovaram' o plano estavam no fundo a caucionar o projecto de Reagan, ou, pelo menos, a abrir portas para uma era de negociações cujo final visível era o impasse, a que sóo serviria para enredar a OLP nos jogos diplomnáticos concertados pelo ocidente e explorados por Israel.

É o que agora está à vista Segundo círculos jordanos e segundo o próprio presidente Ronald Reagan, foram «elementos extremistas da OLP» que, à última hora, introduziram modificações no plano de acordo previamente elaborado entre Arafat e Hussein. Realmente isto revela da ingenuidade pura e simples. Ou de outros sentimentos que nos abstemos de qualificar. Ainda que Arafat tivesse a princípio chegado a um acordo suicida, o que neste momento se passa no Líbano com Israel seria mais que suficiente para o próprio Arafat pensar duas vezes antes de se desarmar por completo face aos seus inimigos.

Que atitude tem tido o governo norte-americano no Líbano? Que compensação têm sido dadas à «moderação» dos Estados árabes aliados dos EUA e metidos com Wasgington num consenso contra-natura? Que garantias daria aos palestinos o homem do «Setembro Negro», numa altura em que ninguém no mundo ocidental faz quaisquer esforços decisivos a favor dos árabes?

Perguntas estas para as quais o salão oval da Casa Branca não tem resposta. Mas quando se é Carter (apesar de tudo, há grandes diferenças entre Carter e Reagan individualmente considerados) e se está fora do ovo asfixiante do poder em Washington, raciocina-se. Por isso não surpreende que, antes mesmo de conhecer a ruptura das negociações Hussein-Arafat, Carter tenha declarado que a situação actual no Medio Oriente é «desesperada».

Holocausto

Israel comemorou com especial solenidade o dia do Holocausto, cue coincidiu este ano com o 40.º aniversário da insurreição do **ghetto** de Varsóvia. À noite em Jerusalém, no monumento Yad Vashem, o presidente cessante, Yitzhak Navon, juntamente com mais de mil sobreviventes, assistiu à cerimónia que marcou o início das solenidades. Um dos sobreviventes do «ghetto» de Varsóvia declarou que os insurrectos sabiam que estavam condenados a morrer, mas «desejavam provar a si próprios e ao mundo que o sangue dos homens, das mulheres e das crianças não pode ser derramado impunemente».

Não pode. Nem o dos judeus nem o de outros povos.

Conversações na América Central

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da Colômbia, Panamá Venezuela e México reuniram-se hoje no Panamá para estudar os mecanismos que evitem um conflito bélico generalizado na América Central

Encontra-se também no Panamá embora fontes oficiais indiquem que é apenas «por coincidência» e não para assistir à reunião o ministro nicaraguense dos Negócios Estrangeiros, Miguel d'Escoto, que domingo preveniu os seus homólogos sobre o perigo de uma guerra do seu país com as Honduras

O presidente colombiano, Belisario Betancur, avistou-se por seu turno, em Caracas, com o presidente venezuelanano, Luis Herrera Campins e, na capital do Panamá com o presidente deste país Ricardo de La Espriella e da Costa Rica, Luis Alberto Monge

Ao concluir a sua visita ao Panamá, Betancur declarou que para se conseguir a paz na América Central era necessário saírem todos os assessores militares estrangeiros da área e que fosse suspenso o envio de armas aos países da região.

O governanete colombiano explicou que as causas «endógenas» da crise centro-americana, como a fome e a falta de serviços de saude e educação se somam aos factores «exógenos» como o excesso de armamento e a crescente presença de assessores militares estrangeiros.

COMÍCIO em LEIRIA

MOTA PINTO

HOJE, ÀS 21.30 H no PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO

PPD/PSD

ece liquidado

ações

Arafat

ram

egundo círculos jordanos e se-undo o próprio presidente Ro-ald Reagan, foram «elementos xtremistas da OLP» que, à últi-a hora, introduziram modifica-ões no plano de acordo previa-ente elaborado entre Arafat e ussein. Realmente isto revela a ingenuidade pura e simples. u de outros sentimentos que os abstemos de qualificar. Ain-a que Arafat tivesse a princípio negado a um acordo suicida, o ue neste momento se passa no bano com Israel seria mais que uficiente para o próprio Arafat ensar duas vezes antes de se esarmar por completo face aos eus inimigos.

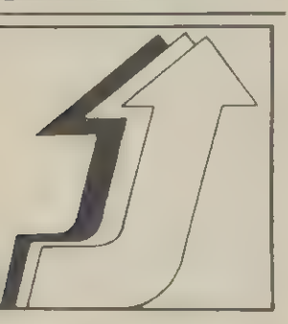
Que atitude tem tido o governo orte-americano no Líbano? Que ompensação têm sido dadas à moderação» dos Estados ára-es aliados dos EUA e metidos om Wasgington num consenso ontra-natura? Que garantias da-a aos palestinos o homem do Setembro Negro», numa altura m que ninguém no mundo oci-ental faz quaisquer esforços de-isivos a favor dos árabes?

Perguntas estas para as quais salão oval da Casa Branca nao em resposta. Mas quando se é Carter (apesar de tudo, há gran-es diferenças entre Carter e Reagan individualmente consi-erados) e se está fora do ovo sfixiante do poder em Washing-on, raciocina-se. Por isso não urpreende que, antes mesmo e conhecer a ruptura das nego-iações Hussein-Arafat, Carter enha declarado que a situação actual no Médio Oriente é «de-esperada».

Holocausto

Israel comemorou com espe-cial solenidade o dia do Holo-causto, que coincidiu este ano com o 40.º aniversário da insur-reição do **ghetto** de Varsóvia. À noite em Jerusalém, no monu-mento Yad Vashem, o presidente cessante, Yitzhak Navon, junta-mente com mais de mil sobrevi-ventes, assistiu à cerimónia que marcou o início das solenidades. Um dos sobreviventes do «ghet-o» de Varsóvia declarou que os insurrectos sabiam que estavam condenados a morrer, mas «de-sejavam provar a si próprios e ao mundo que o sangue dos ho-mens, das mulheres e das crian-ças não pode ser derramado im-punemente».

Não pode. Nem o dos judeus nem o de outros povos.



PPD/PSD

A morte de um "moderado"

Que vergonha!

Quando Sadat foi assassinado a reacção comum de governantes e comentaristas ocidentais constituiu mais uma forma (muito subtil – e quem sabe? – inconsciente) de solidariedade com o sionismo. Agora que Issam Sartawi foi assassinado em Montechoro, assiste-se ao espectáculo pouco edificante de vermos o sr. Shimon Perez dar o tom que toda a orquestra deve seguir: a morte do dirigente palestino foi mais uma «derrota» imposta à moderação por aqueles que no Médio Oriente prosseguem os caminhos da violência. E quem são, subentendidamente, aqueles que no conflito israelo-árabe seguem as vias tumultuosas da violência? Os palestinos, é claro...

Para este tipo de raciocínio, servem-se os comentaristas dum pretexto: do facto de o grupo Abu Nidal ter reivindicado o atentado de Montechoro. Trata-se de um simples pretexto. Porque, ainda com o sangue de Sartawi no átrio do hotel, já o tom fora dado pelo sr. Shimon Perez. Antes mesmo de o grupo Abu Nidal ter reivindicado o crime...

Ora, pergunta-se: até hoje que resultados trouxe para o Médio Oriente a «moderação»? E – mais importante – pergunta-se: até hoje quem foram os autores dos maiores actos de terrorismo no Médio Oriente?

O que se passou no Congresso da Internacional Socialista com o «ultramoderado» Sartawi e com o trabalhista Shimon Perez é um caso exemplar.

Como se sabe, em Basileia, foi impossível à IS tomar uma decisão minimamente corajosa sobre o conflito do Médio Oriente. A fim de certos partidos poderem engolir essa vergonha, chegou-se ao consenso de enviar um convite à OLP para esta participar no Congresso que a IS iria realizar na Austrália (e que acabou por efectuar em Montechoro).

Não sabemos por que veio Issam Sartawi a Portugal. Terá vindo por ser ele, isto é, será que a IS o convidou a ele, por ser «ultramoderado»? Ou terá sido a própria OLP que o mandou? Seja como for, criou-se primeiro uma situação: a OLP estava em Montechoro como convidada e na sua qualidade de Organização para a Libertação da Palestina.

Depois, Willy Brandt, a princípio **mal traduzido** (destino que parece comum a todos os dirigentes, ou, a muitos, da IS) acabaria por dar o dito por não dito, e caiu-se na ambígua situação de termos em Montechoro Issam Sartawi e o seu companheiro como «convidados individuais». Shimon Perez vencera a campanha na qual se desunhara em Espanha e nos bastidores do Congresso.

Como se isto não bastasse, quando esse convidado mal amado (diriam os russos: esse «tártaro») quiz, ao menos, falar no Congresso, foi impedido de o fazer. Naquele Congresso que tanto apoia a moderação, moderado deixou de ser Issam Sartawi para ser Shimon Perez e só Shimon Perez. Issam Sartawi, que não se poupou, nos corredores, a comentários amargos sobre a maneira como estava a ser tratado pelos convidadores de Basileia, tudo tentou para que a sua voz de árabe «ultramoderado» se fizesse ouvir no conclave. Recorreu ao processo de abaixo-assinado e conseguiu mesmo vinte e nove assinaturas. Em vão. Antes de as balas o terem silenciado, já a IS o reduzira ao silêncio.

Com que autoridade se diz agora que Sartawi foi vítima dos extremistas que recusam o diálogo no Médio Oriente? Que extremistas? De que extremistas se fala? Do estranho grupo Abu Nidal, que tem sempre a habilidade de cometer o golpe desejado por Israel na «hora» por Israel desejada? Ou será que se fala dos extremistas do outro lado? Dos Begins e companhia, que sabotam Camp David, que o fizeram gorar, que liquidaram o plano Reagan, que a tudo recorrem para evitar qualquer entendimento com os palestinos, quer por via directa, quer por via indirecta?

De que extremistas falam agora? Dos trabalhistas israelitas que começaram por apoiar os maiores crimes de Israel – os massacres do Líbano e de Beirute – e que só depois tentaram explorá-los em proveito eleitoralista? Dos trabalhistas israelitas que foram obrigados a calar a «indignação» causada por Sabra e Chatila depois de terem sido ameaçados pelos governamentais de se vir a saber tudo sobre o massacre que eles, trabalhistas, consentiram no campo Tel-al-Zahar?

E que dividendos têm retirado os «moderados» do campo árabe? Acaso não está já mais que demonstrado pela própria OLP, antes, mas sobretudo depois de Fez, que os palestinos estão dispostos a reconhecer Israel, que os palestinos estão dispostos a depor armas (das quais já foram, aliás, espoliados), que os palestinianos estão dispostos a fazer importantes concessões em troca de uma pátria autónoma?

Quem os apoia nestas reivindicações, quem os apoia nesta «moderação»? Os EUA, — que, zangados agora com Israel porque pretendem ser eles a assenhorear-se directamente do Líbano, são o sustentáculo do sionismo e vetam na ONU todas as resoluções condenatórios dos crimes de Telavive? A Europa dos «Dez» que não tem a coragem política de ao menos se distanciar claramente de Telavive e de Washington e de erguer a voz firme e determinadamente a favor das exigências mínimas dos palestinos? A Internacional Socialista que nem sequer consentiu no seu Congresso que soasse a voz do moderado entre os moderados, Issam Sartawi? A IS, que nem sequer consegue condenar a agressão sionista no Líbano?

Pergunta-se: quem é contra a «moderação» no Médio Oriente? Quem são os extremistas do Médio Oriente? Não estará claro para todos que o sionismo militante de Begin e o sionismo igualmente militante dos trabalhistas é a causa profunda da guerra e da violência no Médio Oriente?

Que hipocrisia é essa agora? Que esforços estará disposta a IS a fazer para que os «moderados» como Sadat (esses que Mário Soares deseja ver em proliferação no Médio Oriente como cogumelos), para que os moderados como Sartawi sejam compensados da sua «moderação»? Que esforços estão dispostos os que tanto se reclamam do diálogo e da paz para distinguir de uma vez por todas entre agressor e agredido, entre opressor e oprimido?

Que destino terão os «moderados» árabes se os deixam inertes e sem quaisquer vitórias entre os fogos opostos dos radicais árabes (e quem poderá deixar de dar razão àqueles que todos os dias vêem aumentar o holocausto à medida que as cedências se intensificam?) e dos matadores sionistas? Se tanto pugnam pelos moderados árabes, por que os deixam cair tão completamente, por que os reduzem tão vergonhosamente ao silêncio?

Que autoridade tem o sr. Shimon Peres para dizer que o «tiro em Sartawi foi o tiro na moderação», se ele próprio começara por recusar a presença da «moderação»? Só assassina aquele que puxa do gatilho? E quem puxa o gatilho estará isolado? Ou puxa do gatilho porque sabe os apoios que tem, e as cumplicidades com que conta?

Por vezes, apetece citar Chateaubriand: há épocas na história em que a pouca vergonha é tanta que as pessoas com vergonha têm vergonha de ter vergonha porque passam por ter menos vergonha que os sem-vergonha!

Que vergonha!

Alice Nicolau

Seis fuzilamentos no Maputo

As seis pessoas condenadas à morte na semana passada, por um Tribunal Especial do Maputo, foram fuziladas ao fim da tarde de sábado, soube a ANOP de fontes oficiais

A execução efectuou-se num bairro periférico, o do Hulene, tendo a ela assistido um número restrito de pessoas, entre as quais o presidente do município do Maputo, Gaspar Zimba.

Numa mensagem que dirigiu aos condenados, Gaspar Zimba disse-lhes que os actos pelos quais iriam ser executados se revestiam de uma gravidade tal que não admitiam nenhum gesto de indulto

A condenação das seis pessoas, em especial a do comerciante de origem indiana Gulamo Nabi, tinha suscitado múltiplos pedidos de clemência de meios islâmicos nacionais e internacionais.

Com o comerciante, acusado de sabotagem económica, foram também fuzilados dois elementos do MNR (Movimento Nacional de Resistência), Júlio Tazane, e José Muchanga

Os outros três são um maquinista dos caminhos-de-ferro, José Manderero, acusado de sabotagem económica, e Temisson Macuacua e António Mbondi, condenado por homicídio voluntário

O julgamento das seis pessoas foi feito já com base em disposições que agravaram as penas aplicáveis a uma longa lista de delitos.

Por outro lado, dois trabalhadores do porto de Quelimane, província da Zambézia, foram no domingo chicoteados publicamente após terem sido condenados pelo Tribunal Popular Provincial

Trata-se de Luís Luciano, estivador, e Nordamo Fernandes, guarda de armazém, que haviam sido detectados pelas forças policiais com diversos géneros alimentícios e vestuário furtado nas instalações daquele porto

Documentos secretos da RFA provam

Não há superioridade militar da URSS

Um primeiro esboço do «Livro Branco 1983» sobre a defesa da RFA, no qual se afirma que a URSS não tem a supremacia militar sobre o Ocidente – contrariamente ao que os americanos dizem –, foi colocado provisoriamente sob segredo pelo Ministério da Defes, afirma o semanário «Der Spiegel» na sua última edição

Segundo o jornal o ministro alemão-federal da Defesa, Mandred Woerner (cristão-democrata), tomou esta medida para «não perturnar as relações entre Bona e Washington, já que as conclusoes a que esse projecto chega não correspondem à linha política seguida actualmente poelos Estados Unidos, que se eleitam em visões de terror»

O Ministério desmentiu ontem que as linhas gerais do documento tenham sido colocadoas sob segrewdo, reconhecendo ao mesmo tempo que a publicação do livro branco – que devia ter lugar proximamente – será aidada para o Outono, para que a obra seja «actualizada»

O «Spiegel» precisa que o estudo, elaborado pelos especialistas do Ministerio da Eeesa e da «Bundeswehr» (Forças Armadas) sob o mandato do anterior ministro, Hans Apel (social-democrata), «lança uma advertência contra uma aceleração incontrolada da corrida aos armamentos e recomenda uma nova aproximação Leste-Oeste»

Segundo os autores do documento, «há um interesse especificamente europeu na continuação da política de equilíbrio com os países do Pactop de Varsóvia, visto que estes se encontram geograficamente situados próximo da Europa Ocidental»

Cientistas dos EUA desmentem Reagan

Cientistas e peritos em armamento que participaram nas negociações para o tratado anti-mísseis balísticos ABM condenaram no princípio deste mês o projecto do presidente Reagan para criar superarmas que liminem os mísseis nucleares.

Esses programa violaria o espírito e a letra do tratado subscrito por Washington e Moscovo em 1972 e que representa «o mais importante acordo existente» no que respeita ao controlo de armamentos – afirmaram os especialistas Raymond Garthoff, Spurgeon Keeny e John Rhinelander, tal como Jeremy Stone, presidente da Federação dos Cientistas Norte-americanos

Esta poderosa organização, que entre os seus 5000 membros conta numerosos prémio Nobel, declarou-se muito preocupada com o projecto anti-mísseis de Reagan (mais conhecido por «guerra das estrelas»)

Manifestaram fortes dúvidas sobre as possibilidades técnicas de um sistema de laser, raios de partículas ou micrc ondas que, estabelecido em terra ou nu rio espaço, pudesse destruir os misseis balísticos intercontinentais logo pouco depois do seu lançamento, em caso de ataque

Keeny classificou de «irresponsável» a afirmação do secretário do Pentágono, Caspar Weinberger, de que os Estados Unidos poderiam criar um sistema «global» não só contra os mísseis intercontonentais, como também contra os de médio alcance (pincipal preocupação europeia) e contra os bombardeamentos estratégicos nucleares

SPGL SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

Ao abrigo do Art. 72.º dos Estatutos convocam-se todos os sócios do SPGL no pleno gozo dos seus direitos sindicais para a Assembleia Geral Eleitoral, a qual se realizará no dia 8 de Junho de 1983, das 9.30 horas às 20.30 horas com o seguinte ponto único da ORDEM DE TRABALHOS

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O BIÉNIO, 1983/85

APRESENTAÇÃO DE CANDIDATURAS

1. A apresentação de candidaturas devera ser feita no prazo maximo [illegible] convocação da Assembleia Gera Eleitora isto e ate as 18 00 horas
2. A apresentação de candidaturas consiste na entrega a Mesa da Assembleia Gera
   a) de lista contendo a identificação dos candidatos e dos orgac do Sind cato a que cada associado se candidata, sendo obrigatoria a indicação do Presidente do Vice-Presidente e do Tesoureiro
   b) do termo individual ou colectivo de aceitação de candidatura
   c) do programa de acção,
   d) da indicação dos representantes da lista na Comissão Eleitoral
3. As listas de candidaturas terão de ser subscritas por, pelo menos, 1 10 ou 500 associados do Sindicato no pleno gozo dos seus direitos sindicais
4. Os subscritores serão identificados pelo nome, completo bem legivel, numero de associado e local de trabalho

DIREITO DE VOTO

Consideram-se associados no pleno gozo dos seus direitos, os sócios do SPGL que

a) tenham pago as suas quotas, **nos** casos em que sejam devidas, até ao mês anterior aquele em que for convocada a Assembleia Geral Eleitoral, isto é, **Março de 1983** Nesta data é afixada na Sede e nas Delegações do SPGL uma listagem geral contendo a situação sindical de cada sócio, referida no ultimo mês de quotas pagas Nos termos do Art 78 º, haverá um periodo de 20 dias para regularização da situação sindical – pelo que se apela a todos os sócios e, em particular, aos delegados e activistas sindicais para a importância de uma leitura atenta da citada listagem geral a fim de serem supridas eventuais falhas

EXERCÍCIO DO VOTO

1. O voto é individual e secreto.
2. Não é permitido o voto por procuração
3. É permitido o voto por correspondência desde que, cumulativamente
   a) o boletim de voto esteja dobrado em 4 e contido em sobrescrito fechado,
   b) do referido sobrescrito conste o número e a assinatura do associado reconhecida por notário, abonada por autoridade administrativa ou pela Comissão Eleitoral ou acompanhada do cartão de associado,
   c) Este sobrescrito, introduzido noutro, seja endereçado e remetido por correio registado ou entregue em mão ao presidente da Comissão Eleitoral
4. So serão considerado os votos por correspondência recebidos até à hora de encerramento da votação (Art. 82 º)

Lisboa, 8 de Abril de 1983

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Prof. Domingos Moura

DESPORTO

Setubal: Manuel Oliveira vence Artur Jorge

Nacional de futebol

Comandantes empatam Sporting não aproveita

Benfica e F. C. do Porto igualaram-se em resultados e mantiveram a distância de quatro pontos na tabela, a cinco jornadas do termo do Campeonato de Futebol da 1.ª Divisão. O Benfica cedeu um empate em branco (na Luz) frente ao Rio Ave, enquanto o F. C. do Porto ia empatar, também sem golos, ao Estádio do Vitória de Guimarães. Isto significou que o Benfica acabou por ser feliz, enquanto o F. C. do Porto perdeu uma oportunidade de se aproximar do comandante

No «torneio» pela Europa, o Braga perdeu terreno ao ser «goleado» (1-4) no arrelvado do Campo da Avenida, por um Espinho que bem necessitava dos dois pontos O Guimarães, com o ponto do empate com o F. C. do Porto, isolou-se no 4.º lugar, com mais um ponto que o Braga

No fim da tabela, Amora e Alcobaça, derrotados (respectivamente) no Estoril e no campo do Salgueiros, são mais ultimos, enquanto Maritimo (vencido na Póvoa do Varzim) e Espinho, têm mais três pontos do que o penúltimo, Amora

Um grupo de quatro equipas (com 23 pontos) afasta-se da zona perigosa: Portimonense, Estoril, Setubal e Salgueiros

Em Setúbal, o Vitória derrotou o Portimonense com um golo de Rui Lopes, na 1.ª parte. Na Póvoa de Varzim, dos cinco golos do encontro, três foram nas proprias balizas e o Varzim venceu por 3-2 o Maritimo. Os dois golos dos funchalenses foram auto golos dos varzinistas O Maritimo também «compensou» o adversário com outro auto golo

A derrota do Amora no Estoril foi clara (0-3)e sem hipóteses para a equipa da outra margem O mesmo sucedeu ao «lanterna vermelha», o Alcobaça, com o Salgueiros, que venceu por 2-0

O Sporting foi ao Bessa onde, em terreno superpesado (a dificultar a acção dos jogadores) não conseguiu vencer frente a um Boavista, ainda não afastado da zona perigosa, mas que lhe foi superior no capitulo de remate

Resultados

Resultados completos da 25.ª jornada do campeonato da 1.ª divisão: Benfica-Rio Ave, 0-0; Vitória de Guimarães-FC Porto, 0-0; Boavista-Sporting, 1-0 (0-0 ao intervalo); Espinho-Braga, 4-1 (1-0), Varzim-Maritimo, 3-2 (1-1); Estoril-Amora, 3-0 (1-0); Vitória de Setubal-Portimonense, 1-0 (1-0); Salgueiros-Alcobaça 2-0 (1-0)

Marcadores

O líder dos atiradores do campeonato voltou a não marcar no encontro em que a sua equipa defrontou o Guimarães. Os melhores marcadores do campeonato são: Gomes (FC Porto), 28 golos; Nhabola (Rio Ave), 17; Nené (Benfica) e Jordão (Sporting) 16; Filipovic (Benfica) e Walsh (FC Porto), 14; Raul Aguas (Portimonense), 10; Oliveira (Sporting) 9; Joaquim Rocha (Guimarães), Sousa (FC Porto), Vítor Madeira (Estoril), Reinaldo (Boavista), Fontes (Braga) e Lito (Sporting), 7

A seguir

O encontro Sp. Braga-Boavista será transmitido em directo pela RTP, a partir das 20 horas do próximo domingo. A jornada em causa (26.ª) do Campeonato Nacional da I Divisão engloba ainda mais os seguintes encontros: FC Porto-Maritimo, Rio Ave-V. Guimarães, Amora-Benfica (sabado, 16 horas), Ginásio Alcobaça-Estoril, Portimonense-Salgueiros, Sporting-V. Setúbal e Sp Espinho-Varzim

Totobola: a chave

1	Benfica-Rio Ave	X
2.	Guimarães-Porto	X
3	Varzim-Maritimo	1
4	Estoril-Amora	1
5.	Salgueiros-Alcobaça	1
6	Setúbal-Portimonense	1
7	Espinho-Braga	1
8.	Oliveirense-Feirense	1
9.	Covilhã-Águeda	2
10.	A. Viseu-U. Coimbra	1
11.	Sesimbra-U. Madeira	1
12.	Quimigal-Barreirense	X
13.	C. Piedade-Olhanense	1

O valor de cada prémio é de 26 912 972 escudos. Os serviços do Totobola prevêem entre 120 e 150 apostas com 13 resultados certos. Com 12 símbolos certos estão previstas de 15 mil a 17 mil apostas

	J	V	E	D	G	P
Benfica	25	17	7	1	52-11	41
Porto	25	15	7	3	57-17	37
Sporting	25	15	5	5	42-23	36
Guimarães	25	9	10	6	26-18	28
Braga	25	12	3	10	36-34	27
Varzim	25	8	10	7	22-32	26
Rio Ave	25	11	3	11	37-34	25
Portimonense	25	9	5	11	28-28	23
Estoril	25	8	7	10	21-30	23
Setúbal	25	9	5	11	23-28	23
Salgueiros	25	8	7	10	22-27	23
Boavista	25	8	6	11	20-34	22
Maritimo	25	5	9	11	18 31	19
Espinho	25	6	7	12	18-32	19
Amora	25	5	6	14	17-27	16
Alcobaça	25	3	7	15	15-38	13

Guimarães, 0-Porto, 0

Descrença mora nas Antas

Gorada que foi a hipótese de derrotar o Benfica nas Antas, o FC Porto parece definitivamente conformado com a sua situação de segundo, como deixou perceber claramente ontem à tarde, no «ensopado» rectângulo da cidade-berço. Nem o som estimulante da Luz foi capaz de remover o estado de espírito dos «azuis e brancos»: indiferentes a possibilidade de encurtarem a distância que os separava do seu mais directo rival, os portistas não tiveram força para modifioar o seu processo de jogo e acabaram por regressar a penates com um ponto no bornal que, verdade se diga, foi regateado até ao baixar do pano.

O estado do terreno (por um lado) o sistema táctico dos vimaranenses (por outro) foram os grandes obstáculos que se depararam aos pupilos de Pedroto A chuva (por vezes diluviana) encharcou o relvado de tal maneira que obrigou os jogadores a despenderem um esforço acima do normal e, em tais circunstâncias, quem beneficia é sempre a equipa que defende. Neste caso, o Guimarães: que se limitou, praticamente, a aparar os golpes do antagonista.

Com um meio-campo superpovoado (Paquito, Nivaldo, Abreu e Laureta), os vimaranenses deixaram para os portistas a tarefa de organizarem lances ofensivos, se para tanto tivessem engenho e arte. Isso, porém, foi coisa que ontem faltou aos «azuis e brancos», no seu todo, embora tenha havido excepções. Foi o caso de Jaime Pacheco, que realizou uma exibiçao digna de realce, quer como batalhador de primeira linha, quer como «motor» de arranque para as incursões ao reduto contrário.

Mas, entretanto, assistiu-se a uma recreação de Frasco que (incompreensivelmente) permaneceu no relvado durante 80 minutos. Jogador tecnicista por excelência, Frasco esqueceu-se que o estado do terreno não dava para «plantar», flores ou semear «rodriguinhos», a torto e a direito. Dava, isso sim, para arregaçar as mangas e tentar romper a cortina defensiva do adversário

Nesta diferença de processos esteve (a nosso ver) o calcanhar de Aquiles dos portistas. Enquanto alguns (poucos) interpretavam fielmente o papel que lhes estava confiado, outros perdiam-se em iniciativas individuais que nao conduziam a lado nenhum e causavam um desgaste absolutamente desnecessario. Devido a esta situação, Gomes e Walsh (mais aquele do que o irlandês) passaram o tempo quase todo a correr de Herodes para Pilatos em busca de uma aberta que lhes permitisse uma saída airosa.

No entanto, os vimaranenses tinham feito a sua opção em termos de plano táctico e não cederam um milimetro. Para além de uma primeira barreira, constituída pelos quatro «magnificos» já referidos, o técnico Manuel Jose colocou Barrinha na posição de «libero», o que lhe deu uma certa margem de segurança, sempre que os dois arietes portistas conseguiam iludir a vigilância dos seus opositores directos. Em última instância, lá estava Barrinha para colmatar a brecha e impedir a penetração.

Daí a fraca produção atacante dos «azuis e brancos» ao longo dos 90 minutos. Com a entrada de Costa para o lugar de Rodolfo (69 minutos) pensou-se que a turma portista fosse adquirir outra projecção ofensiva, uma vez que a um médio sucedia um dianteiro de vastos recursos. Mas não: Fonseca, que tinha entrado momentos antes para o lugar de Paulo Ricardo «secou» completamente o extremo-esquerdo das Antas e ainda teve tempo para lançar os seus «raids» e semear o pânico na defesa contrária.

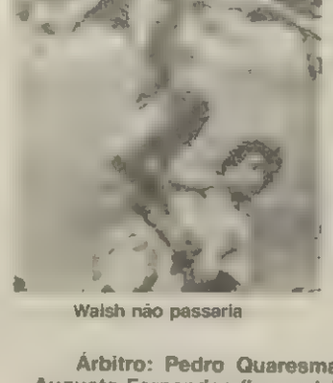
Perguntar-se-á: mas, então, o FC Porto não teve qualquer oportunidade para fazer golos? Teve: só que foram tão poucas e tão fortuitas que, numa análise global, quase passam despereebidas. Uma equipa que tem ao seu serviço dois rematadores como Gomes e Walsh não pode contentar-se, apenas, com duas ou três situações de golo, as quais, por sinal, foram protagonizadas por outros nomes menos sonantes

Julgamos, assim, que o resultado corresponde inteiramente ao desenrolar da partida e constitui um prémio merecido para os vimaranenses, pela forma como souberam contrariar o maior favoritismo do seu antagonista.

Sobre a arbitragem diremos apenas que desagradou a «gregos e troianos». Pedro Quaresma, antigo jogador do Atlético, tinha por obrigação de não «embarcar»... como embarcou...

Manuel Neto

Gregório Freixo vesus Jaime Magalhães



Walsh não passaria

Árbitro: Pedro Quaresma (Lisboa), mal auxiliado por Augusto Fernandes (bancada) e Carlos Amorim (superior).

GUIMARÃES: Silvino; Gregório Freixo, Amândio, Barrinha e Murça; Paquito, Nivaldo (Flávio aos 69 m), Abreu e Laureta; Carraça e Paulo Ricardo (Fonseca, aos 61 m).

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Frasco (Quinito, aos 80 m), Rodolfo (Costa, aos 69 m), Sousa e Jaime Pacheco; Walsh e Gomes.

Cartão amarelo: para João Pinto (13 m), Paquito (49 m) e Lima Pereira (72 m).

Meninas jogam Oeiras brilha

Belo comportamento da turma feminina de futebol do Biba/Canoa (de Oeiras) que venceu o Carcavelos por 3-0, tentos da autoria da atiradora Ana Maria.

Sob arbitragem de Jorge Correia (ajudado por Sousa Santos, e Manuel Tiago (Lisboa) alinharam:

Canoa: Xana; Tucha, Fátima, Cristina e Celina; Cacilda, Dulce, Ana Maria e Isabel; Belinha e Adelina (Patrícia).

Carcavelos: Luz; Manuela, Paula Jordão, Tina e Anita; Ana Maria, Isabel (Xana), Carla e Fani; Ana e Ana Paula.

Domingo próximo, em Carcavelos, um jogo no cartaz: Grupo Desportivo de Carcavelos-Desportivo de Beja. A não perder.

Placard

Ciclismo: Paris-Roubaix

O holandês Hennie Kuiper ganhou a «clássica» velocipédica Paris-Roubaix, num percurso de 174 quilómetros. Com mais de um minuto de diferença contaram a meta o francês Duclos Lassalle, o italiano Francesco Moser, o belga Roman de Mayer e o francês Marc Madiot. Joaquim Agostinho desistiu.

Râguebi: Portugal vence

Portugal venceu a Holanda, por 13-6 (em Hilversum) para o Grupo-B do Campeonato da Europa de Râguebi. Foi o segundo jogo da selecção portuguesa para este torneio da FIRA, depois da derrota sofrida em Espanha

Halterofilia; recorde nacional

Pedro Carvalho, da selecção do Norte, bateu o recorde nacional de halterofilia da categoria de 60 quilos, no movimento de arremesso, ao conseguir levantar 127,5 quilos. este máximo foi obtido à quarta tentativa, no decorrer da Taça Aniversário da Federação Portuguesa de Halterofilia, disputada na Sociedade Filarmónica União Aristica Piedense (Cova da piedade) em moldes colectivos, entre as selecções do Norte, Centro e Sul. Colectivamente, venceu a selecção do Norte, que conseguiu um total de 43 968 pontos. Este triunfo permite à equipa nortenha que se desloque em Maio a Burbos (Espanha) a fim de participar num torneio internacional de halterofilia. Nas 2.ª e 3.ª posição classificaram-se, respectivamente, as selecções do Centro (41 746 pontos) e do Sul (39 309 pontos).

Hipismo: «Grand National»

O cavalo «Corbiere», montado por Ben de Haan, ganhou no Hipódromo de Aintree, o tradicional Grand National inglês, com um prémio de 66 mil libras (cerca de nove milhões de escudos).

«Corbiere» é um cavalo de oito anos e manteve-se nas primeiras posições desde o início da corrida, ultrapassando na 2.ª volta o seu mais directo adversário, o cavalo irlandês «Greasepaint», que ficou em 2.º lugar

Nesta 137.ª edição do Grand National, a treinadora do «Corbiere (Jenny Pitman, converteu-se na primeira mulher da história da prova a preparar um vencedor para o grande prémio mais famoso do calendário hípico internacional de saltos.

Divisão 3

Lagos: cada vez mais esperança

Resultados da 22.ª jornada, do campeonato de futebol da 3.ª Divisão, na Série A: Merelinense - Moreirense, 3-0; Valenciano -Macedo de Cavaleiros, 1-2; Aves - Ponte da Barca, 2-0; Limianos - Neves, 4-0; Vianense -S. Martinho, 0-1; Cabeceirense -Monção, 2-1; Mirandela - Fafe, 2-1; Coelima - Felgueiras, 0-0. Líder: Fafe, 32 pontos. Série B: Paredes - Ribeirão, 4-1; Lixa -Esmoriz, 0-0; Valadares - Lamego, 0-1; José Alves - Tirsense, 2-0; Marco - Lamas, 3-1; Vila Real - Amarante, 1-1; Paços de Brandão - Vilanovense, 2-2; Infesta-Ermesinde, 2-0. Líderes: Tirsense e José Alves, 28 pontos.

Série C: Tondela, Poiares, 4-1; Mangualde - Naval, 0-0; Viseu e Benfica - Seia, 5-0; Vildemoinhos - Esperança, 4-0; Barco - Guarda, 2-4; S. Romão-Mealhada, 1-0; Quiaios - Penalva do Castelo, 4-0; Ovarense-Alcains, 2-1. Líder: Naval, 31 pontos. Série D: Pombal-Atouguiense, 1-0; U. Tomar - Portalegrense, 1-0; Marinhais - Caldas, 0-0; União de Santarém - SL. Marinha, 2-0; Marinhense - Almeirim, 1-0; Bombarralense - Torres Novas, 1-0; Nisa e Benfica - Alferrarede, 0-0; Alvaiázere - Cartaxo, 0-0. Líder: U. Tomar, 32 pontos.

Série E: Lusitânia - Cacém, 5-1; Vilafranquense - Campomaiorense, 2-0; Sintrense - Oliveirense, 4-1; SL Olivais - Coruchense, 1-0; Montijo - Pêro Pinheiro, 1-1; Santa Clara - Vialonga, 1-0; Tires - Oriental, 3-1; Estrela da Amadora - Olivais e Moscavide, 2-2. Líder: Estrela da Amadora, 31 pontos. Série F: Silves - Esperança de Lagos, 2-0; Pescadores - Louletano, 2-0; Almada - Alvorense, 3-0; Despertar-Seixal, 0-6; Comércio e Indústria - Estrela V. Novas, 3-0; Quarteirense - Trafaria, 1-1; Lusitano V. Real - Santiago de Cacém, 4-1; Campinense - Moitense, 0-2. Líder: Esperança de Lagos, 34 pontos.

DESPORTO

Placard

clismo: Paris-Roubaix

O holandês Hennie Kuiper ga-ou a «clássica» velocipédica ris-Roubaix, num percurso de 4 quilómetros. Com mais de minuto de diferença conta-a meta o francês Duclos ssalle, o italiano Francesco ser, o belga Roman de Mayer francês Marc Madiot. Jo-im Agostinho desistiu.

guebi: Portugal vence

Portugal venceu a Holanda, 13-6 (em Hilversum) para o upo-B do Campeonato da Eu-a de Râguebi. Foi o segundo o da selecção portuguesa a este torneio da FIRA, de-s da derrota sofrida em Espa-

lterofilia; recorde cional

edro Carvalho, da selecção Norte, bateu o recorde nacio-de halterofilia da categoria de quilos, no movimento de ar-esso, ao conseguir levantar ,5 quilos. este máximo foi ob-à quarta tentativa, no decor-da Taça Aniversário da Fede-ão Portuguesa de Halterofilia, putada na Sociedade Filar-nica União Arística Piedense va da piedade) em moldes ectivos, entre as selecções do te, Centro e Sul. Colectiva-nte, venceu a selecção do te, que conseguiu um total de 968 pontos. Este triunfo per-e à equipa nortenha que se loque em Maio a Burbos (Es-nha) a fim de participar num neio internacional de haltero-Nas 2.ª e 3.ª posição classi-ram-se, respectivamente, as ecções do Centro (41 746 tos) e do Sul (39 309 pontos).

ismo: rand National»

cavalo «Corbiere», montado Ben de Haan, ganhou no Hi-romo de Aintree, o tradicional nd National inglês, com um nio de 66 mil libras (cerca de e milhões de escudos)

Corbiere» é um cavalo de oito s e manteve-se nas primeiras ções desde o início da corri-ultrapassando na 2.ª volta o mais directo adversario, o alo irlandês «Greasepaint», ficou em 2.º lugar.

esta 137.ª edição do Grand onal, a treinadora do «Cor-e (Jenny Pitman, converteu-a primeira mulher da história rova a preparar um vencedor o grande prémio mais famo-lo calendário hípico interna-al de saltos.

3

la vez rança

uguiense, 1-0; U. Tomar - alegrense, 1-0; Marinhais - las, 0-0; União de Santarém . Marinha, 2-0; Marinhense - eirim, 1-0; Bombarralense - es Novas, 1-0; Nisa e Ben- - Alferrarede, 0-0; Alvaiá- - Cartaxo, 0-0. Líder: U. ar, 32 pontos.

érie E: Lusitânia - Cacém, Vilafranquense - Campo-erense, 2-0; Sintrense - Oli-ense, 4-1; SL Olivais - Coru-nse, 1-0; Montijo - Pêro Pi-ro, 1-1; Santa Clara - Via-a, 1-0; Tires - Oriental, 3-1; ela da Amadora - Olivais e cavide, 2-2. Líder: Estrela da dora, 31 pontos. Série F: s - Esperança de Lagos, Pescadores - Louletano, Almada - Alvorense, 3-0; pertar-Seixal, 0-6; Comércio dústria - Estrela V. Novas, Quarteirense - Trafaria, 1-1; ano V. Real - Santiago de m, 4-1; Campinense - Moi-e, 0-2. Líder: Esperança de s, 34 pontos.

Luz: o melhor jogador do Rio Ave (Alfredo) é imagem de calma e «inferninho»

Benfica, 0-Rio Ave, 0

Um rio passou pela Luz

O Benfica empatou a zero golos, com o Rio Ave, no Estádio da Luz. A primeira parte do encontro foi, na realidade, excessivamente fraca, para representar a verdade das duas equipas sobre o terreno, uma delas (o Benfica) a liderar o campeonato. Se é certo que foi à turma da casa que coube a total condução do jogo, tendo feito perigar a cada minuto a baliza à guarda de Alfredo, não é menos verdade que, aos seis minutos, Pires, isolado frente a Delgado, acabaria por fazer o mais difícil: não marcar golo. Três minutos depois, caberia a Carlos Manuel perder nova oportunidade ao atirar para junto da base do poste esquerdo do guarda redes vila-condense, um autêntico «tiro» que acabaria por ir para fora.

Aos 14 minutos, seria a baliza de Delgado a passar por um momento de perigo quando Carvalho, em livre directo, atirou com força defendendo o guarda-redes do Benfica a soco para a frente, acabando um colega de equipa por conceder canto.

Quando passavam 19 minutos, Chalana, todo no ar e com o guardião contrário já batido, falharia a bola e esta acabaria por se perder para fora

Nené (aos 29 minutos) fez chegar o esférico ao fundo das redes mas o árbitro, bem colocado, tal como o fiscal de linha, acabaria por considerar fora de jogo do marcador e de Filipovic.

Entretanto o intervalo chegava com o resultado em branco após uma perdida mais dos atacantes da casa, novamente por Nené, que faria o esférico bater na barra transversal e ir para fora.

O segundo tempo começou com a turma benfiquista mais alegre, num constraste total com o jogo excessivamente lento dos primeiros 45 minutos, e Nené (logo aos 5 minutos) poderia ter inaugurado o marcador. Os defensores forasteiros iniciaram, entretanto, um sistema de jogo um tanto viril, como para amedrontar os adversários, o que lhes valeu receberem, em curto espaço de tempo, por cinco vezes o cartão amarelo: Foram contemplados Carvalho, Cabumba, Quim, Pires e N'habola, além de Pietra (do Benfica).

Os nervos começaram a surgir à flor da pele e o jogo, sem nível mas disputado com muita fibra, entraria num ambiente de incerteza esperando-se, a cada momento, a vitória da equipa da casa, postada (praticamente) na grande área adversária. Contudo, além dos defensores (onde Adérito foi «enorme») Alfredo não permitia quaisquer veleidades aos adversarios dando-se ao luxo, nos últimos cinco minutos, de defender seis remates com rótulo de golo, o último dos quais a pontapé. E o jogo terminaria com o resultado, inesperado, de zero a zero, que premeia o esforço dos visitantes e castiga, em certa medida, a falta de pontaria dos donos da casa. De anotar a expulsão de Cabumba (aos 73 minutos) e a magnífica actuação de Humberto Coelho.

As equipas alinharam sob a orientação de Manuel Correia, do Funchal.

Benfica: Delgado; Pietra, Humberto, Álvaro e Bastos Lopes; Carlos Manuel, Alves Chalana (J. Luís 70) e Shéu (Diamantino, 57), Nené e Filipovic.

Rio Ave: Alfredo; Sérgio, Dias, Antero e Duarte; Carvalho, Adérito e Pires: N'habola, Quim e Cabumba.

Cartão amarelo para Cabumba, Pires, N'habola, Carvalho, Quim e Pietra, cartão vermelho para Cabumba.

Estoril, 3-Amora, 0

Amoras no bico dos canários

Adivinhava-se que seria extremamente difícil ao Amora poder competir em paridade com o Estoril, no palco da Amoreira: mas poucos (talvez) imaginassem previamente que os **canarinhos** tenam tanta fragilidade pela frente, numa turma amorense que pareceu completamente desmotivada, amorfamente pesado como chumbo, sem uma centelha de alegria e, sobretudo, com uma defesa que não pode, minimamente, servir um clube que pretende (legitimamente) persistir no escalão maior.

É que, amigos, aqueles «backs» laterais do Amora foram mais que **passadores**, permitindo não apenas que Vitinha jogasse perfeitamente à vontade (e lograsse a mais alta classificação no «show») mas que, igualmente, Diamantino estivesse como peixe na água, sem um pequeno estorvo à sua acção corrosiva. Depois, foi a torrente de falhanços dos **centrais**, acumulados em Botelho que deve ter rubricado a sua pior actuação de há muítos tempos a esta parte. Verdade se diga que mais não fez que alinhar pelo diapasão geral da sua equipa, mas a falta de antecipação no golo de José Abrantes, o estatismo com que permitiu que José António viesse lá de longe a gritar para lhe passarem a bola (e a fazer o 2-0), pior ainda naquele inacreditável chuto cruzado de Vitinha que passou por entre as pernas arqueadas do guarda-meta, realmente foi tudo a dar para o torto. E para apagar rapidamente do album de Botelho

●

Porém, não foi exclusivamente pela defensiva que o Amora entrou pelo cano: Cambalhota só agora volta de uma longa lesão, está totalmente fora de qualquer forma. Mais: Jorge Plácido recreia-se com a bola, mas Campeonato da 1.ª Divisão não é futebol de salão. E, como o único disparo de Rafael esbarrou no poste esquerdo do Estoril, já no lavar dos cestos e quando Manuel Abrantes coxeava, aí está porque razão todas as armas amorenses estiveram apenas na força de vontade de Valter e nalguns apontamentos de Jaime e Ribeiro que, para mal dos pecados, até acabariam por cair em alçada disciplinar, comprometendo seriamente o futuro do «plantel» sustentado pela generosidade dos bons irmãos Paixão, pelo que se nota a caminho de uma queda livre que deve fazer cócegas de riso em José Moniz.

Amoreira: amorenses foram esboço de equipa

●

Claro que haverá sempre atenuantes para tão má exibição: António Medeiros saberá defender o seu trabalho, seja porque (por isto ou aquilo) não alinharam José António e Laranjeira, porque o brasileiro do golo está a recompor-se, porque enquanto há vida há esperança e por aí fora. Porém, a imutável verdade ficou escarrapachada no «placard» da Amoreira: o Amora está a léguas-luz do Estoril, mesmo considerando o momento psicológico menos bom que os alunos de Mário Nunes estão a enfrentar.

É isso: terá aqui de tirar-se o chapéu ao alto prifissionalismo dos artistas estorilistas que, atrasados nos vencimentos e vendo uma crise de mau tom tombar sobre a tesouraria da entidade patronal, jogaram com o mesmo afinco e até superior determinação, como se acabassem de ser brindados por uma cornucópia soltadora de notas graúdas.

Se o desalento tomou de assalto o Amora, do outro lado da barricada o Estoril cintilou como se tudo fossem rosas no percurso. Aliás, o espelho do espectáculo pode já ter ficado exactamente definido: Vitinha (soberbo), Diamantino (excelente), Isidro (magnífico), toda a equipa comportando-se como um bloco. Um «onze» sagaz e inteligente, bem comandado e melhor instruido: fácil (portanto) derrubar um Amora complexado, tímido, atrapalhado de pés e mãos, com a cabeça a escaldar e sem saber o que fazer à vida.

●

António Medeiros terá sofrio o primeiro golpe quando teve de fazer render Nico (lesionado): em seguida, como cerejas, ía chegando o galope que destruia a defesa, Vitinha a brincar pelo seu flanco, Botelho perdido no mar imenso em que acabaria por ficar envolvido, apenas e só Valter tentando o impossível, a marcação directa de Cansado e Caio sem a mais leve desventura para o Estoril. Era (de f[illegible]) muito para tentar emendar e a indisciplina de Ribeiro acabaria por reduzir ainda mais aquela fraca gente amorense que já parece aceitar todos os acasos como se fossem fatais traços do destino

E é pena. O Amora faz muita falta ao grande campeonato: as suas hostes, os seus dirigentes, o seu emblema, o esforço feito para erguer um estadio não merecem a queda. Todavia, está agora a pagar (bem caro e com juros) o não ter abastecido de metralha um «team» que vive apenas de fisga em riste, com carência de unidades razoáveis em pontos vitais de qualquer estrutura de um grupo de futebol

●

Já o Estoril, desafogado da vida e impante de soberania, está tranquilo quanto ao futuro. Os atletas com mais uns anitos parecem meninos lutando por um lugar ao sol: os moços mais jovens comportam-se como se nadassem em sabedoria e experiência A turma tem um fim em vista, sabe porque luta e que objectivos persegue. Tem ambição e coloca em cada minuto da sua vida em comum o sonho de chegar mais além. Por isso venceu, levando de roldão, uma dúzia de companheiros de trabalho que mal saíram para o primeiro pontapé já estavam sequiosos de olhar para a porta da saída

Realmente, o Amora tem de fazer uma pronta reciclagem Se ainda for tempo para isso Porque, quanto ao Estoril, já podem ir marcando lugar no cada vez mais crescente «António Coimbra da Mota» os que quiserem ver ali os maiorais baixarem bandeira na temporada que só virá lá para Setembro.

NEVES DE SOUSA

Arbitragem de António Costa (acompanhado por Sousa Alves e Eduardo Freitas, todos de Viana do Castelo) pecando apenas por deficiente condição física do juiz, que dirigiu o jogo praticamente de meio-campo.

Estoril: Manuel Abrantes; Teixeirinha, José António, Cansado e Vieirinha (Paulo aos 72 minutos); Manaca, Isidro e Xavier; Vitinha, José Abrantes e Diamantino (Pedro, 70)

Amora: Botelho; Babalito, Arnaldo, Nico (Emanuel, 31) e Alberto; Jaime, Valter, Ribeiro e Rafael; Caio Cambalhota (Baltasar, 57) e Jorge Plácido

Golos: José Abrantes (36), José António (52) e Vitinha (68)
Cartão amarelo para Jaime e Valter. Vermelho para Ribeiro (54)

Boavista, 1-Sporting, 0

Naufrágio verde

Não há dúvida que a fome de pontos constitui um estímulo para muitas equipas. É o caso do Boavista que, lutando desesperadamente, pela permanência na divisão maior, conseguiu levar de vencida um adversário teoricamente superior. O feito será tanto mais de realçar quanto é certo que foi conseguido em circunstâncias particularmente difíceis, como, aliás, se devem ter apercebido os milhares de telespectadores que testemunhavam via TV.

Um triunfo absolutamente justificado pelos «axadrezados» que, de princípio ao fim, foram sempre mais empreendedores, embora nem sempre bem sucedidos. Na verdade, a turma boavisteira cedo mostrou a sua disposição, através de suicessivos ataques à baliza contrária, onde Meszaros brilhou com um punhado de excelentes defesas.

Apesar do estado do terreno não se apresentar propício para a explanação de um futebol rendilhado, o Sporting, por intermédio de alguns dos seus jogadores da zona intermediária, insistiu em jogar bonito e, naturalmente, acabou por soçobrar ante a objectividade de um Boavista que não esteve com meias medidas e jogou de acordo com as circunstâncias

Duas bolas na trave e mais duas ou três «ameaças» ficaram a constituir, por assim dizer, o «espelho» daquilo que se passou no Bessa, como nota mais positiva do trabalho «axadrezado». Para além disso, poder-se-á, ainda, realçar o estado físico e atlético dos jogadores da «casa» que, também neste capítulo, foram manifestamente superiores aos adversários. A este propósito, cabe referir que os jogadores leoninos evidenciaram grande lentidão, sintoma talvez de um desgaste que nesta época do ano e com um relvado em tão precárias condições é mais do que esperado. Todavia, julgamos que aos «leões» faltou sobretudo alguém que soubesse mexer os cordelinhos a meio-campo. A equipa emperrou e das poucas vezes que se afoitou no ataque foi por obra e graça de uma acidental ligação entre o sector mais recuado e Manuel Fernandes ou Jordão

A pressão exercida pelos boavisteiros só viria, no entanto, a dar os seus frutos perto do fim, depois de os postes da baliza de Meszaros terem estremecido por duas vezes e de o guardião leonino se ter evidenciado dos restantes companheiros. O golo solitário surgiu numa altura em que mais se acentuava o domínio da equipa do Bessa, embora se deva dizer que o mesmo «nasceu» de um falhanço da defensiva lisboeta que não só aliviou mal, como deixou Jorge Silva perfeitamente à vontade para o disparo final. Nada a opor, por conseguinte à vitória do Boavista, a qual só terá pecado por defeito.

A arbitragem poderia situar-se em bom plano (tendo em conta as dificuldades que se lhe ofereceram) mas perdoou uma incontestável grande penalidade ao Sporting (falta de Zézinho sobre Palhares) o que fica a manchar o seu trabalho

Bessa: num mar de lama, afundou-se o Sporting

Árbitro: Azevedo Duarte (Braga), auxiliado por Cunha Antunes (bancada) e Pinheiro Gonçalves (peão)

Boavista: Matos; Queiró, Figueiredo, Artur e Nelinho; Zé Manel (Coelho, aos 54 m), Adão, Bravo (Carlos Brito, aos 85 m) e Palhares; Jorge Silva e Reinaldo.

Sporting: Meszaros; Xavier, Festas, Zézinho e Mário Jorge; Nogueira (Barão, aos 64 m), Ademar, Kostov e Lito; Manuel Fernandes e Jordão

Marcador: Jorge Silva (76 m). Cartão amarelo para Barão (74 m).

DESPORTO

Nacional de basquetebol

Queluz promoveu o Porto

A fase final do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão de Basquetebol começou com um dia de atraso em relaçao à data marcada, tal como já contámos o Benfica e o Queluz não puderam voar para o Porto, na última 6.ª feira devido ao encerramento do Aeroporto de Pedras Rubras chegaram, mas de autocarro, já os seus adversários (Barreirense e Porto) haviam recolhido há horas às suas camas No sábado, dirigentes da Federaçao e responsaveis dos clubes (técnicos incluidos) lançaram lixivia bre os boletins dos jogos que nalavam as faltas de compacia às duas equipas de Lisboa, e voltou tudo ao principio apenas com o adiamento de um dia em relaçao a jornada inaugural Para salvar interesses económicos saltou-se por cima do regulamento, mas, ao que parece, o consenso foi unânime e a esta hora o dfirigente barreirense, Francisco José e o presidente do FC do Porto (Jorge Nuno Pinto da Costa) devem sentir-se defraudados nas suas concepções (alicerçadas no regulamento, aliás) de que outra decisao nao poderia surgir que não fosse a interpretação fiel do regulamento que derrotava inapelavèlmente as equipas faltosas Tambem era essa a nossa opinião, mas outros poderes se levantaram...

As duas jornadas inaugurais conduziram (já) o FC do Porto ao comando, isolado, por virtude das suas vitórias e da derrota do Barreirense Melhor dizendo: da surpreendente vitória do Queluz, ontem. O FC do Porto a jogar em casa (e bem, diga-se de passagem) é naturalmente a equipa mais privilegiada, situaçao que conquistou com toda a legitimidade desde que venceu as duas primeiras fases da prova: a equipa exibiu-se no sábado e ontem em plano de grande destaque, com a prata da casa, nomeadamente os jovens Tó Ferreira e Júlio Matos, que assinaram actuações de grande fulgor

O Barreirense esteve muito bem na 1.ª ronda, ao derrotar com expressão o Benfica, mas ontem não encontrou forma de se superionzar ao Queluz. O publico jogou (e de que maneira) em favor da equipa do talentoso Carlos Lisboa, ciente que o perigo n.º 1 para a sua equipa é o Barreirense. O jogo foi disputado num clima de emoção, dentro e fora das linhas. Repare-se nestes números: 50-50 ao intervalo, 80-80 no fim do tempo regulamentar, 90-90 no primeiro prolongamento e, finalmente, 97-95 para o Queluz no segundo prolongamento (ambos de cinco minutos). Carlos Lisboa foi saudado entusiasticamente pela assistência, mas temos para nós que o norte-americano Rossin foi o «herói» da vitória, pela luta que sustentou nas tabelas com o seu compatriota Plowden e, ainda, com os «gigantes» brasileiros Marcelo e Adilson O embate foi muito emotivo mas de técnica relativamente fraca

Excelente, em conteúdo técnico, foi a partida FC do Porto-Benfica: era ver quem jogava melhor numa toada de pinguepongue, em velocidade alta Saliente-se a extrema correcção que imperou

No conjunto, as duas primeiras jornadas ofereceram muitos pedaços de bom basquetebol. Relativamente às arbitragens só não gostámos da de ontem (Álvaro Martins e José Araújo) que castigou o Barreirense em lances que deixou passar em claro ao Queluz. O rei dos marcadores é Carlos Lisboa (70 pontos) seguido de Colquitte (55). Resultados na 1.ª jornada: Barreirense-Benfica, 86-65; FC do Porto-Queluz, 81-70; 2.ª jornada: FC do Porto-Benfica, 89-80 e Que-luz-Barreirense, 97-95. Para hoje, na 3.ª jornada, estão marcados os jogos FC do Porto-Barreirense (16) e Queluz-Benfica (18), efectuando-se no próximo fim-de-semana a 2.ª volta. Classificação: 1.º, FC do Porto, 2 jogos e 4 pontos; 2.ºs, Queluz e Barreirense, 2-3; 4.º, Benfica, 2-2.

Lopes e Rosa: para eles maratona é um passeio

Carlos Lopes perdeu ao «sprint», nos ultimos 150 metros, a maratona de Roterdão para o australiano Robert de Castella Um grupo de três corredores (Castela, Lopes e o mexicano Roberto Gomez) dominou isolado a prova após 35 dos 42 quilómetros Robert de Castella venceu com duas horas 8 minutos, 37 segundos e Carlos Lopes fez mais dois segundos. O atleta português (de 36 anos) ficou a 26 segundos do recorde mundial da prova, que pertence ao cubano naturalizado norte-americano Alberto Salazar, que em Roterdão se classificou em modesto 5.º lugar, com 2.10.08. Castella obteve a sua 6.ª vitória consecutiva em maratonas

Eliseu Rios (11.º) fez o tempo de 2 19.10.

Carlos Lopes rubricou agora o 4.º tempo mundial de sempre, uma das mais notáveis proezas do desporto nacional.

Na mesma maratona a nossa Rosa Mota foi a vencedora da prova feminina. Rosa Mota fez o tempo de duas horas, 32 minutos, 27 segundos, o melhor de sempre no atletismo português.

Maratona do Inatel

António Monteiro (União dos Bancos Portugueses, do Porto) venceu a Maratona Nacional do Inatel, disputada num percurso entre Foz do Arelho-Salir-Foz do Arelho. Percorreu a distância no tempo de 2h27m58s Nas posições imediatas classificaram-se Francisco António Ribeiro (um individual de Lisboa) e João Pascoal (Caixa da Indústria de Lisboa) que realizaram os tempos de 2 29 24 e 2.35.22, respectivamente Colectivamente triunfou a equipa da TAP-Air Portugal

Maratona nacional

Cidálio Caetano (Benfica) venceu a Maratona nacional, disputada entre Faro e Olhão Em senhoras ganhou Rita Borralho (Benfica), com 2.45,50, tempo superior em 50 segundos aos minimos para os Mundiais de Helsinquia.

Classificação oficial: 1.º, Cidálio Caetano, Benfica, 2.20.19 horas; 2.º, Manuel de Oliveira, Godim, 2.22,03; 3.º, Luís Horta, Benfica, 2.25,04; 4.º, Armando Aldegalega, Sporting, 2.28,20; 5.º, Domingos Ribeiro, Drizes, 2 28,48; 6.º, Bernardino Silva, Ardegães, 2.31,53; 7.º, José Capina, Ardegães, 2.32,42; 8.º, Serafim Garcês, Colossal, 2 35,40; 9.º, António Guedes, Godim, 2.39,32; 10.º, Armindo Gomes, 2.39,44.

Corrida da Primavera

Maria do Rosário (Boavista de Olheiros) e Artur Parreira (Bairro Alentejano) venceram a segunda Corrida da Primavera (prova organizada pelo nosso prezado colega «Diário de Notícias» para atletas não federados) cuja 1.ª edição tambem ganharam. As provas, disputadas através de várias artérias de Lisboa, tiveram partida em frente ao edifício do jornal e chegada à Praça Marquês de Pombal. Na corrida feminina, num percurso de 6600 metros, participaram cerca de duzentas atletas. A vencedora (Maria do Rosario) gastou 24 m 48 s. Nos lugares imediatos classificaram-se: 2.ª, Silvana Rodrigues, Amigos do Atletismo de Lisboa, 25.47; 3.ª, Zaida Dias, Galamares, 26.02; 4.ª, Nimia Cristina, Chinquilho Lavradiense, 26,10; 5.ª, Paula Gomes, Amigos do Atletismo de Lisboa, 26,21. Os Amigos de Aletismo de Lisboa ganharam por equipas, com o Bairro de Olheiros em 2.º lugar e o Galamares e o Chinquilho Lavradiense em 3.º.

Cerca de 2200 atletas participaram na prova masculina, na distância de 10 600 metros, que os primeiros classificados percorreram nos seguintes tempos: 1.º, Artur Parreira, Bairro Alentejano, 35,02; 2.º, António Ribeiro, individual, 35,09; 3.º, Carlos Brito, Bombeiros Voluntários da Amadora, 35,19; 4.º, Fernando Henriques, Associação de Atletismo de Mafra, 35,26.

O Bairro Alentejano triunfou por equipas, seguido dos Bombeiros Voluntários da Amadora e dos Amigos de Atletismo de Mafra.

Sporting brilhante na Suíça

O Sporting venceu por 8-2 a equipa do Montreux (na Suiça) na 1.ª «mão» da eliminatória preliminar da Taça dos Campeões Europeus de hóquei em patins Ao intervalo, o Sporting vencia por 4-0. A 2.ª «mão» realiza-se no dia 16.

Campeonato

FC Porto e Benfica mantem-se no comando do campeonato nacional da 1.ª divisão, mas os «encarnados» passaram com grande dificuldade (4-3) em Oeiras, na 16.ª jornada, 1.ª da segunda volta A derrota da Sanjoanense no seu recinto, frente ao Famalicense (2-5), e a «goleada» sofrida pelo Belenenses (10-2) na Amadora foram surpresas, tal como o empate do Sesimbra em Torres Vedras (3-3). Resultados da ronda: Valongo-Juventude de Viana, 1-2; Sporting de Tomar-Oliveirense, 7-6; Infante de Sagfres-FC Porto, 4-10; Sanjoanense-Famalicense, 2-5; Física de Torres-Sesimbra, 3-3; Oeiras-Benfica, 3-4; Académica Amadora-Belenenses, 10-2; Paço de Arcos-Sporting, 2-6 (jogou-se na 4.ª feira).

Classificação actual: 1.ºs, FC Porto e Benfica, 43 pontos; 3.º, Sporting, 40; 4.º, Sanjoanense, 35; 6.º, Belenenses, 35; 7.ºs, Paço de Arcos e Juventude de Viana, 34; 9.º, Oeiras, 31; 10.º, Sp. Tomar, 30; 11.º, Famalicense, 29; 12.º, Académica da Amadora, 28; 13.º, Oliveirense, 27; 14.º, Infante de Sagres, 23; 16.º, Física de Torres, 22.

Futebl: divisão 2

Covilhã: campo invadido

Cenas eventualmente chocantes impediram que o jogo Covilhã-Agueda completasse o seu curso normal, sendo interrompido aos 77 minutos: invasão de campo, várias expulsoes e agressão ao juiz portuense José Guedes macularam o espectáculo no estadio serrano

Mas, recordemos os nomes e números da Zona Norte Oliveirense-Foirense, 2-1;Gil Vicente - Sanjoanense (interrompido aos 60 minutos devido ao mau tempo), 0-1; Riopele - Valonguense, 2-0; Chaves-Leça, 7-1; Penafiel - Lourosa, 3-2; P Ferreira - Valdevez, 1-0; Leixões - Bragança, 2-0 e Vizela - Famalicão, 0-0

Sanjoanense (a)				
Valdevez		9		
Lourosa	8	6	9	
Feirense	8	6	9	
Gil Vicente (a)		11	6	14–24
Valonguense		9	9	25–39
Oliveirense	4	8	11	20–31
Leça		7	13	16–45
Bragança		4	16	15–48

a) Têm um jogo a menos.

Zona Centro: Covilhã -Agueda, 0-1; Estarreja - Anadia, 2-2 Nazarenos - Torrense, 3-1; Academico - B C Branco 3-1; U. Leiria - Rio Maior, 1-0; Acad. Viseu - U. Coimbra, 1-0; Ol. Bairro - E. Portalegre, 2-1 e Beira Mar - Peniche 0-0

Académico		2	52–22	37
[illegible]		2	40–13	35
[illegible]			33–12	32
[illegible]			25–18	26
[illegible]		8	26–23	22
[illegible]				
[illegible]		10		
[illegible]				
[illegible]		1		
[illegible]		11		
[illegible]		11		
[illegible]		12	– 1	
[illegible]		13		
[illegible]		12	–29	
[illegible]		12	–4	

a) Têm um jogo a menos.

Zona Sul: Sesimbra - U. Madeira, 2-0; Atlético - Juventude, 2-0; V. Gama - Odivelas, 2-2; Farense - Sacavenense, 1-1; GD Quimigal - Barreiresne, 0-0; C. Piedade - Olhanense, 3-2; Lusit Évora - Elvas, 1-0 e Nacional -Belenenses, 0-0.

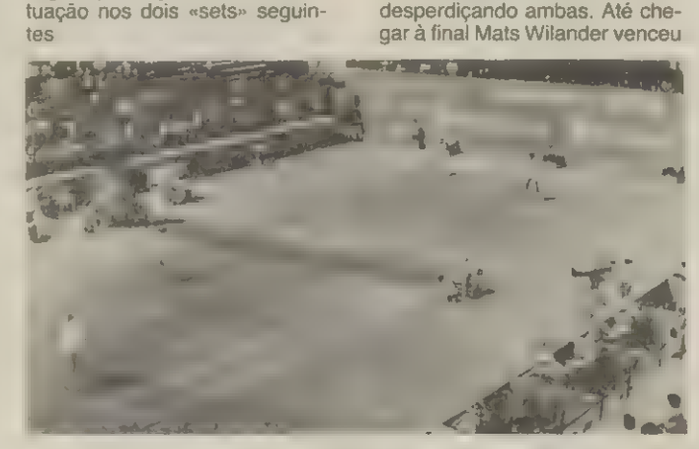
Farense	17	4	2	58–11	38
Lusitano	10	9	4	31–18	29
Belenenses	9	9	5	27–14	27
U.Madeira	9	8	6	33–25	26
Olhanense	9	7	7	34–28	25
Nacional	8	8	7	28–21	24
Sesimbra	8	7	8	19–31	23
C.Piedade	9	5	9	28–33	23
Juventude	7	8	8	22–27	22
Sacavenense	8	6	9	23–27	22
Barreirense	7	7	9	27–31	21
Elvas	5	10	8	21–30	20
Odivelas	6	7	10	21–30	19
Atlético	5	9	9	20–26	19
V.Gama	4	8	11	23–27	16
GD Quimigal	4	6	13	13–33	14

Wilander: sueco vence "Open" de Portugal

O sueco Mats Wilander (em singulares) e os brasileiros Carlos Kirmayr e Cassio Motta (em pares) venceram o primeiro «open» de ténis de Portugal. Wilander bateu, na final, o francês Yannick Noah, em três «sets», com os parciais de 2/6, 7/6, e 6/4, pondo em jogo todos os seus recursos técnicos para se opor ao jogo mais agressivo do francês. Noah é um tenista que ataca muito à rede e detentor de um serviço e de uma esquerda temíveis, movimentos em que assenta a maior parte do jogo que pratica. O jovem Wilander no entanto, jogando de preferência no fundo do «court» e tendo no serviço o seu ponto mais fraco, tira dividendos do ataque dos adversários, como aconteceu agora, batendo-os nao raramente com «passing-shots» quando estes ainda correm para a rede.

São, de facto, notáveis os «passing-shots» e as bolas cruzadas do fundo do «court» de Wilander. Ontem Noah combateu muito bem as caracteristicas de jogo do sueco no primeiro «set»; que venceu por 6/2 com alguma facilidade, mas não conseguiu prolongar essa boa actuação nos dois «sets» seguintes

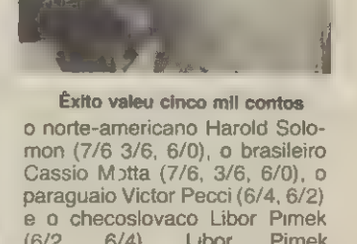
O francês perdeu o segundo «set» num «tie-break» dramático, depois de ter tido a vitória ao seu alcance, quando se encontrava a vencer por 5/3, e quando, a ganhar por 5/4, teve duas vezes vantagem no «set-point», desperdiçando ambas. Até chegar à final Mats Wilander venceu o norte-americano Harold Solomon (7/6 3/6, 6/0), o brasileiro Cassio Motta (7/6, 3/6, 6/0), o paraguaio Victor Pecci (6/4, 6/2) e o checoslovaco Libor Pimek (6/2, 6/4). Libor Pimek transformou-se, aliás, na grande revelação deste torneio já que vindo do torneio de qualificação, eliminou sucessivamente o espanhol Manuel Orantes, o checoslovaco Pavel Slozil e o sueco Anders Jarryd. Quanto a Yannick Noah eliminou o espanhol Juan Aguillera (6/3, 7/5), o colombiano Jairo Velasco (7/5, 7/5), o italiano Corrado Barazzutti (6/2, 6/4) e o espanhol José Higueras (6/4, 6/2).



Brasileiros arrancaram título em pares

Em relação ao par brasileiro constituído por Carlos Kirmayr e Cassio Motta, causou também sensação ao vencer o torneio em duplas, depois de ter deixado pelo caminho, entre outros, o par bi-campeão do mundo (Heinz Gunthardt/Balazs Taroczy).

Os jovens tenistas brasileiros demonstraram uma sincronização de jogo, potência de serviço, precisão em alguns movimentos e rapidez sobre o «court», qualidades às quais os seus adversários se renderam. Cassio Motta, aliás, já tinha deixado muito boa impressão no seu jogo de singulares frente a Wilander, saindo derrotado com os parciais de 7/6, 3/6 e 6/0 numa partida que o sueco considerou a mais difícil das que efectuou até à final. Nas eliminatórias, Kirmayr e Motta venceram Gunthardt/Hlasek (6/2, 6/1), Hocevar/Popp (6/3, 6/7, 6/3) e Gunthardt/Taroczy (6/2, 4/6, 6/3).



Êxito valeu cinco mil contos

Nacional de andebol

Domínio sulista

De oito jogos que neste fim-de-semana se disputaram a contar para a 8.ª e 9.ª jornada do campeonato nacional de andebol da divisão de honra (fase final) só o Almada, batido no sábado pelo Porto, «furou» a total superioridade das formações do Sul

É indiscutível a vantagem do Benfica, Sporting e Belenenses na prova, já que o FC do Porto está muito longe de outras épocas em que era dos crónicos candidatos ao título.

A classificação não sofreu alterações permanecendo «encarnados», «azuis» e «verde-brancos» a colorir os lugares cimeiros. Na inversa está a camisola «alvi-negra» do Sp. de Espinho, que não conseguiu ainda um exito, embora ontem tivesse estado perto na travessia do Tejo até Almada

Resultados de sábado: Desp. Portugal - Benfica, 14-37; S. Mamede - Belenenses, 33-36; Almada - FC do Porto, 28-0 e Sporting - Sp. Espinho, 40-20. Ontem: S. Mamede - Benfica, 17-26: Desp. Portugal - Belenenses, 22-28. Sporting - FC do Porto, 32-25 e Almada - Sp. Espinho, 27-26. Pontuação: 1. Benfica, 9 jogos e 26 pontos: 2. Belenenses, 9-25; 3. Sporting, 9-24; 4. S. Mamede e FC do Porto, 9-17; 6. Desp. Portugal e Almada, 9-13; 8. Sp. Espinho, 9-9.

Elis estre

Fiel ao seu propósit
nuar revelar ao púb
guês algumas das pe
des mais destacadas
contemporânea, a
Gulbenkian convidou a
fa norte-americana El
para criar um novo ba
será apresentado p
Gulbenkinan, em est
dial, no Grande Auditó
dação Gulbenkian n
dia 13 de Abril, às 21

Na criação deste ba
tulado «Life-Times»,
dois outros artistas n
canos: o compositor e
jazz Anthony Davis, e
fo e figurinista William
concebeu para este efe
volvimento plástico. As
da autoria do artista
orlando Worm.

A carreira artística
Monte iniciou-se na
com o bailado **Car**
Agnes de Mille, e actu
palco e na Televisão
daquela coreógrafa. C
rina principal, efectuo
«tounées» nos Estad
e na Europa, com o
Dance Theatre, a Lar
Dance Company e a M
ham Dance Company
iniciou a sua activida
Companhia da Martha
de cujo reportório i

"Ósca

Logo

A noite dos óscares
noite no Music Cent
Angeles, deverá co
com a tradição, fazen
vedetas que entregar
vedetas a estatueta d
decurso duma cerim
mais de três horas,
menos a do filme ap
como sendo o favorito

Ante Hollywood em
lhões de telespectad
vés do mundo, este g
mero do cinema ame
meçará às 18 horas
Oeste (2 horas, de t
como sempre, os orga
esforçaram-se pore p
«suspense» e os ósc
prestigiosos – filme,
actor e actriz só serão
dos no fim, à hora em
ropa dorme e em qu
desperta

Saber-se-á então se
sões de bastantes esp
eram boas e se o cine
nico Richard Attenbor
película «Gandhi» t
«nomeações» levou a
Steven Spielberg, o
do não menos célebre
traterrestre

Para o Óscar do me
Paul Newman, esbar

Grande dia 2

Nos bairros popular
a pergunta: quando t
Grande Noite do Fa
lisboeta dos espectá
movido pela Casa da

Aí está o levantar
29 do corrente, no C
Recreios, quantos se
rem na Casa da Impr
da Horta Seca, 20 e
terão ensejo de pa
seus dotes fadistas,
pelos lugares que, na
de Maio, também na
lumbrante do Colise
creios, gentilmente c
empresário Américo
para a obra assistenc
nalistas portugueses)
tar o aplauso da multi
lentes prémios, além
de acesso e uma car

Sporting brilhante na Suíça

O Sporting venceu por 8-2 a quipa do Montreux (na Suíça) a 1.ª «mão» da eliminatória pre- minar da Taça dos Campeões uropeus de hóquei em patins o intervalo, o Sporting vencia or 4-0. A 2.ª «mão» realiza-se o dia 16

ampeonato

FC Porto e Benfica mantem-se o comando do campeonato na- onal da 1.ª divisão, mas os ncarnados» passaram com ande dificuldade (4-3) em Oei- as, na 16.ª jornada, 1.º da se- unda volta. A derrota da San- anense no seu recinto, frente o Famalicense (2-5), e a «go- ada» sofrida pelo Belenenses 0-2) na Amadora foram sur- esas, tal como o empate do esimbra em Torres Vedras -3). Resultados da ronda alongo-Juventude de Viana -2; Sporting de Tomar- Oliveirense, 7-6; Infante de agfres-FC Porto, 4-10; anjoanense-Famalicense, 2-5; sica de Torres-Sesimbra, 3-3; eiras-Benfica, 3-4; Académica madora-Belenenses, 10-2; aço de Arcos-Sporting, 2-6 ogou-se na 4.ª feira).

Classificação actual: 1.ºs, FC orto e Benfica, 43 pontos; 3.º, porting, 40; 4.º, Sanjoanense, 5; 6.º, Belenenses, 35; 7.ºs, aço de Arcos e Juventude de iana, 34; 9.º, Oeiras, 31; 10.º, p. Tomar, 30; 11.º, Famali- ense, 29; 12.º, Académica da madora, 28; 13.º, Oliveirense, 7; 14.º, Infante de Sagres, 23; 6.º, Física de Torres, 22.

Êxito valeu cinco mil contos

norte-americano Harold Solo- on (7/6 3/6, 6/0), o brasileiro assio Motta (7/6, 3/6, 6/0), o araguaio Victor Pecci (6/4, 6/2) o checoslovaco Libor Pimek 6/2, 6/4). Libor Pimek ansformou-se, aliás, na grande evelação deste torneio já que ndo do torneio de qualificação, liminou sucessivamente o es- anhol Manuel Orantes, o che- oslovaco Pavel Slozil e o sueco nders Jarryd. Quanto a Yannick oah eliminou o espanhol Juan guillera (6/3, 7/5), o colom- ano Jairo Velasco (7/5, 7/5), o aliano Corrado Barazzutti (6/2, /4) e o espanhol José Higueras 6/4, 6/2).

Em relação ao par brasileiro onstituído por Carlos Kirmayr e assio Motta, causou também ensação ao vencer o torneio em uplas, depois de ter deixado elo caminho, entre outros, o par i-campeão do mundo (Heinz unthardt/Balazs Taroczy).

Os jovens tenistas brasileiros emonstraram uma sincroniza- ão de jogo, potência de serviço, recisão em alguns movimentos rapidez sobre o «court», quali- ades às quais os seus adversá- os se renderam. Cassio Motta, liás, já tinha deixado muito boa mpressão no seu jogo de singu- res frente a Wilander, saindo errotado com os parciais de /6, 3/6 e 6/0 numa partida que o ueco considerou a mais difícil as que efectuou até à final. Nas liminatórias, Kirmayr e Motta enceram Gunthardt/Hlasek 6/2, 6/1), Hocevar/Popp (6/3, /7, 6/3) e Gunthardt/Taroczy 6/2, 4/6, 6/3.

Coreógrafa norte-americana

Elisa Monte apresenta estreia mundial em Lisboa

Fiel ao seu propósito de continuar revelar ao público português algumas das personalidades mais destacadas da dança contemporânea, a Fundação Gulbenkian convidou a coreógrafa norte-americana Elisa Monte para criar um novo bailado que será apresentado pelo Ballet Gulbenkinan, em estreia mundial, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian no próximo dia 13 de Abril, às 21 e 30.

Na criação deste bailado, intitulado «Life-Times», colaboram dois outros artistas norte-americanos: o compositor e músico de jazz Anthony Davis, e o cenógrafo e figurinista William Katz, que concebeu para este efeito um envolvimento plástico. As luzes são da autoria do artista português Orlando Worm

A carreira artística de Elisa Monte iniciou-se na Broadway, com o bailado **Carousel**,, de Agnes de Mille, e actuações em palco e na Televisão com obras daquela coreógrafa. Como bailarina principal, efectuou diversas «tounées» nos Estados Unidos e na Europa, com o Pilobolus Dance Theatre, a Lar Lubovitch Dance Company e a Martha Graham Dance Company. Em 1974 iniciou a sua actividade com a Companhia da Martha Graham, de cujo reportório interprerrou muitos papeis principais, incluindo um duo que lhe foi especificamente dedicado, da autoria da própria Martha Graham. A primeira experiência de Elisa Monte como coreógrafa, destinou-se à Pilobolus Dance Companhy **Molly's Not Dead**, apresentada no American Dance Festival, em 1978. Nesse mesmo ano actuou, como solista, no New York Dance Umbrella. O seu duo **Treading**, criado para a Martha Grahm Dance Company, foi muito bem recebido pela crítica. No ano seguinte Elisa Monte e David Brown foram convidados a apresentar novamente aquele bailado, no New York Dance Festival Em 1980, em colaboração com a London Dance Umbrella, organizou uma «tournée» pelo Reino Unido com um programa intitulado **Singles and Doubles**. Um outro duo de sua autoria, **Pell Mell**, foi estreado em Cardiff. Em 1981, a Companhia de Elisa Monte integrou-se na New York Dance Umbrella, podendo deste modo apresentar uma versão completa da sua obra Treading O bailado **Pell Mell (em versão dez para bailarinos) faz parte do reportório da Maryland Dance Theatre. Na Primavera de 1981, Treading** passou a fazer partedo reportório de Alvin Ailey Dance Company, sendo considerado o grando êxito da temporada. Em 1982 Alvin Ailey encomendou-lhe uma nova obra

O bailado «Life-Time», que Elisa Monte agora estreará em Lisboa, será apresentado pelo Ballet Gulbenkinan numa série de nove espectáculos que subirão à cena do Grande Auditorio Gulbenkiann entre 13 a 21 de Abril.

Do reportorio destes espectáculos fazem ainda parte alguns dos bailados de maior êxito da Companhia: **Danças para uma Guitarra** (Vasco Wellenkamp-Carlos Paredes), **Canções sem palavras** (Hans van Manen-Mendelsohn), **Hero** (Louis Falco-Frank Tusa), **O tempo antes do tempo depois** (Lar Lubovitch-Stravinsky) e **Sinfonia em ré** (Jiri Kylian-Haydn).

Os bailados **Danças para uma guitarra** e **Canções sem palavras** serão dançados com mósica ao vivo, interpretada respectivamente por Carlos Paredes e Fernado Alvim (guitarra e viola) e pelo pianista Jorge Moyano.

Elisa Monte (ao centro) durante um ensaio do bailado «Life-Time»

Jornadas de poesia em Santiago de Compostela

Autores portugueses, brasileiros e galegos vão reunir-se em Santiago de Compostela de hoje até sábado, no primeiro encontro do género realizado em Espanha

O encontro será ocasião para que os autores façam recitais com os seus próprios textos e, por Portugal, estarão presentes Sophia de Mello Breyner e Eugénio de Andrade. A poesia galega será representada por Bernardino Grana e Manuel Maria.

Estas jornadas de poesia galega, portuguesa e brasileira pretendem aprofundar a cultura do mundo galego - luso - brasileiro e projectar, no plano internacional, os valores da poesia galega.

"Óscares" de Hollywood

Logo é que se vai ver como é

A noite dos óscares 82, logo à noite no Music Center de Los Angeles, deverá conformar-se com a tradição, fazendo desfilar vedetas que entregam a outras vedetas a estatueta de ouro no decurso duma cerimónia com mais de três horas, mais ou menos a do filme apresentado como sendo o favorito «Gandhi»

Ante Hollywood em peso e milhões de telespectadores através do mundo, este grande número do cinema americano começará às 18 horas na costa Oeste (2 horas, de terça-feira) como sempre, os organizadores esforçaram-se pore preservar o «suspense» e os óscares mais prestigiosos – filme, melhores actor e actriz só serão anunciados no fim, à hora em que a Europa dorme e em que a Á sia desperta

Saber-se-á então se as previsões de bastantes especialistas eram boas e se o cineasta britânico Richard Attenborough, cuja película «Gandhi» teve onze «nomeações» levou a melhor a Steven Spielberg, o realizador do não menos célebre ET – Extraterrestre.

Para o Óscar do melhor actor, Paul Newman, esbarrará com forte concorrência de Ben Kingsley, que interpreta a figura de Gandhi, Dustin Hoffman (Tootsie) Jack Lemon (Missing) e Peter O'Toole, (My Favorite Year)

Quanto a Meryl Streep, não se sabe bem quem lhe poderá arrebatar este troféu pela sua interpretação em «A Escolha de Sofia». Porém, não seria a primeira vez, que a Academia das Artes e Ciências Cinematográficas reserva surpresas.

Os gracejos não devem faltar este ano, já que os quatro mestres de cerimónia serão Liza Minelli, Duddley Moore, Walter Matthau e Richard Pryor. Entre os outros apresentadores, figuram Charlton Heston, Bob Hop, Sylvester Stallone, Raquel Welch, Natassia Kinski e John Travolta

Terminada a noite dos óscares, talvez uma alma candosa apareça a consolar os vencidos, recordando-lhe a comprida lista daqueles que tiveram a mesma sorte – Cary Grant, Charlie Chaplin, Edward. G. Robinson, Marlene Dietrich, Greta Garbo, Judy Garland, Fred Astaire, Howard Hawks, Fritz Lang e Alfred Hitchcock, para só citar alguns.

Grande Noite do Fado dia 29 no Coliseu

Nos bairros populares persistia a pergunta: quando terá lugar a Grande Noite do Fado, o mais lisboeta dos espectáculos, promovido pela Casa da Imprensa?

Aí está o levantar do pano: a 29 do corrente, no Coliseu dos Recreios, quantos se inscreverem na Casa da Imprensa (Rua da Horta Seca, 20 em Lisboa) terão ensejo de patentear os seus dotes fadistas, competindo pelos lugares que, na final (a 6 de Maio, também na sala deslumbrante do Coliseu dos Recreios, gentilmente cedida pelo empresário Américo Covões para a obra assistencial dos jornalistas portugueses) vão disputar o aplauso da multidão e excelentes prémios, além da garantia de acesso e uma carreira profissional que tem já magníficos marcos em anteriores e triunfantes edições em Grandes Noites do Fado

As inscrições de concorrentes à Grande Noite do Fado (em representação de colectividades ou a título individual) estão abertas até às 18 horas da próxima sexta-feira. Depois, em data a anunciar previamente, terá lugar um ensaio de triagem e, logo, o sorteio para a ordem de entrada no espectáculo de 29 do corrente, obrigatório a partir do instante em que se prevêm cerca de uma centena de fadistas amadores em competição: logo, implicando uma eliminatória em que o público será o único e soberano júri, definindo quem terá acesso à grande final de 6 de Maio.

As Falanges da Ordem Negra

Desenho: Enki Bilal Texto: Pierre Christin **58**

Copyright Dargaud, Meribérica/-DI

continua

Criança indiana sacrificada aos deuses

Um petiz de nove anos foi morto à machadada durante uma cerimónia de sacrifício organizada numa localidade do Uttar Pradesh (Norte da Índia), revelou ontem a imprensa indiana

Segundo a agência PTI, o sacrifício humano destinava-se a «apaziguar os deuses num mosteiro» da povoação hindu de Tilpata. Foi aí que a família da vítima descobriu o corpo do rapaz. O machado que serviu para o assassinato, também foi encontrado no local. A seita responsável pela cerimónia ritual, ainda não foi identificada.

Igreja grega contra campos de nudismo

A guerra entre os metropolitas da Igreja Ortodoxa grega e o Departamento Nacional do Turismo Helénico (EOT), por causa do nudismo, está a atingir o auge. Causa próxima: a decisão do EOT criar, este Verão, campos para a prática do naturismo.

Com efeito, segundo a imprensa ateniense, a Igreja Ortodoxa continua a sua cruzada antinaturismo depois de na terça-feira passada o Santo Sínodo ter condenado por unanimidade os campos para a prática do nudismo. «Eles (os campos previstos por decisão governamental) corrompem os costumes, e o nudismo não é apenas uma provocação, mas também uma agressão grosseira».

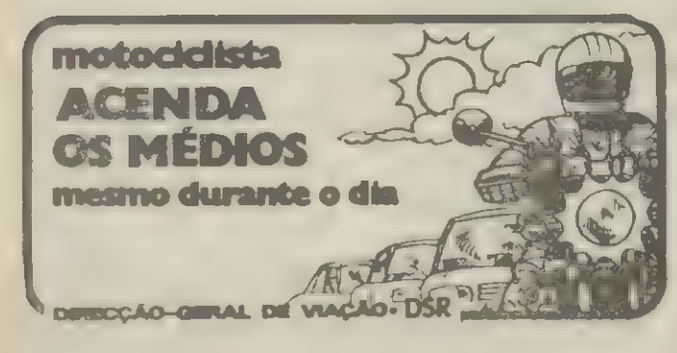
«O nudismo não passará, abaixo as bases do nudismo», exclamou o bispo de Florina, monsenhor Agostinhos, depois de uma reunião de uma hora com os responsáveis do turismo grego.

Suicídio de Koestler decidido há muito

O escritor Arthur Koestler, que se suicidou em Março último em Londres juntamente com a esposa, tinha decidido praticar esse seu acto já em Junho de 1982, segundo a carta encontrada perto dele, e que foi lida na Royal Academy of Arts.

Nesta carta dirigida «a quem de direito», escrita e assinada em Junho de 1982, o escritor indicou que havia escondido dos seus amigos que estava atacado de leucemia, «para lhes evitar que sofressem». Ao mesmo tempo, anunciou que tinha «decidido suicidar-se tomando uma 'overdose' de medicamentos obtidos legalmente e sem auxílio de quem quer que fosse».

«Se esta tentativa fracassar, escreveu ele, ou se sobreviver diminuído fisicamente, ou moralmente num estado tal que já não possa controlar o que me fazem ou comunicar as minhas vontades, peço para ser autorizado a morrer na minha própria casa e não ser ressuscitado ou mantido vivo por meios artificiais. Peço, além disso, que a minha mulher, ou o meu médico, ou qualquer amigo presente, invoquem o «habeas corpus» contra qualquer tentativa de me levarem à força da minha casa para o hospital.»



ança indiana rificada deuses

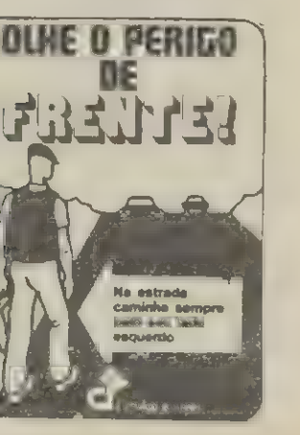
petiz de nove anos foi mor-achadada durante uma ce-a de sacrifício organizada localidade do Uttar Pra-Norte da Índia), revelou a imprensa indiana.
ndo a agência PTI, o sa- humano destinava-se a guar os deuses num mos-da povoação hindu de Til-oi aí que a família da víti-scobriu o corpo do rapaz chado que serviu para o inato, também foi encon-o local. A seita responsá-a cerimónia ritual, ainda identificada.

ja grega tra campos udismo

erra entre os metropolitas ja Ortodoxa grega e o De-ento Nacional do Turismo o (EOT), por causa do o, está a atingir o auge próxima: a decisão do riar, este Verão, campos prática do naturismo.
efeito, segundo a impre-niense, a Igreja Ortodoxa a a sua cruzada antinatu-depois de na terça-feira a o Santo Sínodo ter con- por unanimidade os s para a prática do nudis-les (os campos previstos cisão governamental) cor-n os costumes, e o nudis-é apenas uma provoca-as também uma agressão ra».
nudismo não passará, as bases do nudismo», ou o bispo de Florina, hor Agostinhos, depois a reunião de uma hora responsáveis do turismo

dio Koestler dido há muito

critor Arthur Koestler, que dou em Março último em s juntamente com a espo-a decidido praticar esse o já em Junho de 1982, o a carta encontrada per-e que foi lida na Royal y of Arts.
carta dirigida «a quem ito», escrita e assinada ho de 1982, o escritor in-ue havia escondido dos nigos que estava atacado emia, «para lhes evitar ressem». Ao mesmo tem-nciou que tinha «decidido -se tomando uma 'over-e medicamentos obtidos nte e sem auxílio de uer que fosse».
esta tentativa fracassar. u ele, ou se sobreviver do fisicamente, ou moral-um estado tal que já não ontrolar o que me fazem unicar as minhas vonta-ço para ser autorizado a na minha própria casa e ressuscitado ou mantido meios artificiais. Peço, sso, que a minha mulher, eu médico, ou qualquer presente, invoquem o s corpus» contra qual-ntativa de me levarem à minha casa para o hos-



canal da crítica

MARIO CASTRIM

O crime não compensa

De súbito, e sem que nada o deixasse prever, como aquelas tempestades nos mares do Sul, «Aqui e Agora» desabou sobre nós

Dado o carácter político do programa, e dado o desejo igualmente súbito de manter **isenção** partidária (palavra, foi a melhor anedota que ouvi nos últimos dois séculos!) teria sido conveniente guardar o programa na gaveta durante mais três semanas. Aliás, se na gaveta se tem guardado tanta coisa, porque é que não se havia de guardar mais uma...

Acontece que, desta vez, **Aqui e Agora** se lembrou que a APU existe. Então o que se viu? Viu-se a maior propaganda da APU jamais vista na Televisão Tudo porque houve a ideia de entrevistar o dr. Silva Graça que, com uma rara eficácia, e de uma cajadada só, «matou» a política da AD, os métodos «estranhos» do engenheiro Abecasis e a iniciativa do **Luna Parque**. Um festival de sabedoria política, uma demonstração plena de atenção aos problemas vivos da cidade e do seu povo.

Repito: embora a APU tenha desta vez recebido uma migalhinha do imenso bolo já distribuído a outras forças, o reaparecimento de **Aqui e Agora** é totalmente inoportuno. A água que traz no bico, iremos vê-la não tarda nada

A RTP meteu-se em mais uma boa alhada

Grão a grão...

O menos que se pode dizer de «Allegro» é que se trata de um programa pouco inspirado. Destas desinspirações sofrem os artistas envolvidos no programa, sofre a «reputação» do seu autor, sofre a Televisão e sofre a audiência. Um sofrimento geral – o que, para quem quer divertir, redunda em situação paradoxal

O crítico, ele também, sofre. E, mais grave ainda, sem saber porquê. Então como é? Um programa onde há nomes como Camilo de Oliveira, Carlos Paulo, Artur Semedo, Luísa Barbosa, Carlos Mendes, Helena Isabel – onde é que falha?

Ponto de ordem à mesa: falha relativamente, pois, «Allegro», no âmbito da realização e da interpretação, está muito acima do que habitualmente se faz na RTP onde as pessoas se interrogam é por que razão «Allegro» não é o que podia ser.

Suponho que por falta de originalidade. Permanente o sabor de «já conhecido», «já visto», «já gasto». A piada do Baeta lembra a do Evaristo, o duelo na rua é a mistura do Zé Lusitano e dos bêbados do **Sabadabadu** e assim por diante.

Acresce delito mais grave: a semente, inconscientemente, espalhada, na desconfiança na democracia, nesta democracia, não como atitude dialéctica para um estádio mais aperfeiçoado de democracia, mas como choradinho saudosista doutros tempos de ditadura, de que se gabam ilusórias vantagens.

A este género de coisas não nos habituou César de Oliveira, na TV. Daí que se admitirá tratar-se das consequências, não desejadas, de peças escritas sobre o joelho. Talvez. E poderá ser isso uma atenuante Mas, como no futebol, o resultado é que conta

De qualquer modo, salva-se para a antologia da «Rosa d'Ouro» o «streap-tease» do Bolero. Grão a grão, enche Montreaux o papo

As leviandades e o resto

O fulcro do noticiário de ontem foi, como não podia deixar de ser, o assassínio do dirigente palestino, no Algarve.

Temo-nos felizmente conservado fora do quotidiano destas «delícias» do mundo ocidental, que são os atentados, os crimes em larga escala. Certo que já por aí alguma coisa houve. Certo que todos os factos já conhecidos aguardam esclarecimento convincente. Certo, portanto, que todas as precauções deviam tomar-se para evitar aquilo que sucedeu ontem.

Não vou – não quero – alargar-me em considerações a respeito, sendo porém, verdade, a crer nas reportagens da própria RTP, que terá havido excessiva leviandade na avaliação da conjuntura. Das leviandades e das cumplicidades um dia saberemos

Quanto ao tratamento informativo, eis que a RTP prova, com o documento junto, que o aproveitamento mórbido do caso não é apanágio das televisões estrangeiras, particularmente a italiana, com maior experiência nessas andanças. Provou-se que nesse aspecto ninguém nos levará a palma.

As imagens na entrada do hotel (a vítima desfigurada, as poças de sangue, as balas esquecidas, etc.) eram de uma violência dificilmente qualificável. Lá fora, apreciam estes exageros... na casa dos outros A televisão francesa utilizou-as como «manchettes» a par do Afeganistão, das inundações em Nantes e do ciclismo. Pelo que, como se desconfiará, nisto de telejornais, há quem leia pela mesma cartilha. Depois o sr. Mitterrand tendo a televisão contra a democracia, admira-se das dificuldades que encontra

É curioso verificar como o Telejornal perdeu excelente oportunidade para historiar as acções terroristas empreendidas por Israel. Mas em contrapartida não se esqueceu de fazer uma longa retrospectiva da viagem do dr. Mário Soares ao Líbano, em representaçao da Internacional Socialista. Ninguém percebeu claramente a relação entre os dois factos, mas supõe-se que também não era isso o que mais importava, e sim a possibilidade de dar ao dr. Mário Soares um bónus suplementar no tempo de antena.

Quanto aos reflexos que o acontecimento vai ter na imagem pública de certas personalidades e entidades, em breve o saberemos. Seja como for, para além de todos os atentados, o povo palestino resiste. Os sionistas aprenderão que, também no domínio da História, o crime não compensa

POVO UNIDO

COMÍCIO FESTA DO MDP/CDE

Dia 12 de Abril às 21.30H

No **«CINEMA EUROPA»** (Rua Almeida Sousa, 35 — Lisboa), com a presença dos candidatos do distrito de Lisboa.

INTERVENÇÕES:
— José Manuel Tengarrinha

ANIMAÇÃO CULTURAL COM:
— Maria José Osório
— Isabel Cid
— Manuel Frei

FUTURO É O SOL DE ABRIL

ESPECTÁCULO
15 Abril
21 Horas
ENTRADA LIVRE ABRIL82
PAV. dos DESPORTOS
LISBOA

CARLOS MENDES
PAULO de CARVALHO
e suas Bandas

PRESENÇA DE CANDIDATOS A DEPUTADOS À A.R. PELO CÍRCULO DE LISBOA

no 25 de Abril APU POVO UNIDO a solução!

TEATRO ABERTO

novo grupo APRESENTA
HOJE ÀS 21.30

UM NOVO ÊXITO — 3.º MES

O SUICIDÁRIO

(13 anos)
(SUB. SEC.)
DE NIKOLAI ERDMAN

MARIA ALBERGARIA ● IRENE CRUZ ● MARIO VIEGAS

-NA PROXIMIDADE DE ELEIÇÕES LEGISLATIVAS — AS MAIS DESENCANTADAS DE TODAS, CREIO EU, DESDE 1975 — HA TODA A JUSTIFICAÇAO PARA COLOCAR UM ESCANDALOSO BOCADO DE CHOURIÇO NO CENTRO DO NOSSO PALCO POLITICO, COMO SIMBOLO DA NOSSA REALIDADE OBJECTIVA, QUE NÃO É MAIS POSSIVEL ILUDIR-

(Mário Murteira — D.L.)

SABADOS ● DOMINGOS ● SEGUNDAS ● TERÇAS E QUARTAS AS 21.30
MARCAÇÕES PELO TEL. 77 09 69 ● METRO: PALHAVA

Hoje

Na RTP-1 exibe-se o 11.º episódio da peça «A Tragédia da Rua das Flores»

Das **13.30** às **17.30** **Ciclo Preparatório TV**
18.17 **Tempo dos Mais Novos**
18.55 **Encontro com a Ciência** – ressonância magnética nuclear: realidades e promessas.
19.25 **O Tempo**
19.30 **Telejornal**
20.30 **Campanha Eleitoral** – PCTP/MRPP, ©CMLP e CDS
21.00 **Telenovela** – «Ongens».
21.30 **Apresentação Prévia das Canções Concorrentes ao Festival da Eurovisão**
22.00 **«A Tragédia da Rua das Flores»**
23.05 **Ultimas Notícias**

Prosseguem, na RTP-2, as exibições dos episódios da telenovela «Cabocla»

2 RTP

17.43 **TV/2 Notícias**
17.55 **«Os Jovens Pioneiros»** – 1.ª parte. Intérpretes: Roger Kern, Linda Purl, Robert Hays, Shelley Juttner, Robert Donner, Frank Marth, Brendon Dillon e Charles Tyner Produção: Ed Friendly
19.30 **Desenhos animados**
19.55 **Poliedro**
20.30 **Segunda Volta**
22 00 **Jornal da Noite**
22.20 **Telenovela** – «Cabocla».

Amanhã

1 RTP

08.00 Bom Dia Portugal **09.50** Desenhos Animados; **10.15** Nós e a Lei, **10.35** Curso de Complemento de Formação de Professores; **11.15** «Correio Aéreo», **12.15** «Baila Comigo», **13.00** Jornal da Tarde, das **13.30** às **17.30** Ciclo Preparatório TV, **18.17** Tempo dos Mais Novos, **18.40** Industria, Hoje e Amanhã, **19.10**, Vamos Jogar no Totobola, **19.25** O Tempo **19.30** Telejornal, **20.30** Campanha Eleitoral – PS, PDC e LST; **21.00** «Ongens»; **21.30** «Shogun», **22.20** Grande' Reportagem, **23 15** Ultimo Jornal

2 RTP

17.40 TV/2 Noticias, **17.50** «Os Jovens Pioneiros», **19.30** Desenhos Animados, **19.55** Quinta Dimensão **20.20** Cine-Clube/2» com o filme «O Assalto ao Casino», **22.20** Jornal da Noite **22.40** «Cabocla»

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP «A Tragedia da Rua das Flores» (22.00)

2 RTP «Cabocla» (22.20)

...o sugero para hoje...

1 RTP

TELENOVELA «ORIGENS»

Teresa e Filipa conversam, em casa, sobre a vida sentimental de ambas demonstrando uma total incompreensão de parte a parte.
Entretanto, os empregados do Hotel das termas comentam a morte do dono e interrogam-se quanto ao futuro da empresa.
No apartamento de Luís, Gaspar ensaia uma aluna. Luís pede-lhe que interrompa a aula pois precisa de falar com ele.
Luís convida o amigo a deixá-lo sozinho essa noite no apartamento. Patrícia irá jantar com ele.
Em casa de Francisco e de Júlia, Morato e Cassilda comentam o seu trabalho de intermediários de vendas de propriedades e terrenos.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RADIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 211287

foteirão cultural

Teatro

Dia 13, às 21,30, em segunda estreia da temporada, a Companhia de Teatro Profissional de Santarém regressa à dramaturgia portuguesa com a peça «Viagem à Roda da Parvónia» de Gil Vaz (pseudónio de Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueira) no Teatro Taborda do Círculo Cultural Scalabitano. O espectáculo estará em cena até dia 22 às 21.30, com sessões também às 17 horas aos sábados e domingos. A encenação é de José Gil, a música de José Viegas, cenografia de João Vieira, guarda-roupa de Amélia Varejão, montagem de Manuel Ferreira e António Forte, secretariado de Violleta Gomes, interpretação de Teresa Pinto Coelho, Alberto Serra, João Paulo, Gomes Vidal, Maria José, José Lobato e José Pedro.

Inicialmente prevista para dia 6, a estreia foi adiada para dia 13, por dificuldades económicas da Companhia, motivadas por atraso, aliás comum às outras companhias profissionais, por parte da Secretaria de Estado da Cultura, estando os elementos da Companhia sem vencimentos desde Janeiro para que a montagem do espectáculo se efectuasse neste curto espaço de tempo.

Conferências

No âmbito das comemorações da publicação da Carta de Atenas, a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa promove o seguinte ciclo de conferências, no seu anfiteatro: hoje, «José Lusert, o Homem e a Obra», pelo prof Viana de Lima; amanhã, conferência pelo prof. André Wogenscky; quarta-feira, conferência pelo mesmo professor arquitecto. As conferências têm inicio às 18 horas.

Música

O Septeto da Orquestra Gulbenkian, formado por quatro instrumentos de cordas (violino, viola, violoncelo e contrabaixo) e três instrumentos de sopro (clarinete, fagote e trompa), apresentar-se-á num novo concerto amanhã, às 18.30, no Auditório Dois da Fundação. Neste concerto, o Septeto interpretará a importante obra de Beethoven Septeto em si bemol maior, op. 20.

Exposições

O jovem artista Robert Schad, desenhador e escultor alemão, inaugura amanhã uma exposição na Galeria Quadrum. Aproveitando a sua presença em Lisboa, o Instituto Alemão (Campo dos Mártires da Pátria, 37) convidou-o a actuar no «foyer» da sua sede, onde estará de 13 a 15 de Abril, das 10 às 21 horas, a fazer «desenhos de momento», num total de 33 horas em acção. Robert Schad fala português e terá muito prazer em trocar ideias com os espectadores e todos aqueles que queiram desenhar com ele

No Círculo de Artes Plásticas de Coimbra foram inauguradas três exposições de outros tantos associados daquela instituição: José Aurélio apresenta esculturas, Armando Matos Beja representa-se com cinco telas acrílicas e Ana Esteves expõe vários quadros a óleo. As exposições permanecem abertas ao público até dia 4 de Maio.

Cinema

O Centro Cultural de Évora, em continuação da projecção de filmes do moderno cinema português, exibe hoje, às 21.30, no Garcia de Resende, o filme «Veredas», de João César Monteiro. Este pequeno ciclo de cinema português, com sessões todas as segundas-feiras, às 21.30, prolongar-se-á até ao dia 16 do próximo mês de Maio

Um Ciclo Joris Ivens, célebre documentarista holandês presente em quase todos os grandes acontecimentos da história moderna (andou de câmara ao ombro nas guerras de Espanha e do Vietname, assistiu ao triunfo da Revolução chinesa), inicia-se hoje na Cinemateca, com a abertura de uma exposição sobre os 50 anos de actividade do autor de «Terra de Espanha» e a exibição, às 21.30, dos filmes «Flecha Ardente» (1911), pequena história inspirada nos «westerns», filmada por Ivens aos 13 anos com a família, «Estudos dos Movimentos» (1928), experiência de montagem sobre o movimento de carros e pessoas, «A Ponte» (1928), sobre a ponte de Roterdão, «Chuva» (1929), efeitos da chuva em Amesterdão, e «Na Rebentação» (1929), história filmada na vila costeira de Katwyk (Holanda).

Uma pequena homenagem a Glória Swanson é também apresentada na Cinemateca, com a exibição, hoje, de «Macho e Fêmea», de Cecil B. de Mille (1910) e «Rainha Kelly», de Eric von Stroheim . (1928), e, na quarta-feira, de «Crepúsculo dos Deuses («Sunset Boulevard», 1950), de Billy Wilder. Sessões às 18.30.

Aspecto do armamentismo e do desarmamento

Continuação da pág 3

de Fevereiro de 1983) os problemas que acabamos de sumariar foram objecto de analise. Julgamos que identificá-los mesmo por forma descritiva é um passo mais na consciência crescente que todos temos de ter sobre estes temas que também têm uma realidade vivida no nosso País

(1) A reunião de líderes dos países da Ásia e África mais conhecida é de Abril de 55, em **Bandung**, na Indonésia, e nela participaram 24 países; entretanto, a 1.ª Conferência é, de facto, em Belgrado em 1961, com 25 países; a 2.ª Conferência Cimeira é em 1964, no Cairo, sendo a terceira, em 1970, em Lusaka, a 4.ª em Argel em 1973 e a 5.ª em Colombo, no Sri Lanka (ex-Ceilão) em 1976, já com 86 países. Decorreu, recentemente, a 7.ª Conferência, em Nova Deli

* Deputado durante a 2.ª Legislatura da Assembleia da República (1980-83) e membro do Conselho Português para a Paz e Cooperação.

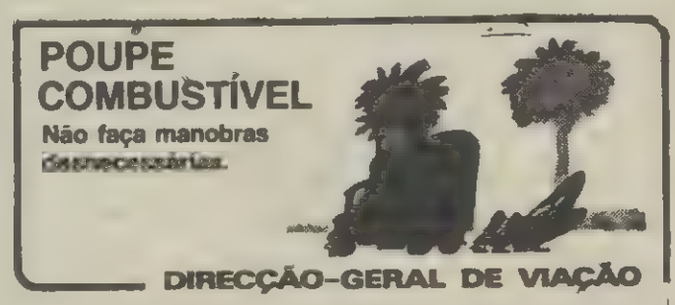
(2) Revista publicada pelo Conselho Mundial da Paz e pelo Comité Húngaro para a Paz, em Budapeste. Participámos em representação do Conselho Português para a Paz e Cooperação num Seminário sobre problemas de desenvolvimento social, em Gardony, arredores de Budapeste

(3) Como habitualmente é referenciado, estes dados de «indústrias armamentistas nacionais nos países do chamado 3.º Mundo» não revela senão um valor percentual diminuto do conjunto da produção mundial. Os dados de informação são colectados e referidos de diversas fontes, entre as quais o SIPRI, de Estocolmo (Instituto Internacional para Estudos do Armamento Mundial e do Desarmamento)

(4) Revista «New Perspectives» do C.M. Paz, editada em 4 línguas.

(5) O exemplo que é exposto é o de que o armamentismo não traz desenvolvimento, tanto como o «quebrar deliberada e regularmente vidros, embora fazendo aumentar a procura de vidro», não traria, naturalmente, qualquer desenvolvimento.

(6) Na mesma linha de pensamento, um conjunto de 13 especialistas fez a instâncias da ONU um relatorio em que precisava (ponto 93) que «o nivel dos investimentos poderia ser aumentado consideravelmente se os orçamentos militares fossem comprimidos» lembrando as «necessidade gntantes em investimentos nos domínios do equipamento social». Tal relatório foi adoptado pela Resolução de Dez. 77 da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas.



S. R.

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

HEMEROTECA

NA RUA ALVARO DOS SANTOS, 13 EM OEIRAS

SECÇÃO DE PUBLICAÇÕES PERIODICAS

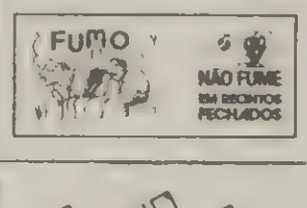
ABERTURA AO PUBLICO EM 11 DE ABRIL

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção n.º 52 817, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE NOVOS DERIVADOS DE OXEPINA».

Trata: CLARKE MODET & C.ª Ld.ª

Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 — 3.º Esq.
1000 LISBOA



COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	78$90	82$90
ALEMANHA FED (marco)	39$70	40$80
AUSTRIA (xelim)	5$55	5$75
BELGICA (franco)	1$816	2$016
BRASIL (cruzeiro)	$060	$160
CANADA (dolar notas de 1 e 2)	77$85	79$85
(notas de 5 a 1000	78$35	80$35
DINAMARCA (coroa)	11$20	11$60
ESPANHA (peseta)	$764	$794
EUA (dolar notas de 1 e 2)	96$25	96$25
(notas de 5 a 1000	96$75	96$75
FINLANDIA (marka)	17$70	18$30
FRANÇA (franco)	13$20	13$90
HOLANDA (florim)	35$25	36$25
INGLATERRA (libra)	145$35	149$35
IRLANDA (libra)	126$05	130$05
ITALIA (lira)	$061	$071
JAPAO (iene)	$051	$086
NORUEGA (coroa)	$366	$401
SUECIA (coroa)	12$85	13$45
SUIÇA (franco)	46$90	47$90
VENEZUELA (bolivar)	9$55	10$55

Observações
1 – No respeitante a moedas estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil

rádio

Antena Um

16.00 Batida de limão. 17.30 Campanha eleitoral. 19.00 Informação e musica. 20.00 «Cristo Recrucificado» original de Nikos Kazantzaki 20.15 O espaço é seu. 21.00 Toda a gente é pessoa. 21.30 Viva a noite Noticiários intercalares às 16.00 17.00, 21.00 22.00 e 23.00 horas

Programa 2

16.00 Musica sinfonica, 17.00 Musicantes, 17.30 Intérpretes portugueses, 18.05 Culturando, 19.30 Terra viva planeta azul, 20.10 Musica de câmara, 21.00 O canto e os seus interpretes, 22.00 Tudo isto e música também, 22.40 Suite n.º 2, em ré menor BWV 1008, de Bach, 23.00 Intercâmbio musical, 01.00 Fecho Noticiários de hora a hora

RADIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00 Matinée, 17.00 Sortido fino, 20.00 Conta corrente 20.30 Quando o telefone toca (3 edições), 22.00 Portugal e a CEE; 22.15 Religioso – hora luterana, 22.30 Tempo de desporto, 23.00 24.ª hora Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00 O som da frente, 18.00 Círculão em FM, 21.00 Abandajazz, 22.00 Café concerto Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00 Equipa da tarde; 18.00 Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.00 Programa da LAR; 20.00 Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00 Ouvir e pensar; 23.00 Ultima hora, 23.55 Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas

Rede Sul de FM

14.00 Duas vezes seis, 21.00 Quando o telefone toca, 21.30 Paju

Tiragem media diaria do mês anterior 42 150 exs.

palavras cruzadas

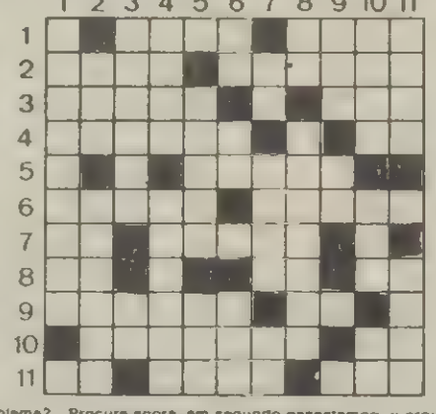
COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13708

HORIZONTAIS

1 Erro (prov) Porto de Marrocos no Atlântico
2 Tempo do verbo ser Detestara
3 Remara para trás Senhor em inglês
4 Sobe ao cume Autores
5 Igualara (Prov)
6 Cena pungente (fig) Paladar
7 Preposição e artigo Distribui por ruas
8 Decilitro (abrev) Clima Meretissimo
9 Relativo a oásis Entre os Caldeus o 5.º mês
10 Passanas rapidamente Preposição latina que designa movimento
11 Bário (s.q.) Satanás Espádua

VERTICAIS

1 Que se escaldou
2 Aqui está Fazia girar
3 Propaga Fundo de agulha
4 Ilha do Pequeno Belt Apelido
5 Causar amuo a Istmo montanhoso que liga a Indochina à península de Malaca
6 O sono das crianças Prata (s.q.) Irmão do pai (inv)
7 Preposição Chuva Em partes iguais
8 Nota musical Ressoaras
9 Duna na Suécia Arsénio (s.q.)
10 Inerte Possui Amónio (s.q.)
11 Palmeira da Amazonia Terror



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito

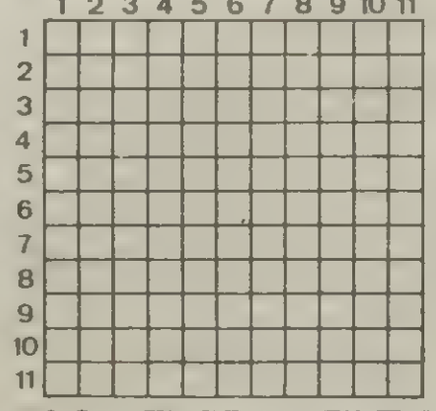
NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9558

HORIZONTAIS.

1 Freguesia do concelho de Carregal do Sal 2 Quendo Prepara com anis
3 Olá Arco
4 Apelido Corda de reboque Arara
5 Pronome pessoal Prasiodimio (s.q.) Vossa Alteza Pronome pessoal
6 Invade Manas
7 Lavrem Jarro (planta)
8 Guarnecessem de asas
9 Apura (os dentes) Estime
10 Late Bandas.
11 Rio da Suiça. Freguesia do concelho de Guimaraes

VERTICAIS:

1 Bario (s.q.) Preposição Exprime por palavras
2 Mulher trigueira. Nota musical.
3 Cidade da Colômbia. Atraiçoada
4 Freguesia do concelho de Almeida. Apresionara
5 Boro (s.q.) Tecido Alteza Real.
6 Moderato. Sua Majestade
7 Sódio (s.q.). Despachas. Nota musical
8 Nome de mulher Apre! Clima.
9 Fado (pop) Logrado (fig)
10 Floresta longe da costa Pedras de moinho
11 Ocultais Pondera



SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 13707

HORIZONTAIS:

1 A. ASNEIRA. É.
2 Vadeus. Alê.
3 Os Re Cara.
4 Calcas La.
5 Ba. Oiro. Am.
6 Soro Ao. Ado.
7 Elisa. Calor.
8 Moas. No Aro.
9 Pr. Amestras.
10 Ir Aa.
11 Erramos. M.és.

VERTICAIS:

1 1 Avós. SEMPRE.
2 Ás. Bolor.
3 Ad. Carla. AR.
4 Será. Oasa.
5 Nuelo. Mim.
6 És. Cia. Nero.
7 Caroços.
8 Aso. Tal
9 Aar. Alaram.
10 FALADORA.
11 Ea. Amorosos.

SOLUCAO DO PROBLEMA N.º 9557

HORIZONTAIS

1 Agamemnon
2 Oriá. Clil
3 Amumar Co
4 Avô Gatas.
5 Castigaram
6 Orar Er Pã.
7 Sa. Largas.
8 Cia. SS
9 Rico. Sado
10 Adamastor.
11 Sala. Ro

VERTICAIS:

1 Ao Açor Rás
2 Gravar Vida
3 Airosas Cal
4 Mar Tracoma
5 Un
6 MCM Gelasse
7 Niagara At
8 Orar Redor
9 Ni Tal Oro
10 Campas
11 Caos Assumi

Provérbio A ASNEIRA E SEMPRE FALADORA

cartaz

abCINE
Centro Comercial de Alvalade
SALA A
Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.00 e
N acons m/13 anos
UMA COMEDIA SEXUAL NUMA DE VERÃO
SALA B
Às 14.45, 17.00, 19.00, 21.15 e
Int m/13 anos
VICTOR VICTÓRIA

ALVALADE
Av de Roma
Às 15, 18 e 21.30 – Para T
OS GLORIOSOS MALUCOS
MAQUINAS VOADORA
3.ª Semana

APOLO
Av Julio Dinis, 10-A
Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
DO FUNDO DO CORAÇ
Nao ac. men 13 anos
3.ª Semana

AVIS
Av Duque de Avila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
Maiores 12 anos
GELADO DE LIMÃO IV
Aqui estão eles à solta mas a tr
nhou-os
3.ª Semana

BERNA
Av Marquês de Tomar
As 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTR
17.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO
Campo Grande
As 14.00, 16.30, 19.00 e 21
Falado em português
Para todos
DUMBO
3.ª Semana

CASTIL
Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men 13 e
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA
3.ª Semana

outr

Lisboa

ALFA-1 – «E. T. o Extraterre
21.30 (6 anos)
ALFA-2 – «Os Salteadores
Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 – «Christiane F.», às 2
MUNDIAL – «E. T. o Extraterres
21.30 (13 anos)
QUINTETO – «O Palco e a V
21.30 (13 anos)
2000 – «Vingança Forçada», à
(18 anos)
CINE-ESTUDIO ACS – «Os Mal
Caserna» às 21.30 (13 anos)
ZODIACO – «Viva Zapata», às 2
anos)
OLIMPIA – «As Fanáticas do
sessões permanentes (18 anos
CAPITÓLIO – «Jogos de Mulhe
21.00 e 23.00 (18 anos)
RESTELO – «Ator, a Agua Inv
às 21.30 (12 anos)
ROYAL – «Le Mans, Atalho p
terno», às 21.30 (6 anos)
PROMOTORA – «Os Coma
Takwando», às 21.30 (18 anos

Linha de Casc

SÃO JOAO DO ESTORIL – Ci
– «Annie», às 21.15 (6 anos)
ESTORIL – Casino – «Vinga
çada», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «Victor,
às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Nucle
Obrigado!», às 21.30 (13 anos

Linha de Sint

AMADORA – Cine-Plaza – «C
F», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Lido – «A Fur
Herói» às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestudio – «
Lata», às 21.30 (13 anos)
CACEM – Cine-Estudio F
«Amigos da Onça», às 21.30 (
ERICEIRA – Cinestudio «Ul
21.15 (13 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA – Sil
Soldado», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estudio – «2
guas Submarinas», às 21.30 (

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.00 e 23.00
N. acons. m/13 anos
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO

SALA B

As 14.45, 17.00, 19.00, 21.15 e 23.15
Int. m/13 anos
VICTOR VICTÓRIA

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 15, 18 e 21.30 – Para Todos
OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS
3.ª Semana

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A

As 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
DO FUNDO DO CORAÇÃO
Não ac. men. 13 anos
3.ª Semana

AVIS 547163
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Maiores 12 anos
GELADO DE LIMÃO IV
Aqui estão eles à solta mas a tropa apanhou-os
3.ª Semana

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
17.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Falado em português
Para todos
[illegible]
3.ª Semana

CASTIL 530194
Rua Castilho

As 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
TOOTSIE. QUANDO ELE ERA ELA
3.ª Semana

CINE 222 579460
Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a
SEM AMOR E SEM REMORSO (JOSEPHA)
Às 24
O SARGENTO DA FORÇA

CITY CINE 49999
R. Tomás Ribeiro, 34

As 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
6 anos
O GENDARME E AS GENDARMETAS
As 23.45 N. ac. men. 18 a
FOXTROT

CINE BLOCO 556824
Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
[illegible]
– Int. men. 13 a
12.ª Semana
As 24 – Int. men. 18 a
A FELINA

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
DOIS SERES UMA VIDA

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a
CAÇA À TERRORISTA

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Maiores de 16 anos
A FÚRIA DO HERÓI
3.ª Semana

ESTÚDIO 555134
Alam. Afonso Henriques, 35

As 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
O MISTÉRIO DA ILHA DOS MONSTROS
3.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

As 15, 17, 19 e 21.30
– Para Todos
OS MALUCOS DA CASERNA

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
FUGA PARA A FELICIDADE
3.ª Semana

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
O VEREDICTO
8.ª Semana

POLITEAMA 326716
R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Maiores 12 anos
ATOR – A ÁGUIA INVENCÍVEL
3.ª Semana

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Álvares Cabral, 37

As 14.15, 16.30, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
GELADO DE LIMÃO IV

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 16 a
A FÚRIA DO HERÓI
3.ª Semana

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O REGRESSO DO ESPIÃO

ODEON 328283/4
R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 18 a
A CASA DO CEMITÉRIO

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 17 e 21.30 – N. ac. men. 13 a
[illegible]

QUARTETO [illegible]
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
As 14.30, 16.45, 19, 21.15
O PALCO E A VIDA
Às 23.30
6 MULHERES PARA UM DETECTIVE

SALA 2
As 14, 16, 18.20 e 21.15
PERIGO IMINENTE
As 23.30
ROCK E ROCK MESMO

SALA 3
Às 14, 16, 18, 20 e 22
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
Às 24
O BANDO DE JESS JAMES

SALA 4
As 14.30, 16.45, 19 e 21.15
HOUSTON TEXAS
As 23.30
O 3.º HOMEM

ROMA 887778
Av. de Roma, 14 M-N

As 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
Maiores 12 anos
GELADO DE LIMÃO IV
3.ª Semana

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
AS FREIRAS DE SANTO ARCANGELO
5.ª Semana

S. JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

As 13.45, 17.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
GANDHI

S. JORGE SALA 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a
VICTOR, VICTÓRIA
9.ª Semana

S. JORGE SALA 3

As 14.15, 16.15, 18.30 e 21.45
– Int. men. 13 a
NA CALADA DA NOITE
13.ª Semana

SATÉLITE [illegible]
Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. acons. m/13 anos
DO FUNDO DO CORAÇÃO
3.ª Semana

7.ª ARTE 730715
Av. República, à Esq. de Entre Campos
Junto ao n.º 68
Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 13 a
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA
Domingo às 11.15 – Para Todos
FESTIVAL POPEYE

STAR [illegible]
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
38.ª Semana

TERMINAL
Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 13 a
TOOTSIE, E QUANDO ELE ERA ELA
2.ª Semana

TIVOLI
Av. da Liberdade, 188

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para todos
Falado em português
DUMBO
3.ª Semana

VOX 88[illegible]
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
6 anos
O GENDARME E AS GENDARMETAS
3.ª Semana

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a
OS DOIS FUGITIVOS
As 23.45
AVALANCHE

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 – «Christiane F.», às 21.45 (18 anos)
MUNDIAL – «E. T. o Extraterrestre» às 21.30 (13 anos)
QUINTETO – «O Palco e a Vida», às 21.30 (13 anos)
2000 – «Vingança Forçada», às 21.30 (18 anos)
CINE-ESTUDIO ACS – «Os Malucos da Caserna», às 21.30 (13 anos)
ZODÍACO – «Viva Zapata», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA – «As Fanáticas do Sexo» sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «Jogos de Mulheres», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
RESTELO – «Ator, a Águia Invencível» às 21.30 (12 anos)
ROYAL – «Le Mans, Atalho para o Inferno», às 21.30 (6 anos)
PROMOTORA – «Os Comandos de Takwando», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «Annie», às 21.15 (6 anos)
ESTORIL – Casino – «Vingança Forçada», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «Victor, Victória», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Nuclear? Não Obrigado!», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «Christiane F.», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Lido – «A Fuga de um Herói» às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestudio – «Barro da Lata», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Amigos da Onça» às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA – Cinestudio – «Ulisses» as 21.15 (13 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA – Sílcine – «O Soldado» às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estudio – «20 Mil Leguas Submarinas», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrivel – «Conan e os Bárbaros», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «O Sacerdote do Amor», às 21.15 (18 anos)
SETUBAL – Júpiter – «Conflito de Gerações», às 21.15 (13 anos)

Porto

OLIMPIA – «O Demolidor», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Os Seis da Morte» às 21.30 (18 anos)
CARLOS ALBERTO – «Julieta dos Espíritos», às 21.30 (13 anos)
TERÇO – «O Sindicato dos Subornos», às 21.30 (18 anos)
BATALHA – «João Broncas», às 21.45 (6 anos)
AGUIA – «Dombo» 21.45 (6 anos)
COLISEU – «A Fúria do Herói», às 21.30 (16 anos)
PASSOS MANUEL – «E. T. o Extraterrestre» às 21.45 (6 anos)
PEDRO CEM – «Os Deuses Devem Estar Loucos» às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «O Veredicto» às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L – «A Tempestade», às 21.45 (13 anos)
FOCO – «Romance em Nova Iorque», às 21.30 (13 anos)
SAO JOÃO – «Olhares de Terror» às 21.30 (18 anos)
IRIVOLI – «O Ente Misterioso» às 21.30 (13 anos)
ESTUDIO – «Prestigio Real» às 21.30 (13 anos)
JULIO DINIS – «O Gendarme e os Extraterrestres», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «Uma Comédia Sexual numa Noite de Verão», às 21.45 (13 anos)
TRINDADE – «Gandhi» às 21.30 (13 anos)
RAIONE – «O Presente», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

AJUDA Mendes Gomes, C.da Ajuda, 222 (T. 638258), **AV. ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos** Av Estados Unidos da América, 16-B (T 885859), **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av Marquês de Tomar, 20-22 (T 544995) **ENCARNAÇÃO: Zira** P das Casas Novas lote 66 (T 311216) **ANJOS - R. MARIA ANDRADE. Renascença**, R Damasceno Monteiro, 104-A-B (T 831504). **HOSPITAL DOS CAPUCHOS: Capuchos**, R Luciano Cordeiro, 2-A (T. 572076), **JANELAS VERDES: S. A. E Silva Filhos** R São João da Mata, 72-74 (T 661010) **MERCADO DO CHILE Alcalis**, R Carvalho Araujo, 46-B (T 841708) **PAMPULHA: Hospital da CUF**, C do Sacramento (T 609111), **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R. Conde de Monsaraz, 17-B (T 842533) **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R Prof Mira Fernandes (T 880703); **RATO: Soares**, Av Álvares Cabral, 1 (T 684282) **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E de Benfica, 373-B (T 780548). **ALTO DE ALGÉS: H. Amaral**, R. X lote 146-A, **ODIVELAS. Monserrate** R Guilherme Gomes Fernandes 31-A (T 911139). **PONTINHA: Pontinha** E Santo Elói, 4, lote SE (T 911139)

REFORÇO

ALTO DE SANTO AMARO Teles R João de Barros, 2, frente (T 638176) **ALVALADE: Zil**, Av da Igreja, 9-D (T 891780) **BAIRRO ALTO: Azevedo Ir & Veiga**, R. da Misericórdia, 24 (T 323540), **BENFICA: Simões**, C Tojal 102-A (T 749649), **CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES Ourique**, R Freitas Gazul, 32-B (T 671687), **CAMPOLIDE: Central de Campolide** R General Taborda, 17 (T. 680304), **ESTEFÂNIA. Estefânia**, R Pascoal de Melo, 90 (T 544438) **LUMIAR: Central do Lumiar** Al das Linhas de Torres 254-B (T 798063); **MARQUÊS DE POMBAL -METRO PICOAS: Correia de Almeida** Av Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T 547385), **SAPADORES: Zema** R. General Justiniano Padrel 21-A (T 832580), **BRANDOA - COLINA DO SOL: Vidal Reis** Quinda da Correia, célula G lote 35, Urbanização Alfarelos, **BURACA: Vaz Martins**, R. Antonio Ferro, 6-A (T 970660), **OLIVAL BASTO: Nova**, R Açores, 11-A (T 910305), **PRIOR VELHO Matos** 1 Prioras (T 25199391

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L Duartes, lote A r/c (T 2441616) Até às 22 horas, **ALCABIDECHE: Carvalho** B João P. Correia, 40-B (T 2690363) Até às 22 horas **PORTO SALVO: Ferreira Bastos** R D Firmino Rebelo (T 2421015) Até às 22 horas, **MALVEIRA DA SERRA: Luz** Até às 22 horas, **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av Patrão Lopes, 4 (T 2432039) Permanente **OEIRAS. Central** R Conde Ferreira, 29 (T 2430058) Até às 22 horas, **CARCAVELOS: Central**, R 5 de Outubro 25 (T 2470037) Permanente **SÃO DOMINGOS DE RANA. Godinho da Silveira** Av Sabóia, 29-B (T 260085) Até às 22 horas, **PAREDE: Mendes Junqueiro** R de Luanda lote 5 (T 2477838) Permanente **MURTAL: Primavera** R das Parreiras 2 (T 2472278) Até às 22 horas, **SASSOEIROS. Amaral Sembiano** Quinta das Encostas Até às 22 horas **MADORNA Madeira** Até às 22 horas **AMOREIRA Abrantes** Vivenda Maria Carlos Anj (T 2682313) Até às 22 horas **MONTE ESTORIL Ostende** R de Espinho 1 (T 260391) Até às 22 horas, **CASCAIS: A. Costa** R Freitas Reis, 24 (T 280214) Permanente

Linha de Sintra

AMADORA: Campos R Elias Garcia, 185 (T 930072) Permanente, **São Jorge**, R Pedro del Negro, 5, Reboleira (T 938703) Até às 22 horas, **DAMAIA D. João V**, Av Gurgel do Amaral, 2-A (T 970461) Até às 22 horas, **QUELUZ: Zeller** R da Republica, 83 (T 950045) Até às 22 horas, **CAMARATE: Nova da Charneca** R Cidade de Lisboa 94 (T 2518726) Até às 19 horas, **CACEM Araújo e Sá**, E de Paço de Arcos, 1-B (T 9240781) Permanente, **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato** R dos Morés, 1 (T 9212038) Permanente, **MERCÊS: Claro Russo** R Abade Faria, 2-A (T 9215275) Até às 22 horas **RINCHOA Cargaleiro Lourenço** Até às 22 horas **SINTRA: Gomes da Silva**, L D Afonso 3-A (T 923247) Permanente **COLARES. Abreja** (T 9290088)

MOSCAVIDE: Império R 1.º de Maio, 48-A (T 2513234) Até às 22 horas, **SACAVÉM: Soares**, R José L Morais 15-A (T 2518025) Permanente **LOURES: Saraiva**, Av da Republica, 86 (T 2530027) Permanente

Outra banda

ALMADA: Central R de Olivença 11-B (T 2750504) Até às 22 horas **COVA DA PIEDADE: Atlântico** Av Rainha D Leonor, 45-A (T 2764466) Até às 22 horas, **LARANJEIRO: Feijó** R Borges Rego, 7, Feijó (T 2290911) Até às 22 horas **COSTA DE CAPARICA: Carlos** Av do Mar 34-A, Quinta de Santo Antonio (T 240061) Até às 19 horas **SESIMBRA Leão** Av da Liberdade 13 (T 2233471), **BARREIRO Central** Av Alfredo da Silva, 48 (T 2073207) Permanente; **AMORA. Nobre Guerreiro** R Dr Emidio G Mendes 31 (T 2212923) Até às 22 horas **SEIXAL Soromenho** R Paiva-Coelho 38 (T 2213560) Até às 22 horas **MONTIJO São Pedro** Av Camoes 16 (T 2311133), **MOITA: União Moitense**, Av Dr Teófilo Braga (T 2390025) **ALHOS VEDROS: Gusmao** R Cândido dos Reis, 30 (T 204020), **ALCOCHETE: Nunes** L Coronel Ramos da Costa 10 (T 234137) **SETUBAL: Lisboa** R Dr Paulo Borba Permanente **Cunha Pinheiro** E Canaminha 32 Até às 22 horas

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 AS 22 HORAS

LIDADOR R do Lidador 265 **QUEIJA FERREIRA**, L de São Pedro, 64, Campanhã, **SILVA PEREIRA** R de Costa Cabral 293, **BOAVISTA** R da Boavista 601, a Carvalhosa **SOUSA SOARES** R Santa Catarina 141

DE DIA E TODA A NOITE

LIGA DAS ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MUTUOS R do Bonjardim 286, **ANTIGA PORTA DO OLIVAL** C Mártires da Pátria 122 **BORRALHO** Av Fernão de Magalhães, 692 **CORREIA** P Mouzinho de Albuquerque 78 **PRELADA**, R Central de Francos 316

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

FERRAZ, R do Brasil 70 (T 71526) **SÃO JOSÉ** Arcos do Jardim, (T 24697)

teatros

Lisboa

TEATRO ABERTO – «O Suicidario» as 21.30 (13 anos)
VARIEDADES – «Há mas São Verdes» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
ABC – «E Sempre a Votar», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração Redacção Publicidade e Serviços Técnicos
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade 368740
Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro 321154
Redacção 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones 20954/5

Distribuição INTERPRESS
Rua do Norte 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones 322100-322204-320784

tempo

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3 02	3,8 m	8 43	1,1 m
15 23	3,8 m	20 57	1,0 m

Dia 12

3 37	3,9 m	9.15	0,9 m
15 56	3,9 m	21 30	0,9 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

Viana do Castelo	14º
Bragança	12º
Vila Real	11º
Porto	13º
Penhas Douradas	–
Coimbra	12º
Cabo Carvoeiro	14º
Portalegre	16º
Lisboa	14º
Evora	13º
Beja	11º
Sagres	–
Faro	16º
Ponta Delgada	15º
Funchal	16º

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ, DIA 10: Períodos de céu muito nublado em especial nas regiões do Norte e Centro. Vento fraco possibilidades de períodos de chuva ou aguaceiros; condições favoráveis à ocorrência de nebina ou nevoeiro pequena descida de temperatura

Últimas

Conferências sobre ficção científica

O poeta e professor Darco Suvin, da Universidade McGill de Montreal, profere esta tarde na Faculdade de Letras de Lisboa a primeira de uma série de quatro conferências sobre temas de literatura utópica e de ficção científica, a convite do Grupo de Estudos de Literatura Francesa

A conferência desta tarde, que se inicia às 15 horas, tem como tema **Coriolano** de Brecht ou o leninismo utópico». Amanhã de manhã (11 horas) Suvin desenvolverá o tema «Lógica narrativa, dominação ideológica e sentido da ficção científica», enquanto no dia 14 à tarde (15 horas) se debruçará sobre «As ilhas alternativas (a utopia, de Thomas More e Cyrano de Bergerac). A última conferência está marcada para as 11 horas da manhã do próximo dia 15 (O implícito do **Manifesto**: metáforas da desmistificação em Marx»

As conferências, que serão proferidas em francês (excepto a primeira, em inglês), contam com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian

Darco Suvin é o autor de uma obra, **Para uma poética da ficção científica**, editada já em França com apreciável êxito, e que se admite possa vir a ser traduzida proximamente em Portugal

UMA DELEGAÇ:O DO PCP composta por Alvaro Cunhal, secretário-geral, e Maria da Piedade Morgadinho, membro do Comité Central, estará na Conferência Científica Internacional que hoje começa em Berlim, subordinada ao tema «Karl Marx e o nosso tempo - a luta pela Paz e o Progresso Scial». A delegação do PCP parte manhã de Lisboa para Berlim

MOBÍLIAS
MODERNAS
SÉCULO XVII
BARROCO
D. MARIA
IMPÉRIO
LUIS XV E XVI
D. JOSÉ
D. JOÃO V
ETC.
FACILIDADES
DE PAGAMENTO E TROCAS
DE MOBÍLIAS USADAS
ARMAZÉNS MÓVEIS JORGE
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 35
(Perto da Igreja dos Anjos)

Dirigente do MPLA ameaça

Relações com Portugal podem ser congeladas se UNITA actuar impunemente

As relações entre Portugal e Angola poderão ser congeladas se a UNITA continuar a actuar impunemente em território português – disse à ANOP o vice-ministro angolano das Relações Exteriores, Venâncio de Moura

«Devo dizer ao povo português, nosso aliado histórico, e ao Governo português que o prosseguimento da impunidade, para não dizer cumplicidade de que beneficiam a UNITA e outros marginais angolanos forçará o povo e o Governo da Republica Popular de Angola a assumirem posiçoes firmes, que poderão ir, eventualmente, até ao congelamento das relaçoes entre os dois paises», afirmou Venâncio de Moura

As declarações de Venâncio de Moura, que chefia a delegação do MPLA – Partido do Trabalho ao Congresso da Internacional Socialista, foram proferidas em reacção à realização esta semana em Lisboa de uma conferência de Imprensa da delegação da UNITA em Portugal

«Angola está desapontada por Portugal continuar a permitir, sob pretextos legalistas, a movimentação livre de individuos que são justamente considerados bandidos pelo povo angolano, pelo MPLA – Partido do Trabalho e pelo Governo angolano», acrescentou.

«Que proveito espera tirar Portugal, que benefícios esperam obter os operadores económicos portugueses da teimosa manutenção da impunidade de que gozam os membros da UNITA em território português?», disse o dirigente angolano.

Venâncio de Moura perguntou ainda: «Portugal preferirá prejudicar a cooperação com os novos países afrcanos mantendo no seu território grupos hostis às autoridades legalmente constituidas nesses países?»

Depois de afirmar que os grupos que actuam contra o MPLA defendem apenas os seus próprios interesses, não têm qualquer implantação real em Angola», Venâncio de Moura acrescentou que «a UNITA, depois de ter estado a soldo do colonialismo português, encontra-se hoje ao serviço da Africa do Sul, cujo regime é condenado por toda a Africa»

O vice-ministro angolano das Relações Exteriores recordou que recentemente, em 3 de Abril, os chamados comandantes da FNLA, incluindo o seu chefe do estado-maior-general, Barreiro, se entregaram voluntariamente às autoridades angolanas, como outros fizeram anteriormente em resposta ao apelo, que se mantém feito em Cabinda pelo falecido presidente Agostinho Neto no sentido de que todos os angolanos participem na construção de Angola

«Desejamos e esperamos que outros transviados sigam o exemplo dos comandantes da FNLA e deixem Portugal e outros países, onde a coberto das liberdades democráticas, desenvolvem acções desestabilizadoras que visam prejudicar uma cooperação que é mutuamente vantajosa», concluiu Venâncio de Moura.

Soares desmente contactos

Mário Soares disse ontem à ANOP que são «inteiramente falsas» informações de que teria mantido contactos com a UNITA

O secretário-geral do Partido Socialista português respondia a afirmações feitas pelos representantes da UNITA em Portugal durante uma conferência de Imprensa realizada a semana passada em Lisboa

Mário Soares disse que nem nunca teve contactos com a UNITA, nem nunca disse que este grupo angolano tem o direito de actuar em Portugal

Golpe em "tubarões" da construção

Tribunal embarga obras que há muito ameaçavam moradores da Latino Coelho

O 9.º Juizo Cível do Tribunal Judicial de Lisboa embargou as obras que decorriam nos números 23 e 25 da Rua Latino Coelho, na zona do Saldanha, pondo em risco a segurança dos onze inquilinos do prédio n.º 21. «Chegou a pairar no nosso espírito a tragédia da Avenida das Forças Armadas» – afirmou esta manhã ao «DL» um dos inquilinos

Diligências junto da Câmara Municipal, a vários níveis, e do Laboratório Nacional de Engenharia Civil de Lisboa, cartas e telegramas de protesto (duas delas ao vereador do PS Eduardo Ferreira), pareciam não resultar. Mas eis que, dentro do que a própria Constituição consigna, os onze inquilinos recorrem à via judicial. Em boa hora o fizeram, contou-nos o coronel Ávila Melo, um dos moradores do n.º 21 da Latino Coelho

Foi em 21 de Março que os onze inquilinos tomaram essa decisão. No dia seguinte, a queixa deu entrada no Tribunal Judicial de Lisboa, sendo distribuído ao 9.º Juízo Cível. Já em 5 do mês em curso, um despacho daquele juízo embargava as obras a cargo de duas das maiores empresas portuguesas de construção civil: a «Edifer» e a «Teixeira Duarte»

Estão ainda por explicar as razões por que a CM não tomou qualquer decisão, apesar da Assembleia Municipal se ter pronunciado embargo das obras Curiosamente, o PS, que na reunião da AM apoiara a iniciativa da APU, já em reunião da Câmara optaria pela abstenção. O coronel Ávila Melo, que conhecera Eduardo Pereira há muitos anos, 'algures em Moçambique, ainda tentou junto deste para que as cúpulas municipais tomassem a decisão que se impunha. Tentativa infrutífera

Mas, na passada terça-feira, o 9.º Juízo Cível era categórico. E, ontem, completou a acção, enviando ao local funcionários judiciais que notificaram as duas empresas do embargo das obras. Disse-nos esta manhã o coronel Ávila Melo: «A união dos onze inquilinos fez a força. O tribunal atendeu os justos receios dos moradores Está afastado o espectro da tragédia da Av. das Forças Armadas e garantida a nossa segurança»

"Grupos europeus" reafirmam em Lisboa solidariedade com Timor-Leste

Ao intervir no encontro europeu de solidariedade com Timor-Leste que decorreu este fim-de-semana em Lisboa, o responsável pelas Relações Exteriores da Fretilin, Mari Alkatiri, defendeu a participação daquela frente em qualquer solução relativa ao caso de Timor-Leste

Alkatiri preconizou ainda a retirada total das forças indonésias estacionadas na antiga colónia portuguesa da Oceania.

O encontro europeu de solidariedade com Timor-Leste considerou que a Fretilin deve ser parte de quaisquer conversações sobre o futuro do território

O encontro, que reuniu cerca de 40 representantes de diversos grupos europeus de apoio a Timor-Leste, concluiu que se a Indonésia aceita agora conferenciar com Portugal é porque existe ainda uma forte resistência naquela antiga colónia, mais de sete anos passados sobre a sus invasão pelas tropas de Jacarta

O encontro considerou que o Estado português não se pode deixar adormecer pela declaração indonésia de predisposição para conversações, pois a mesma pode ter em vista travar quaisquer iniciativas internacionais de Portugal que visem reunir apoios para a autodeterminação de Timor-Leste.

A reunião, no seu relatório final, sublinhou a importância que entidades cristãs, designadamente a Igreja Católica, têm e poderão vir a ter cada vez mais no apoio ao povo de Timor-Leste, designadamente no aspecto humanitário

Deviso à acção das Forças Armadas indonésias e à fome que tem havido em determinadas regiões de Timor-Leste, nos últimos sete anos e meio já morreram mais de 200 000 habitantes do território, cerca de um terço da sua populaçao total – foi recordado pelos parcipantes no encontro de Lisboa

Encontro internacional

As comissões de apoio a Timor-Leste existentes em diversos paises, designadamente Portugal, Espanha, França Grã-Bretanha, Holanda e Austrália, vão ter um encontro internacional – numa capital europeia – em 7 de Dezembro de 1983 oitavo aniversario da invasão da antiga colónia portuguesa da Oceania por forças militares da Indonésia

Nessa data, a considerar Dia Mundial de Solidariedade com Timor-Leste, segundo o relatório final do encontro deste fim-de-semna, haverá também um «concerto por Timor-Leste», com artistas de diversos paises

O crime fácil

Continuação da pág 1

terrorismo internacional. E não se esqueçam os crimes que, com sinal político contrário, têm sido cometidos — desde a bomba que eliminou o padre Max à rajada que prostrou Ferreira Torres — e sobre os quais pesa o silêncio.

– Não se entendam estas palavras amargas como uma contribuição para o assassínio de Issam Sartaui vir a ser utilizado como pretexto para o reforço dos aparelhos policiais ou para a criação de novos instrumentos policiais repressivos. Os meios de segurança de que dispomos, se tivessem sido mobilizados, eram suficientes. Verificou-se uma irresponsável subestimação da importância política da reunião da Internacional Socialista e da importância pessoal de muitos congressistas e observadores convidados. As autoridades responsáveis pela segurança não estiveram à altura da missão que lhes cabia. O crime, efectuado facilmente no nosso território, enluta e envergonha Portugal.

Vilmente apagada a sua voz de patriota, a mensagem do representante do povo da Palestina martirizada chegou aos congressistas lida por Bernt Carlsson, secretário-geral da Internacional Socialista. O assassino varou a tiro o corpo de Issam Sartaui, mas não calou a sua voz.

Um companheiro árabe, o libanês Wallid Jumblat, expressou, com emoção e indignado, o voto de que tenha sido Yssam Sartawi a última vítima do terrorismo. Piedoso voto, a que responde negativamente a declaração de Yehuda Ben Meir, ministro adjunto dos Negócios Estrangeiros, do Governo do Estado de Israel. Para o homem político israelita a morte de Issam Sartaui: «Não pode deixar de confortar os que pensam que não é possível qualquer contacto com uma organização terrorista.»

E a voz do ódio. Depois da invasao, das destruições, dos massacres no Líbano, há quem se sinta «confortado» com os tiros disparados pelo assassino de Issam Sartaui. Há quem fale, no exercício de funções públicas, a linguagem do ódio, do terror e da morte. Na universal manifestação de dor e de repulsa, há que registar, com profunda tristeza, esta nota discordante. Este insulto aos sentimentos humanos.

E haverá, também, que registar, ao lamentarmos a morte de Issam Sartaui, quanto nos desgosta que Portugal — esta terra aberta e hospitaleira — seja um terreno fácil para o crime. DL

Diário de Lisboa

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA SEGUNDA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 1983

Um francês director de museu em Nova Iorque

O director do célebre Metropolitan Museum de Nova Iorque é um francês: Philippe de Montebello, descendente directo do marechal Lannes.

SE ressuscitasse de entre os mortos cento e setenta e quatro anos depois do rude combate de Essling, onde tombou com as duas pernas esfaceladas pelos canhões austríacos, o heróico marechal Lannes, duque de Montebello, conhecido pelo «Roland do exército» devido à sua bravura infatigável, ficaria provavelmente espantado ao saber que um dos seus descendentes em linha directa ocupa em Nova Iorque o prestigioso cargo de director do Metropolitan Museum

Quando mil tesouros se consumiram em fumo pérante o antepassado a cavalo, o seu descendente vela sobre três milhões de obras de arte repartidas em dezanove departamentos, alguns desses tesouros com três mil anos, e que escaparam por milagre a muitos saques e bombardamentos modernos. Por que misteriosos percursos acabaram as preciosidades de Arcole ou de Austerlitz por ir parar a essa sala confortável, estudiosa, do Metropolitan, cheia de «fauteuils» e canapés do século XVIII, e onde chegam os ruídos da Quinta Avenida?

Olhos, cabelos e fato escuros, silhueta desportiva, palavra certa, um humor atencioso sob a concentração do rosto, Philippe de Montebello, de quarenta e seis anos, instalado à sua secretária estilo Boule responde a esta pergunta muito pessoal com as boas maneiras de um cavalheiro liberal e moderno.

— Nasci em França e vivi lá até terminar o liceu, no início dos anos 50. Nessa altura os meus pais vieram passar algum tempo aos Estados Unidos. Acompanhei-os sem que tencionasse instalar-me aqui. Mas foi aqui que continuei os meus estudos. Inscrevi-me na Harvard. Como me senti bem no país, aqui continuo. A América é um dos raros lugares do mundo onde o impossível pode sempre acontecer. Um francês dirige aqui uma das mais prestigiosas instituições artísticas nacionais sem surpreender nem escandalizar ninguém.

— Não se sente melancólico quando compra, para o seu país de adopção, rico de inesgotáveis dólares, raridades que outra distribuição da fortuna destinava, há cinquenta anos, ao lugar onde nasceram?

— A lei da oferta e da procura não se aplica à caça aos tesouros como a quaisquer outras transações. Um adereço egípcio de ouro, um mármore romano, circulam segundo movimentos estranhos aos do comércio. Em Paris, por exemplo, a família Rothschild possuia dois Rembrandt. Para vender o primeiro em Nova Iorque sem oposição do fisco francês, ofereceu o segundo ao Louvre

— Mas isso é um caso isolado!

— Sim e não. Alguns países europeus já sabem muito bem bloquear na fronteira os ojectos que não querem que saiam do país. Contra as suas legislações são impotentes todos os dólares do mundo. Os grandes museus, do Louvre ao British Museum dispõem em comparação connosco de uma vantagem absoluta no seu próprio terreno. No mercado das peças raras, a Europa ainda é uma das mais ricas reservas do mundo. Mas os costumes e as leis mudaram. Já não vivemos na época em que businessmen esclarecidos voltavam de Viena ou de Londres com tapeçarias medievais na bagagem.

— Mas embora a Europa saiba proteger melhor o seu património, a América tem sobre ela uma vantagem absoluta no Terceiro Mundo. Ora as obras-primas não faltam, da Índia à Africa. Isto para não falar do próximo ou do Extremo Oriente.

— Claro que sim. Mas, ao contrário do que as ideias feitas fazem pensar, os nossos recursos nem sempre têm possibilidades para tanto. Em 1972-1973, o Japão e a Alemanha dispunham de um yen e de um marco fortes contra um dólar fraco. Nas vendas de arte venciam-nos. Embora isso possa causar espanto, há anos em que os fundos de compra do Metropolitan não lhe permitem mais do que comprar um quadro medíocre de Monet...

— Em suma, vivem à beira da ruína, e muito perigosamente!

— Não é bem isso. O mundo americano caracteriza-se pela sua maleabilidade, a sua aptidão a adaptar-se às situações complexas ou inesperadas. Aqui como noutros países o Estado interessa-se pelo enriquecimento das colecções nacionais. Mas em vez de intervir directamente, ele actua através do sector privado. 90% das nossas aquisições provêm de dávidas pessoais. O poder público reconhece a sua importância através de apreciáveis diminuições dos impostos. Alguns homens de negócios ou os seus herdeiros encarregam-se de verdadeiras expedições de busca.

Quando sair do meu escritório vá visitar a exposição de arte africana e da Nova-Guiné. Poderá verificar que ela reúne objectos excepcionais descobertos por Michael C. Rochefeller durante viagens que fez à sua custa. Claro que este mecenato particular não existe em França. Mas, em comensação. o Louvre dispõe de financiamentos públicos superiores àquilo que se julga, e o Meropolitan recursos privados inferiores ao que se imagina. Os franceses não chegam às grandes vendas de mãos a abanar e dão resposta a grandes lanços.

Sem querer entrar no angelismo, direi que há entre nós mais emulação do que concorrência. Ambos estamos conscientes de fazer, ao serviço de países diferentes, um trabalho comum para a defesa e a salvaguarda do património artístico de toda a espécie humana

Nesse caso, tanto melhor para todos! Mas então a que milagre se deve a impressão que temos nas suas salas de um acumular de maravilhas, que só aqui existe? Em comparação com este museu, o Louvre parece sempre cheio e empoeirado, e, no Ermitage, em Leninegrado as telas dir-se-iam dispostas a contraluz. O dólar não conta na verdade nada neste sucesso?

— É certo que consagramos uma parte muito importante dos nossos créditos à apresentação. Este cuidado que temos agrada aos doadores, que ficam sempre ligados sentimentalmente às peças de que se separam. Sentem-se felizes ao verificar que elas são objecto de atenções especiais, e isso encoraja-os a oferecer outras. Mas, sobretudo, utilizamos sem constrangimento o espaço de uma arquitectura concebida desde a origem para acolher um museu, o que não é o caso do Louvre nem do Ermitage.

Tanto em Paris como em Leninegrado os conservadores têm que instalar as suas aquisições em palácios históricos cujos interiores têm que ser respeitados. Não podem construir novas salas para melhorar perspectivas. Isto na América é inimaginável. Não me atrevo a dizer que no seu lugar faríamos melhor.

O olhar do homem sobre si próprio

— Apresentaria mais dificilmente o não apresentável? Quero dizer, essas pinturas, essas esculturas modernas herméticas, tão horríveis que se desprende delas um sentimento de mistificação e às vezes de mal-estar.

— Eis um assunto difícil? Muitas pessoas fazem a mesma pergunta. Mas em surdina. Dentro de cinquenta anos ela estalará necessariamente, a não ser que a espécie humana deixe de compreender ou de reproduzir a beleza. Há uma arte contemporânea autêntica. Mas os criadores procuram mais a técnica e menos a emoção. Eles concebem as suas obras de modo a elas agirem na retina, provocarem a crítica. Destinam-se mais aos museus do que aos coleccionadores e separam-se assim dos seus antepassados. Ao mesmo tempo, o êxito das salas de arte moderna prova que há entre o público um verdadeiro interesse por elas. No entanto, as pessoas não vão lá descobrir novas belezas. Talvez pretendam muito simplesmente olhar o mundo moderno.

— Terminado o seu dia, que emoções sente ao atravessar as grandes galerias silenciosas, cruzando-se com os deuses, os heróis, os santos, os sonhos de quinze ouvinte civilizações confiados por algum tempo à sua guarda?

— Todas as maravilhas juntas nesta casa não se olham como a objectos vulgares. Ou então, é melhor escolher outra profissão.

Finalmente, as minhas relações pessoais ou as dos meus colaboradores com as estátuas, os quadros, os móveis raros, elaboram-se e definem-se através do olhar do público sobre as obras que se pretende apresentar-lhe. Essa osmose exclui em todo o caso que um depositário de tesouros sinta sobre eles um direito mesmo vago de propriedade.

Para mais, vivemos na era dos museus. Até ao século XVIII a própria instituição não existia praticamente. Colecções particulares acolhiam as obras de arte, e objectos hoje considerados como curiosos, serviam ordinariamente para uso. Desde a Revolução torna-se mais apurado o oléhar do homem no que diz respeito a si próprio e ao que cria. Somos antes os servidores dessa nova maneira de olhar, intensa e singular.

— Esta mudança de mentalidade está a chegar ao Terceiro Mundo. Ele também considera as suas civilizações com outros olhos e reclama o regresso das máscaras e das estátuas levadas pelos conquistadores durante o período colonial. Algumas dessas peças figuram precisamente nas suas colecções. Com o tempo, a evolução dos gostos, da curiosidade, não farão com que se oponha a certos Estados de onde as suas riquezas provêm?

Continua na pág 8

Gilbert Comte

Estórias de Portugal

O Benfica foi a Roma e viu o Papa. Abelaira foi ao Porto e viu Pedroto. É o místico no futebol e a mística do futebol?

Poderá um Papa transformar-se em papão e um papão em Papa? O futebol tem razões que a razão desconhece. Por exemplo: ninguém entende que, tendo jogado nas Antas com dez Chalanas a defesa-esquerdo, o Benfica não tenha sido papado pela direita... É certo que a guarda-redes tinham um Bento, pelo Papa, no Vaticano; e enquanto uns vão ao Papa outros vão ao bruxo... Mas está, ainda, por provar que este Papa abençoe a esquerda, mesmo à defesa, em detrimento da direita, mesmo ao ataque. E não compete ao estoriador, na sua restrita missão, de ver como foi para contar como é, extrapolar a tarefa e mergulhar em análises profundas de abundantes citações, que explicam tudo porque nada significam. Ele vê, verifica, revê, regista e por aí se fica; só não bem fica porque é do Belenenses coisa que tem acontecido a muito boa gente. Mas o futebol é entre nós, cada vez mais, uma referência social, um campo inesgotável de aprendizagem, um acto cívico da maior relevância, uma componente cultural indissociável do progresso do País. Daí a atenção, daí o cuidado, daí o relevo dado a tudo o que tratado ao chuto vai sendo, entre nós

Os cronistas do último Porto-Benfica referiram entusiasmados o facto estórico: Alves, num gesto de notabilíssima grandeza, exemplo a fixar pelas vindouras gerações, ofereceu, no final do terrível embate, a camisola suada ao general das hostes adversárias: José Maria Pedroto. Só quem não acompanha estas coisas não se apercebeu da grandiloquência do gesto, da transcendência do acto, da exemplaridade do signo.

Contada e cantada, exaltada, louvada a espontânea atitude do «luvas-pretas», logo ela foi exigida como norma a seguir, referência de comportamento indispensável nas relações de todos os que habitam a Graça, circulam nos elevadores da Glória, brincam nos jardins das Estrelas. E porque o futebol é escola, é exemplo, é cultura, logo aos nossos principais políticos foi transmitido pelos seus Estados-Maiores: «— É necessário repetir, publicamente, o alvo gesto do Alves!»

Foi, assim, conscientes não só de que teriam de dizer ao princípio, o mesmo de sempre, mas actuando de modo diferente, no final, que os quatro chefes, dos quatro principais partidos, se apresentaram, na passada semana, aos senhores telespectadores, a convite de Margarida Marante. O que foi visto foi visto. Custa a entender, no entanto, que ninguém tenha feito referência ao que se passou a seguir a Margarida ter dado por encerrado o debate, essa cena comovente de exaltação desportiva, menos exaltada mas nem por isso menos comovedora.

Talvez por em todo o debate ter jogado à defesa da esquerda, como toda a equipa do Benfica, segundo Pedroto, Álvaro Cunhal deu o mote e, além do mote, deu a camisa a Mário Soares. Surpreendido (não porque não esperasse o gesto do secretário-geral do PCP de quem, segundo ele, tudo se pode esperar) Mário Soares decidiu dar uma gravata a Mota Pinto que no momento não teve «firmeza» para recusar. Mas se Coimbra é uma lição os coimbrões não gostam de receber lições de ninguém... Vai daí o professor, pimba!... não se sentindo à vontade para oferecer a camisa, que lhe ficaria a fazer falta para puxar pelos punhos (Mota Pinto é, como toda a gente sabe, o único político que não fala pelos cotovelos, fala pelos punhos) olha para o lado, vê o sorrisinho irónico do Chico «Espectro» e, não é de modas: oferece a Francisco Lucas Pires, defensor dos direitos dos «casacas», o casaco!

Mas, justiça lhe seja feita, Lucas Pires não é homem que se fique à primeira e, além do mais, se Mota Pinto jogou basquete, ele até jogou futebol pelo que está muito mais apto a entender as subtilezas do jogo... Foi pois com a elegância dum princípe da Renascença que jogasse a «trinco» que o ministro da Cultura recebe o casaco e retribui com um colete que quase sufocou o ilustre professor. A partir daí os actos, os gestos, os signos dignificantes, exemplares, lindos de serem vistos multiplicaram-se. Dum lado para o outro começaram a trocar-se camisas, camisolas, casacos, calças, «ti-shirts», peúgas, cintos, gravatas, lenços... Apenas duas coisas não foram oferecidas no final da tão desportiva disputa: os sapatos, porque nenhum quis ficar descalço; e as cuecas por uma questão de decoro. Só assim se explica o comentário de um transeunte que percorria a Alameda das Linhas de Torres no preciso momento em que eles abandonavam os estúdios da RTP:

«— O debate foi o fim do mundo em cuecas!

Francisco Nicholson

S. R.

MUNICÍPIO DE SETÚBAL

CÂMARA MUNICIPAL

Assembleia Municipal

EDITAL

A Assembleia Municipal de Setúbal, em Sessão Extraordinária realizada no dia 25/3/83, deliberou instituir o Conselho Municipal para o ano de 1983, com a composição abaixo

1 Representante da Junta Autónoma do Porto de Setúbal A)
1 Representante da Rodoviária Nacional A)
1 Representante da Misericórdia de Setúbal A)
1 Representante da Companhia de Sapadores Bombeiros A)
1 Representante dos Bombeiros Voluntários A)
1 Representante da Associação de Reformados A)
1 Representante da Comissão Concelhia de Saúde A)
1 Representante do INATEL A)
1 Representante da SALPA A)
1 Representante da Liga dos Pequenos Proprietários Pescadores de Setubal A)
1 Representante do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul A)
1 Representante do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul A)
1 Representante do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e Oficios Correlativos do Distrito de Setúbal A)
1 Representante dos Trabalhadores do Município A)
1 Representante dos Trabalhadores dos Serviços Municipalizados A)
1 Representante do Movimento Ecologista Setúbal Verde A)
1 Representante do Vitória Futebol Clube A)
1 Representante da Associação de Comerciantes A)
2 Representantes da Associação de Inquilinos A)
1 Representante da Associação de Proprietários A)
1 Representante da Associação de Industriais B)
2 Representantes das Cooperativas de Habitação B)
1 Representante das Cooperativas de Produção B)
1 Representante das Cooperativas Agrícolas B)
1 Representante das Cooperativas de Consumo B)
1 Representante dos Conselhos de Gerência do Sector Empresarial do Estado B)
1 Representante dos Transportadores Privados (Táxis e Transportes Publicos) B)
1 Representante das Associações de Deficientes, B)
1 Representante das Associações de Estudantes B)
1 Representante das Associações de Moradores B)
1 Representante das Comissões de Moradores B)
1 Representante das Colectividades Recreativas e Desportivas B)
1 Representante das Associações Culturais B)
1 Representante dos Professores (Ensino Secundário) B)
1 Representante dos Professores (Ensino Básico) B)
1 Representante dos Sindicatos de Serviços B)
1 Representante das Comissões de Trabalhadores do Sector Empresarial do Estado B)
1 Representante das Comissões de Trabalhadores do Sector Privado B)

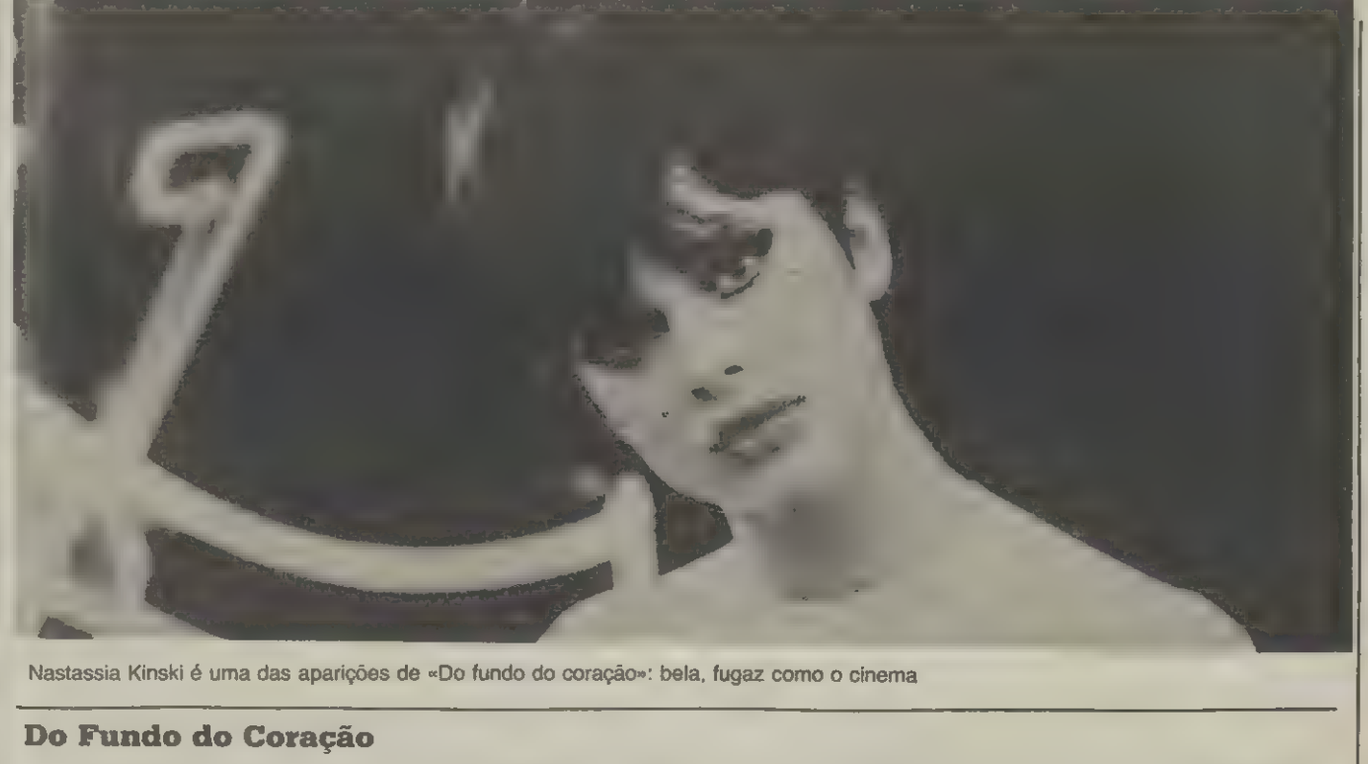
A) Os organismos assinalados pela alínea A) deverão indicar os seus representantes, até ao próximo dia 26 de Abril, em comunicação enviada ao Presidente da Assembleia Municipal, nos termos do art.º 69 º da Lei 79/77, de 25 de Outubro

B) Todos os organismos assinalados pela alínea B) estão convocados para comparecer às reuniões a realizar segundo o calendário abaixo, no Edificio da Câmara Municipal de Setúbal, a fim de elegerem entre si os respectivos representantes.

ORGANIZAÇÕES ECONOMICAS	
— Cooperativas de Produção	Dia 13/4, Horas 22,00
— Associações de Industriais	Dia 16/4, Horas 10,00
— Conselhos de Gerência do Sector Empresarial do Estado	Dia 16/4, Horas 11,00
— Cooperativas de Habitação	Dia 16/4, Horas 11,30
— Transportadores Privados (Táxis e Transportes Públicos)	Dia 16/4, Horas 12,00
— Cooperativas de Consumo	Dia 16/4, Horas 12,30
— Cooperativas Agrícolas	Dia 16/4, Horas 16,00
ORGANIZAÇÕES SOCIAIS	
— Associações de Moradores	Dia 15/4, Horas 21,00
— Comissões de Moradores	Dia 15/4, Horas 21,00
— Associações de Deficientes	Dia 16/4, Horas, 17,30
— Associações de Estudantes	Dia 16/4, Horas 18,30
ORGANIZAÇÕES CULTURAIS	
— Associações Culturais	Dia 16/4, Horas 10,30
— Professores (Ensino Secundário)	Dia 16/4, Horas 14,30
— Colectividades Recreativas e Desportivas	Dia 16/4, Horas 15,00
— Professores (Ensino Básico)	Dia 16/4, Horas 15,30
ORGANIZAÇÕES PROFISSIONAIS	
— Sindicatos de Serviços	Dia 13/4, Horas 21,00
— Comissões de Trabalhadores do Sector Empresarial do Estado	Dia 13/4, Horas 21,00
— Comissões de Trabalhadores do Sector Privado	Dia 13/4, Horas 22,00

A falta de indicação dos representantes até ao próximo dia 26 de Abril interpreta-se, para todos os efeitos, como renúncia à participação no Conselho Municipal, nos termos do n.º 7 do art º 69.º da Lei 79/77.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL,
Marino Vicente



Nastassia Kinski é uma das aparições de «Do fundo do coração»: bela, fugaz como o cinema

Do Fundo do Coração

Há filmes que, pela sua ousadia, pela sua insistência em desafiar as leis da narrativa, pela sua capacidade de transfiguração e maravilhamento, se colocam na incómoda posição de objectos singulares.

Do Fundo do Coração é um desses filmes. Um dos que exigem mais que o mais ou menos e nos obrigam ao sim ou ao não. Ou se amará, perdidamente, ou se rejeitará, cerce.

Por mim penso que raramente tive uma experiência de espectador tão apaixonante como ao ver a mais recente obra de Francis Ford Coppola. Mais do que uma história de amor na indiferença de neon de uma grande cidade da noite americana, é ao génesis e ao apocalipse do cinema que assistimos. Se, no princípio, era a luz e o estúdio, nunca esses dois artefactos da fábrica de sonhos foram usados com tão extremos resultados: fascinação e sufocamento.

Enorme pirâmide da sucata do cinema **Do Fundo do Coração** é a expressão maior do que faz desse cinema a maior das artes, a única que nos leva à caverna primitiva onde, um dia, os homens viram bailar as sombras da fogueira. E sentiram espanto, talvez medo.

Cinemas **Apolo 70** (14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h) e **Satélite** (14, 16.30, 19 e 21,30 h). (não acons. a men. 13 anos).

Cinema

● Uma comédia sexual numa noite de Verão

Woody Allen é a subtil aproximaçao das coisas essenciais: o amor, o desejo, a morte, o sonho. Ele fez filmes mais admiraveis que este mas não outro que se lhe assemelhe em sinceridade.

Cinema ABCine — sala A (14.30, 16.30, 18.30, 21 e 23h) (não acons. men. 13 anos)

● E.T. — O extraterrestre

A via de Spielberg para o êxito é de saber construir ficções onde a eficácia é a palavra de ordem. Ele manipula o espectador com a certeza de que este gosta de o ser. E.T. é mais que um melodrama fantástico: é a satisfação da carência universal de amizade e fantasia.

Cinemaş ALFA 1
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24h)

BERNA e MUNDIAL
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(para todos)

● Sem sombra de pecado

José Fonseca e Costa, depois do **Kilas...**, teima em fazer sucessos. E teima em refinar processos, em tornar o riso menos óbvio, em, aceradamente, ir falando de nós. Daí que esta comédia buñueliana seja menos para rir que o **Kilas...** e mais para sorrir e para amargar.

Com Mário Viegas no topo do cartaz.

Cinema CINEBLOCO
(14.30, 16.45, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● Tootsie

Pollack num registo que nele não é habitual: a comédia. A história de um actor desempregado que finge ser uma mulher e consegue emprego e sucesso como actriz. Dustin Hoffman numa criação memorável. E a lindíssima Jessica Lange numa não óbvia magistral interpretaçao.

Cinemas CASTIL
(15.30, 18.30, 21.30h; sábados e domingos: 14.30, 16.45, 19 e 21.30h),
7.ª ARTE
(14.30, 17, 19.10 21.30 e 23.45h)
e TERMINAL
(11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● Victor/Victória

Blake Edwards, liberto das «panteras», firma-se como cineasta de um humor inteligente. Esta história de uma mulher que finge que é um homem que finge que é uma mulher é uma excelente abordagem da sexualidade das aparências. Por isso Lesley Ann Warren é a sua expressão maior: quem pode desejar aquela mulher tão obviamente mulher?

Cinemas ABCine — sala A
(14.45, 17, 19, 21.15 e 23.15h)
e S. Jorge 2
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(interdito a men. 13 anos)

● Os salteadores da arca perdida

Numa carreira onde os meses de cartaz já ultrapassaram largamente a dúzia, **Os salteadores da arca perdida** é um caso singular de sintonia entre o cinema e um imaginário urbano ocidental. O sucesso é daí consequência.

Cinema ALFA 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.345h)
(não acons. men. 13 anos)

● Blade runner

Ridley Scott é, com Coppola, dos poucos cineastas americanos a quem se podem chamar visionários. Do ponto de vista de criação visual **Blade runner** é um acontecimento. Infelizmente, quanto ao argumento, o filme é inseguro. Um filme apaixonante, falhado é preferível às medianias? É.

Cinema Quarteto — sala 2
(14.30, 16.45, 19 e 21.15h)
(interdito a men. 13 anos)

● O veredicto

Sidney Lumet é um realizador sólido e a solidez é a melhor característica de **O veredicto.** Para isso lá está um argumento sagaz, previsível quanto baste e com a dose de surpresa necessária a que nem tudo se saiba à partida. E lá está Paul Newman, sério candidato ao Óscar deste ano.

Cinema Londres
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● Na calada da noite

Robert Benton, depois do sucesso de **Kramer contra Kramer,** faz um policial caro e contido, a jogar pelo seguro. O resultado é um pouco frio mas lá está Meryl Streep a introduzir instantes de fulgor e a justificar amplamente a visão do filme.

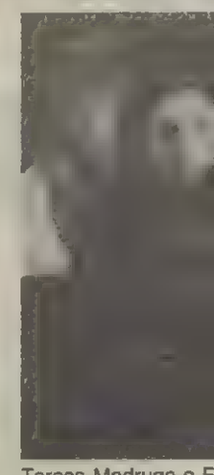
Cinema S. Jorge 3
(14.15, 16.15, 18.30 e 21.45h)
(interdito a men. 13 anos)

● Contos da loucura normal

Ferreri patina num universo regressivo onde não encontra rumo. O melhor de **Contos da loucura normal** já tínhamos visto em outros filmes seus. O pior é já uma degradação de pacotilha, um tique, uma imagem de marca.

Cinema Quarteto — sala 3
(14, 16, 18, 20 e 22h)
(interdito a men. 18 anos)

DIC

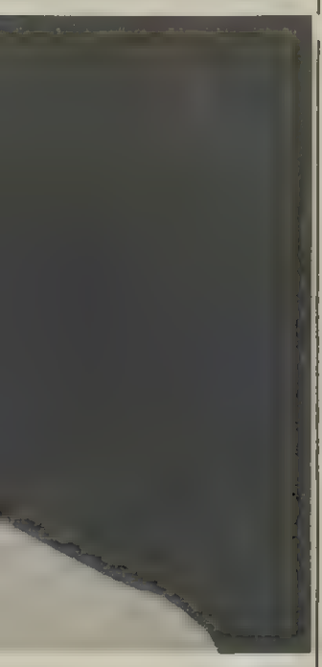


Teresa Madruga e F

GUERRA — long — 35 Real Silva. Matos Silva, João Ma veia Fernandes, Héld nho. **Fotografia:** Jos rios: Moniz Pereira, **Montagem:** F. Matos gues, Maria José Pin José Pedro Silva. **Int** Maria do Céu Guer nando Filipe, Laurin Manuel Cavaco, An nuel, Lídia de Sousa, **dução:** Cinequipa. **P** Matos Silva. **Duraç gem:** 1977/80. Não **Localização de cópi** Cinema.

DIFTER — cur — 35 **R** Argun xeira. **Câmara:** Arm tia: Paulo Gardete. V boração: Maria Carm Matos, Maria João Graça Pisco, Artur Carlos. Fernando C filme, para a Direcçã ção: 8 minutos. **Rod calização de cópias:** cação de Adultos/D A utilização d

As Flo
Colab
defes



e cidade da noite
sis e ao apocalipse
mos. Se, no princí-
údio, nunca esses
rica de sonhos fo-
extremos resulta-
camento.
a sucata do cinema
ão é a expressão
se cinema a maior
nos leva à caverna
, os homens viram
fogueira. E senti-
edo.
) (14, 16.30, 19,
te (14, 16.30, 19 e
a men. 13 anos).

● O veredicto

Sidney Lumet é um realizador sólido e a solidez é a melhor característica de **O veredicto.** Para isso lá está um argumento sagaz, previsível quanto baste e com a dose de surpresa necessária a que nem tudo se saiba à partida. E lá está Paul Newman, sério candidato ao **Óscar** deste ano.

Cinema Londres
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● Na calada da noite

Robert Benton, depois do sucesso de **Kramer contra Kramer,** faz um policial caro e contido, a jogar pelo seguro. O resultado é um pouco frio mas lá está Meryl Streep a introduzir instantes de fulgor e a justificar amplamente a visão do filme.

Cinema S. Jorge 3
(14.15, 16.15, 18.30 e 21.45h)
(interdito a men. 13 anos)

● Contos da loucura normal

Ferreri patina num universo regressivo onde não encontra rumo. O melhor de **Contos da loucura normal** já tínhamos visto em outros filmes seus. O pior é já uma degradação de pacotilha, um tique, uma imagem de marca.

Cinema Quarteto — sala 3
(14, 16, 18, 20 e 22h)
(interdito a men. 18 anos)

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

Teresa Madruga e Fernando Filipe em «Guerra do Mirandum»

GUERRA DO MIRANDUM
— longa-metragem
— 35 mm/cor

Realização: Fernando Matos Silva. **Argumento:** Fernando Matos Silva, João Matos Silva, Margarida Gouveia Fernandes, Hélder Costa, António Mourinho. **Fotografia:** José Luís Carvalhosa. **Cenários:** Moniz Pereira, Maria. **Música:** Fausto. **Montagem:** F. Matos Silva, Maria João Rodrigues, Maria José Pinto. **Som:** António Bento, José Pedro Silva. **Interpretação:** José Gomes, Maria do Céu Guerra, Teresa Madruga, Fernando Filipe, Laurinda Ferreira, Rui Furtado, Manuel Cavaco, Amilcar Botica, Santos Manuel, Lídia de Sousa, Vicente Galfo, etc. **Produção:** Cinequipa. **Produção executiva:** João Matos Silva. **Duração:** 134 minutos. **Rodagem:** 1977/80. Não estreado comercialmente. **Localização de cópias:** Instituto Português de Cinema.

A reconstituição de época é um risco normalmente não corrido pelo cinema português. Os meios que exige estão fora do que, em regra, se dispõe.

Curiosamente não é de falta de meios que **Guerra do Mirandum** se ressente. Este filme sobre a breve invasão de Trás-os-Montes (ocorrida em 1762) no decurso da chamada «Guerra Fantástica», focando a resistência camponesa que aí se opôs ao exército de Carlos III de Espanha, ressente-se de um argumento pouco sólido. Daí nasce (embora não necessariamente) um trabalho de actores assaz sofrível (basta dizer que só Maria do Céu Guerra é redimível por inteiro).

O filme dura um pouco à mercê de cenas que precariamente se articulam, sem uma linha forte nem um ritmo seguro.

A ressalvar: as canções de Fausto, a fotografia de José Luis Carvalhosa (apesar de falhas avulsas).

GRÃO DE MILHO (O)
— curta-metragem
— 35 mm/cor

Realização: Ricardo Neto e Artur Correia. **Argumento e diálogos:** Ricardo Neto, Artur Correia, em adaptação de um conto tradicional português. **Câmara:** Armando Ferreira. **Arranjo musical:** Shegundo Galarza. **Animação:** Ricardo Neto, Artur Correia. **Intervalista:** Laura Matos. **Decalque e pintura:** Graça Pisco, Cristina Leandro, Artur José, Daniel Gonçalves. **Cenários:** Zé Paulo. **Sonoplastia:** Paulo Correia. **Vozes:** Paulo Correia, António Vitório, Maria Regina, Celeste Fernandes, Augusto Brito. **Produção:** Topefilme. **Duração:** 7 minutos. **Rodagem:** 1977 **Estreia:** ? **Localização de cópias:** Direcção-Geral de Educação de Adultos/Instituto Português de Cinema.

Quarto (e último) filme de animação da série de contos tradicionais portugueses adaptados pela Topefilme, **O grão de milho** é também o mais fraco de todos. Os limites técnicos da série permanecem aqui, mas a vivacidade do discurso e a atenção etnográfica parecem esmorecidas. Como se o cansaço ou algum «deixa andar» se tivessem infiltrado na produção de **O grão de milho.** E é pena. Esta breve série de filmes constitui uma das mais curiosas realizações do cinema de animação em Portugal.

DIFTERIA (A)
— curta-metragem
— 35 mm/cor

Realização: Artur Correia. **Argumento:** Tereza Telleria Teixeira. **Câmara:** Armando Ferreira. **Sonoplastia:** Paulo Gardete. **Voz:** Fernando Cruz. **Colaboração:** Maria Carmen, Paulo Gardete, Laura Matos, Maria João Lopes, Cristina Leandro, Graça Pisco, Artur José, Carlos Real, Glória Carlos, Fernando Correia. **Produção:** Topefilme, para a Direcção-Geral de Saúde. **Duração:** 8 minutos. **Rodagem** 1976. **Estreia:? Localização de cópias: Direcção-Geral de Educação de Adultos/Direcção-Geral de Saúde.**

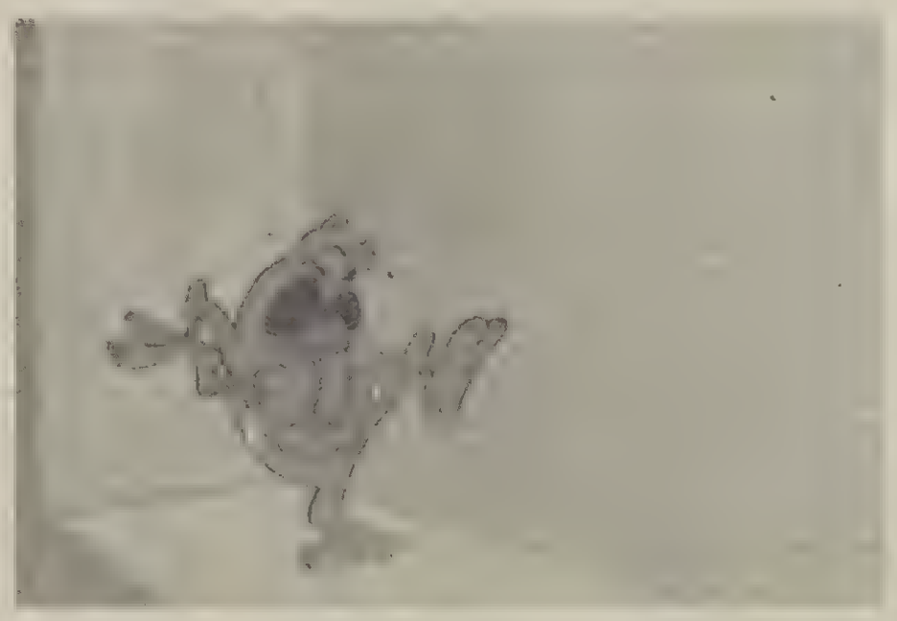
A utilização dos meios motivantes do cinema de animação para actividades de educação não tem, em Portugal, o devido incremento.

A difteria é, assim, um bom exemplo.

Com a finalidade de alertar a população para a necessidade de vacinação de crianças contra a difteria, este desenho animado (que também utiliza personagens vivos) cumpre excelentemente o seu objectivo.

O monstruoso bacilo da difteria que, em estilo vampiresco, ataca as crianças, a produção da vacina e o combate entre o bacilo e os anticorpos são momentos de um bom humor que, porque se não esquece, veicula a mensagem com perfeita eficácia.

Um trabalho a merecer aplauso.



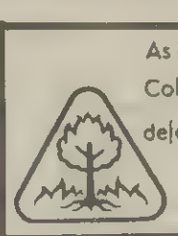
GIGANTE DO LAGO (O)
— curta-metragem
— 35 mm/cor

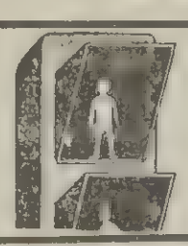
Realização: Fernando S. Correia. **História original:** Maria Tomásia. **Narração:** Gina Esteves. **Música:** Shegundo Galarza. **Cenários e animação:** Fernando Correia. **Animador intervalista:** Alfreda Sales. **Decalque:** Paula Correia, Fernando Correia. **Pintura:** Paula Correia, Maria Tomásia, Mário Correia. **Câmara:** Moedas Miguel. **Montagem:** Emília de Oliveira. **Sonoplastia:** Raul Ferrão. **Duração:** 10 minutos. **Rodagem:** 1976. **Estreia:** ? **Localização de cópias:** Instituto Português de Cinema.

Segundo filme de animação com o personagem Pit, o coelhinho verde, **O gigante do lago** tenta ir, tecnicamente mais longe que o primeiro filme da série, nomeadamente criando vozes e inventando já um fio de argumento.

Esse trabalho, porém, não resulta. As vozes são trabalhadas de uma forma simplista (acelarações...) e o argumento é débil e, de novo, moralista.

É um pouco estranho que o filme condene abertamente o coelhinho que foge de casa e ache normal que a mãe o tenha deixado sozinho e trancado. Uma coisa pequena mas que, num cinema para crianças, não deixa de inquietar. Ficam os desenhos patuscos e pouco mais.


As Florestas são uma riqueza nacional.
Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.
NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS


NAS PASSADEIRAS
Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

Parísos Sete Ponto Sete

Sete Ponto Sete *Infernos*

D. Sebastião King Size

Enquanto os portugueses lamentam a perda das suas possessões. D. Sebastião não chora... Tira-se dantre as mulheres. Veste à Portuguesa, come à Portuguesa, afronta tempestades à Portuguesa... faz tudo à Portuguesa. Não tem pai, não tem mãe, mas tem um reino. O reino não tem dinheiro, não tem governo, mas tem D. Sebastião. E D. Sebastião quer lutar, quer conquistar. Nele está o desejo e África é o seu objecto. Temerariamenteo, parte à procura.

Em Alcácer-Quibir, a 4 de Agosto de 1578, sem a espada de Afonso Henriques que consigo transportara mas da qual se esquecera no barco, e sem a coroa de ouro, despido de sedas e pratas, aos 24 anos de idade, D. Sebastião encontra na morte a eternização do desejo.

Sem África, sem rei nem roque os portugueses esperam a vinda do desejado, desse Sebastião, imagem em espelho, projecção, miragem no nevoeiro que, porque nunca morreu e nunca existiu, assim se mantém vivo.

QUATROCENTOS anos de história representam curto intervalo de tempo quando encarados em termos de mudança no que diz respeito ao interior dos seres humanos. O ritmo evolutivo da espécie é tão lento que se torna impossível descortiná-lo olhando até onde podemos ter notícia — por isso se fala de estruturas iguais, sensivelmente iguais, no passado histórico e no presente, verificáveis na simples leitura dos produtos que ao longo dos séculos vão ficando. A história repete-se como é vulgar dizer-se — (Portugal repete-se), e se muda a regulamentação não mudam os homens, nomeadamente nos seus caprichos e sobretudo quando detêm o poder. Mas cada época traz consigo uma nova leitura e uma nova descoberta.

Convém acentuar que não foi D. Sebastião quem criou o Sebastianismo, ele não tem disso culpa nenhuma, foram os Sebastianistas que o criaram em cima da sua figura histórica e num determinado momento histórico do povo a que pertencem. E criaram-no acima de tudo por uma espécie de necessidade interior, deles, Sebastianistas, prolongando-o depois e espalhando-o sob a forma de mito por todo um povo que dele igualmente se encontrava avidamente necessitado. A necessidade, neles e no grupo carente místico advém e surge com a finalidade de, através dele, se poderem solver graves dívidas de jogo, que por mal jogado se torna mais culpabilizante. Tudo se passa como se todos estivessem comprometidos numa empresa falhada e, para ultrapassar a depressão da perda, desse modo se negasse o passado e o seu remorso, usando formas ilusórias e fantásticas com intenção reparadora. O que pode levantar a questão de saber até que ponto a ilusão é uma inerência e quais os momentos em que ela pode assumir mais importância do que a própria realidade nua e crua.

Convenhamos portanto que D. Sebastião, Sebastianistas e Sebastianismo, se constituem aparentemente um todo interpenetrado, uma análise mais detalhada os pode separar e eventualmente mesmo isolar completamente. As leis de D. Sebastião são diferentes das dos Sebastianistas — *é perfeitamente possível haver Sebastianistas sem D. Sebastião* — e são ainda diferentes das do Sebastianismo — *é perfeitamente possível haver Sebastianismo sem D. Sebastião e sem Sebastianistas apresentados como tal.*

Pensamos que uma das missões dos intelectuais dum povo é tentar renovar corrigindo aquilo que não pode ser desfeito — renovar neste sentido é já prevenir — e renovar é dar-lhe forma actual mais consentânea com a leitura dos nossos dias. Ao fazer isso analisa-se e analisar é retirar carga pelo desinvestimento que silenciosamente decorre no seu próprio processo. Recriar o Sebastianismo desta forma não é sebastianizar pensamos nós, é precisamente o contrário.

Na sua família a consanguinidade acumula-se há várias gerações. Os seus pais eram primos direitos ao quadrado, (co-irmãos). Dos nove filhos de seus avós paternos só dois sobreviveram, para morrer precocemente.

D. Sebastião não tem apenas o lábio inferior pendente típico da Casa de Austria. É acentuadamente assimétrico: todo o lado direito é mais comprido do que o esquerdo.

Aos 11 anos começa a sofrer de uma doença que consiste em «expelir pelos seus orgãos certa substância ou purgação, que aumenta ou diminui conforme ele se excede ou restringe nos exercícios que pratica». Alguns médicos diagnosticam gonorreia. Apresenta ainda, persistentes cefaleias, desmaios e arrefecimento súbito do corpo.

Tornou-se muito devoto com a educação que foi recebendo e assim se manteve toda a vida, mesmo depois de outro tipo de preocupações passarem a dominar o seu espírito. Ouvia missa diariamente e duas vezes ao Domingo, gostando imenso no princípio de fazer de sacristão.

Nasceu em Lisboa a 20 de Janeiro de 1554.

Chamaram-lhe Sebastião em honra do santo nesse dia celebrado.

Foi desejado. Talvez não pela mãe, talvez não pelo pai, mas com certeza por todo um povo.

Aos três anos e meio foi rei, aos 14 anos assumiu o poder e aos 24 morreu.

Alcácer-Quibir é, ainda hoje, sinónimo de desgraça e reza-se para que o nevoeiro se adense, a bruma turve completamente a visão e dela Ele surja, tornada a incerteza de sua morte na possibilidade da nossa salvação.

Conheci D. Sebastião em 1972, 6 anos antes da sua morte e tive oportunidade de, até 1977, através de longas conversas acontecidas ao sabor do acaso e sem registo, travar com ele um íntimo reconhecimento.

Ele vivia em enorme palacete do século XVI, de aspecto peculiar, onde surpresa seria se fantasmas não houvesse, construído em ponto alto que cumeava um morro sobranceiro ao rio, de acesso difícil através de rua estreita e relativamente perto de minha casa situada nas bases. Num fim de tarde em que passeava despreocupado, fui brutalmente acordado pela eminência de atropelamento grave. **Alguém que gritava ao conduzir uma pavorosa motocicleta, em ziguezague e a toda a velocidade, parecia querer provocar isso mesmo, mas desviou-se no último momento e colidiu frontalmente com a perede mais próxima.** Na ajuda que lhe procurei prestar, encontrei-o inicialmente furioso e barafustando contra mim, mas a breve trecho reparei que se foi tornando pouco a pouco deprimido. Curiosamente, não era a dor física que o incomodava apesar de marcas evidentes, era sobretudo a dor moral que o deprimia, a dor de ser visto estatelado no chão e ter sido ajudado por alguém a levantar-se e a dar não ter sido suficientemente exímio para fazer a curva à velocidade que se propusera. Pela minha parte e uma vez ciente que não era eu afinal o alvo dos seus instintos destruidores, pude estabelecer conversação que, por circunstâncias de acaso e certa simpatia mútua, se repetiu inúmeras vezes, na rua, no café, em casa, irregularmente, durante um período de 5 anos. Dizia-me que gostava de o fazer, porque eu lhe fazia lembrar um tio prudente que vivia em Espanha, intimamente por si apreciado no seu poder, havendo no entanto uma diferença para melhor e a meu favor — eu não lhe dava os tradicionais conselhos que abominava porque desde criança até onde tinha sido possível nunca lhe tinham feito outra coisa. A sua atitude geral arrogante e provocatória, sempre presente no desafio aos conselheiros, certamente constituia algum contraponto. Por vezes procurando deliberadamente num movimento onde havia um toque de humildade que ninguém nele ousaria sequer imaginar. O seu mundo interior tumultuoso e difícil, a abundância das suas contradições e o seu comportamento anárquico e irregular, sempre me despertaram sérias apreen-

sões quanto ao seu futuro. Perdido da minha vista em 1977, nunca pensei que o seu trágico fim pudesse acontecer logo no ano seguinte, apesar dos projectos fantásticos que por essa altura me referia, e que foram por mim erradamente tomados como mais uns, iguais a tantos outros que as suas tendências periodicamente reformulavam. Aqui me penitencio intimamente como todos os portugueses perante o sucedido.

Nessa altura com efeito, já se propunha reconquistar Angola aos inimigos da fé; **seguir-se-ia Moçambique e finalmente iria abalançar-se ao bocado mais apetecido — a Índia.** Afirmava ter planos para, pelo menos, reconquistar os 3 territórios portugueses há poucos anos miseravelmente abandonados: «Goa Malaca e Ormuz».

Dizeu-me os seus coevos da batalha final, uns tantos aristocratas escapados à fuga desordenada que se lhe seguiu, da sua estranheza ao verificá-lo absorto e como que em êxtase, quando já sem combater se encaminhava para diante, lentamente, frontalmente, de cabeça levantada em perfeita erecção e com passo seguro, na certeza de tudo perdido, para os inimigos que forçosamente o haviam de penetrar com as suas armas. O seu porte na altura era precisamente o mesmo que originara anos antes, no Colégio, a sua alcunha de **King Size — o de um pegador de touros de mãos seguras atrás das costas,** altivo, a encaminhar-se para o inimigo. Estava finalmente sereno, já podia adormecer — morrer. Só naquelas circunstâncias terminais pode conseguir aquilo que a maioria das pessoas consegue em noites de amor, as noites que nunca teve.

Tenho boas razões para pensar que D. Sebastião teve apenas um orgasmo na vida, acontecido nessa altura, no intervalo entre a certeza da morte e a própria morte. As características da sua personalidade e o conhecimento da sua história apontam nesse sentido, até porque era isso que intimamente procurava sem nunca o ter conseguido. Só com um tal preço, um preço definitivamente mortal, pode realizar esse encontro fantasmaticamente satisfatório, no limiar da morte que conduz a reencontros seguros além-túmulo, mas englobando-a já completamente.

O orgasmo permanece mesmo aí defendido, porque já não é sentido no corpo — esse já morre — mas no espírito a caminho do outro mundo a que se destina. Nesse intervalo acontece a tal serenidade, contraste flagrante com a agitação violenta que anteriormente o dominava. É nesse intervalo também que pronuncia a famosa frase — morrer mas devagar — últimas palavras que lhe ouviram **os companheiros já de costas voltadas e fugindo desabaladamente para trás, enquanto ele fugia para a frente.**

D. Sebastião King Size nasceu em 20 de Janeiro de 1954 na Zona industrial do Norte de Portugal em circunstâncias familiarmente invulgares que determinaram desde início muita da sua organização psicológica perturbada.

Nasceu filho dos avós. Os «pais», pelo menos aqueles que no seu romance familiar considerava como verdadeiramente seus pais, tinham morrido 15 anos antes do seu nascimento e eram os filhos mais velhos dos seus reais progenitores.

Oficialmente nunca nenhum filho foi tão desejado — **chamaram-lhe o desejado, porque seria o salvador e o continuador da família —** mas também nunca nenhum desejo foi tão claramente mentiroso. O desejo comum dos pais vulgares que em circunstâncias normais, amam fantasticamente o filho mesmo antes de o terem visto, estava neste caso completamente perturbado. Aqui o desejo era sobretudo um desejo contra alguém, contra os primos rivais, — não desejavam o filho, apenas desejavam liquidar os outros — o filho era o objecto intermediário para a consecução desse fim. Filho mal amado por dentro, mas desejado aparentemente por fora, é nesta contradição fundamental que o seu sistema relacional e o seu narcisismo evoluem deficitariamente e montam defesas precoces fixadas, às quais regride constantemente.

Menino beato e protegido era já no entanto diferente dos rapazes da sua idade com quem convivia no colégio. Era estranho e tinha medos inexplicáveis que reactivamente desencadeavam as imensas birras que desde sempre se habituou a fazer e em grande preocupação deixavam os seus directores. A sua figura física era esquisita, de baixa estatura, algo displástico, com um ombro mais alto que outro. Sempre quis ser o primeiro em tudo, não o conseguindo em quase nada, mas apesar disso atribuíam-lhe vitórias fictícias que aceitava como verdadeiras sem perceber.

Chamavam-lhe rei em casa e no Colégio chamavam-lhe King, dando ares de modernidade. Chamaram-lhe mais tarde King Size, de forma algo trocista mas que bem se coadunava à sua maneira de proceder. Eram cruéis ao fazê-lo e por isso repudiou em princípio, mas depois investiu-se como tal, superando por cima, com arrogância, o sentido que lhe queriam dar. **King Size era uma ironia ao seu tamanho pequeno** que procurava resolver em bicos de pés, mas os outros ao fazê-lo não tinham conhecimento da ressonância profunda e da amargura que o facto em si mesmo lhe despertava.

Foi no início da adolescência e na fase do pénis pequeno, quando um dia se atreveu ostensivamente a meter dentro das calças apertadas que todos os rapazes usavam, um pedaço de espuma de borracha no local adequado, e se passou garbosamente entre os colegas como um pegador de touros em momento solene, com a praça cheia, de mãos atrás das costas e saliências voltadas provocatoriamente na direcção do inimigo, que o cognome se fixou definitivamente e nunca mais se lhe chamou outra coisa. Passada a troça ficou o título, constantemente utilizado. Algum tempo depois, já ninguém se lembrava do facto que o tinha originado a não ser ele próprio, quando em momentos de insegurança sentia as pernas a tremer face às dúvidas de si mesmo que avolumava, o que era frequente, e tinha de lançar mão ao bocado de pénis presente, pensando sobretudo no pedaço ausente, acalmando-se desse modo por instantes; ou nas noites de insónia em que assaltado pelos fantasmas e angústias do seu pensamento obcecado, se mexia e remexia, agarrando os órgãos genitais que pensava apodrecidos, numa infelicidade sem fim. Falava-me na tragédia passada nesses momentos, com uma intensidade tão grande, vivida de tal forma e com tal expressão de dor, que insensível seria não ter uma palavra tranquilizadora, embora eu tivesse a certeza vinda da experiência com ele, que essa palavra seria imediatamente rejeitada porque representava afinal uma prova na realidade do seu próprio sofrimento.

Não era fácil, diga-se de passagem, em certos momentos aguentar a situação, apenas possível da minha parte pela verificação clara da sua indispensabilidade e pelo estranho fascínio que D. Sebastião King Size em mim próprio como em toda a gente, afinal provocava.

Só esse fascínio justifica aliás a manutenção da sua imagem, agora e no futuro. Fascínio que acontecia apesar de todos os seus defeitos, apesar da sua arrogância instituída, dos seus modos insolentes e provocatórios, da sua famosa má-criação, da agitação que em tudo e em todos sempre provocava, da vontade que em toda a gente despertou de lhe partir a cara, coisa que nunca ninguém fez.

Para esse fascínio terá de haver uma explicação que só agora procuro rememorando. O seu traço mais significativo parece-me situar-se no facto de que Sebastião era grande em tudo... tão grande quanto toda a gente deseja ser e por isso nele fascinadamente se revê... excepto em quase tudo. Era grande no tamanho sendo pequeno, era grande na sexualidade sendo misógino, era grande na agressividade sendo medroso, era grande na inteligência não conseguindo fazer o liceu, era grande no patriotismo não sabendo sequer o que isso era, era grande como chefe de bando sendo o mais necessitado do grupo, era grande na fortuna vivendo constantemente em tragédia interior. Camões que o conheceu, ao chamar-lhe maravilha fatal da nossa idade, não estava apenas a ser o poeta faminto à procura duma tença anual de 15 cruzados e dum escravo mouro para lhe transportar a mala. A sua tirada laudatória na qualidade de corifeu dos intelectuais do tempo, não era só retórica inconsequente; traduzia o seu verdadeiro sentimento pessoal, comum de muita gente, por ele realmente mobilizado.

Tinha o fascínio dos opostos conjugados em dose eficaz, tanto quanto baste para que a outra parte se vislumbre, sem que a parte mais relacionável com o interlocutor ou com o grupo, deixasse por isso de ser prevalente, à medida de cada um. Era o fascínio do inocente perverso que toda a gente contém dentro de si, sem o poder agir. D. Sebastião era a nossa saudade, a memória da nossa infância, a memória dos tempos idos, concretizada em forma de adulto agido, sem deixar por isso de ser inocente menino. Cristalizava em si mesmo e na nossa projecção o desejo proibido e recalcado, sem a respectiva culpabilidade, porque era ele quem fazia. D. Sebastião King Size descobriu finalmente o inimigo principal salvador da sua integridade psicológica, passava já dos 20 anos, depois do **25 de Abril de 1974.** O 25 de Abril deixou-o em princípio soberbamente indiferente, mas com o decorrer dos tempos, a partir de 1975, desempenhou o...

O encontro com o inimigo efectivou-se... o combate aconteceu... a plenitude orgástica estava próxima... a morte chegou... A história completa não pode ainda ser contada... a sua proximidade no tempo envolve segredos de estado que importa preservar... a lenda vai começar. Do brilho do seu heroísmo decadente se encarregarão os cronistas no futuro.

Foi num dia de calor africano, nas margens de um pequeno rio quase seco... havia pó, suor, sangue e lama, sobretudo muita lama... às 3 da tarde, à hora da sesta... em 4 de Agosto de 1978.

Nunca ninguém até agora tinha conseguido compreender a sua obstinação, contra a opinião de todos, em provocar o combate para aquela hora, a pior de todas pelo calor a que não estava habituado... hora da sesta retida na sua memória.

Ano 2383. 400 anos volvidos discute-se D. Sebastião King Size, o Sebastianismo King Size que dele decorre e a sua influência na história dos portugueses dentro e fora de Portugal.

A batalha final toma o nome de Nambuangongo e nela se revêem os projectos não cumpridos, as decadências não toleradas e os sonhos enevoados de quem acorda com pouca vontade de trabalhar.

Sebastião repete-se, o homem repete-se, Portugal repete-se e Nambuangongo é a sua marca registada, grito silencioso em ritmo inconscientemente cadenciado, como antes fora Alcácer-Quibir.

O presente nunca investido ressuscita eternamente o passado, defendendo-se do futuro em forma de adiamento continuado.

Cronistas nem sempre fiéis na observância das datas, descobrem-lhe o seu **Camões** transformado em **Fernando Pessoa**. Este te-lo-ia cantado na sua versão Sebástica e só em momento de mau humor teria exclamado.

«Pertenço aquele povo, os Portugueses, que depois das descobertas se encontram desempregados.» (FERNANDO PESSOA)

NOTA:

O Sebastianismo na Intre e Exohistória de Portugal foi o tema dum colóquio interdisciplinar, organizado pelo psicanalista Amaral Dias e patrocinado pela Associação Portuguesa de Psicologia, pela Sociedade Portuguesa de Psicanálise, pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra e pelo Instituto de Assistência Psiquiátrica. Participaram os historiados Joel Serrão e José Veiga Torres, os psicanalistas Coimbra de Matos, Amaral Dias e Pedro Luzes, entre outros. Também Jaime Milheiro, psicanalista, delegado da Zona Norte de I.A.P. e Maria Júlia Valério, psicóloga do Centro de Saúde Mental de Vila Nova de Gaia numa comunicação intitulada **D. SEBASTIÃO KING SIZE** de que recolhemos e aqui transcrevemos alguns excertos.

Maria Emília Correia

José Atalaya

Gregos e troianos num país de festas

José Atalaya. Maestro-director da Orquestra Sinfónica da RDP-Porto. Membro do Conselho Português da Música (UNESCO). De 1975 a 1977 chefia o Departamento de Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, por despacho de Correia Jesuíno, tendo então criado as «Quinzenas Musicais» dedicadas sucessivamente à França, Polónia, Espanha, Roménia, etc. o que proporcionou, em regime de intercâmbio, a presença de artistas portugueses naqueles países. De sua iniciativa os «Concertos 'non-stop', a «Música ao fim da tarde» (todos os dias no S. Luiz) e os «Concertos em Diálogo», no Auditório Nacional Carlos Alberto, de colaboração com o Ministério da Cultura.

Discípulo em composição de Luís de Freitas Branco, é autor de música para poemas de Eugénio de Andrade e de «Variantes Rítmicas» sobre quatro sons sinusoidais. Estreia em Florença (1968), considerada a primeira obra de autor português inteiramente realizada por processos electro-acústicos. Crítico musical e autor de trabalhos de investigação sobre músicos portugueses do século XX, dedicou-se, desde 1966, a uma acção sistemática de divulgação do gosto pela música, através da criação de tabelas de audição (guias) e de uma orquestra expressamente fundada para o efeito (Orquestra Imave) constituída por alguns dos mais conceituados músicos da Orquestra Nacional (ex-EN) que actuava semanalmente em concertos para jovens emitidos pela televisão.

Frequentou no estrangeiro cursos de direcção de orquestra com Piero Bellugi, Hans Swarowsky, Igor Markevitch; de música electrónica com Pietro Grossi, «introdutos» em Itália da música realizada por computadores.

MEC — O teu trabalho é essencialmente de divulgação da música junto dum vasto público. Mas, parece-me, a fórmula empregue não vem sendo évolutiva. Há quem te acuse de um método de repetição para um mesmo público, tanto mais tendo em consideração que os programas são repetidos na Radiodifusão Portuguesa.

J.A. — A observação é pertinente porque me permite esclarecer-te (e a quem de verdade goste de ser esclarecido...) que a RDP apenas transmite os concertos comentados que dirigo com orquestra, mas ignora todos os outros: desmontagem de sinfonias, de concertos, de poemas sinfónicos, exemplificação de temas e respectivos desenvolvimentos. Dezenas de obras, de Bach e Bartok, passando por Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Brahms, Tchaikowsy, Wagner, Debussy, Ravel. E é tal a diversidade das ideias musicais, dos efeitos orquestrais, na forma como se entrelaçam as diversas partes da orquestra, que não há necessidade de variar de método. A variedade subsiste no próprio conteúdo. E uma boa memorização musical, para o público (e até para o profissional) não se consegue com uma única audição.

MEC — Resposta insatisfatória...

J.A. — Se nos meus concertos sinfónicos (uns doze por ano) o esquema é: comentário-exemplificação-música, com tentativas mais ou menos improvisadas de provocar participação do público (e dos próprios músicos individualmente), em todos os outros, (em média mais de cinco em cada mês aproximadamente, mais de sessenta por ano) o esquema tem variado. E desses, até agora, nem a rádio nem a televisão transmitiram um único! Apesar de estarem a ter uma afluência três vezes superior à que obteriam os mesmos artistas num espectáculo tradicional: «o senhor solista entra, imperturbável na sua casaca, respira-se o silêncio, ele toca, aplausos, toca, etc... e volta a sair imperturbável como entrou; ou, talvez, com um sorriso cheio de dignidade. Perfeito! O recital, tal como implantado há, pelo menos, um século, deve continuar a existir». Mas, aqui, eu tenho procurado dar-lhe uma expressão muito mais adequada às exigências de um público habituado ao confronto diário com a televisão (a Radiodifusão Portuguesa não transmitiu um único dos cerca de duzentos que até à data realizei...) e às necessidades de um povo que nem da escola (salvo honríssimas excepções) sai preparado para ouvir um quarteto de Beethoven, uma sinfonia de Joly Braga Santos ou uma sonata de Lopes Graça.

MEC — Como são então esses espectáculos que a rádio e a televisão nunca transmitem?

J.A. — Foi exactamente na rádio e na televisão que me inspirei para os criar... Repara como, na televisão, vemos com frequência os artistas conversarem com o autor do espectáculo, como tudo é valorizado pela constante projecção de imagens. Tudo isso tem existido em «A música e os seus actores», «A mulher e a música», «Vida e obra dos grandes músicos», ciclos que estão semanalmente no S. Luiz, no Audiório Nacional Carlos Alberto e no Teatro Gil Vicente — que o mesmo é dizer que em Lisboa, Porto, Coimbra não sucede com qualquer outro espectáculo da chamada música clássica. Contudo, as pessoas gostam de me criticar dizendo que eu ainda procedo, como há vinte anos, quando criei os concertos das Orquestra Imave, transmitidos esses sim, pela televisão. E que hoje são emitidos pela rádio (com menos eficácia, porque lhes falta a imagem) mas que correspondem, segundo os índices de audiência, ao interesse do público em geral (não dos meus colegas músicos visto que esses, em princípio, não vão lá aprender nada...) pelo que começou a ser emitido só às terças-feiras (19.30, Programa 2), depois solicitada a sua repetição aos sábados (10.30, Programa 2); mais tarde na Antena 1 (21.45) e nas emissões da Madeira. Digo-te mais; nessas transmissões dos meus concertos sinfónicos em diálogo, não vejo necessidade de alterar o tal princípio didáctico: palavra, exemplificações, participação do auditório, audição integral. O sistema funciona porque a Orquestra Sinfónica da RDP-Porto nem sequer pode dar seguimento a todos os pedidos que lhe são feitos...

MEC — Mas não chegaste a dizer concretamente como «funcionam» os outros, sem orquestra, os tais sessenta por ano de que não falam os críticos.

JA — Na primeira fase (e com o entusiasmo contagiante da Graça Lobo e do Carlos Quevedo), em «A mulher e a música» (com texto da Maria Armanda Passos) havia apontamentos teatrais, encenados com simplicidade, mas esmero na qualidade, jogando com luzes, sobretudo, e com o ritmo da acção musical, entrecortada pelos ditos apontamentos (as figuras de George Sand, Clara Wieck, Cosima Wagner) e pelas minhas intervenções. Depois, noutra fase, a palavra e a música tiveram a valorizá-las, sucessivamente, apontamentos de bailado, de cinema e, por último, intervenções de um excelente instrumentista de jazz (o saxofonista Rão Kyao) que improvisou sobre um tema de Schubert que o público acabava de cantar comigo. Acha, na verdade, que não tem havido evolução? Ou será que se teima em fazer ignorar que há mais de cinco anos faço concertos «promenade» em Portugal e que tento criar uma nova forma de espectáculo tornando a música de câmara (pequenos conjuntos) acessível a qualquer género de público (juvenil ou senil, sabichão ou ignorante — com aquela ingénua ignorância de tudo o que é a maravilha da música e que, de repente, se ilumina e torna radiante d gozo estético o mais infeliz dos humanos...)

MEC — Sabe-se pouco de tudo isso...

J.A. — E o que me faz pena é que o prejudicado não sou eu, não disponho de tempo para produzir mais. Não são os artistas que integram a minha equipa (mais de vinte, entre pianistas, violinistas, cantores, etc..). São sobretudo os jovens que tantas vezes se perdem no ócio, na violência, porque não sabem ainda que, desta maneira, os concertos de Bach, Beethoven, Chopin, Debussy, Bartok, também são para eles e não apenas as luzes e a euforia de um concerto rock. São esses, os jovens sobretudo, as vítimas do mero de silêncio que toda a crítica (quase sem excepção) tem feito a estes concertos. E de que até tu, afinal pareces constituir um exemplo elucidativo. Zangada comigo?

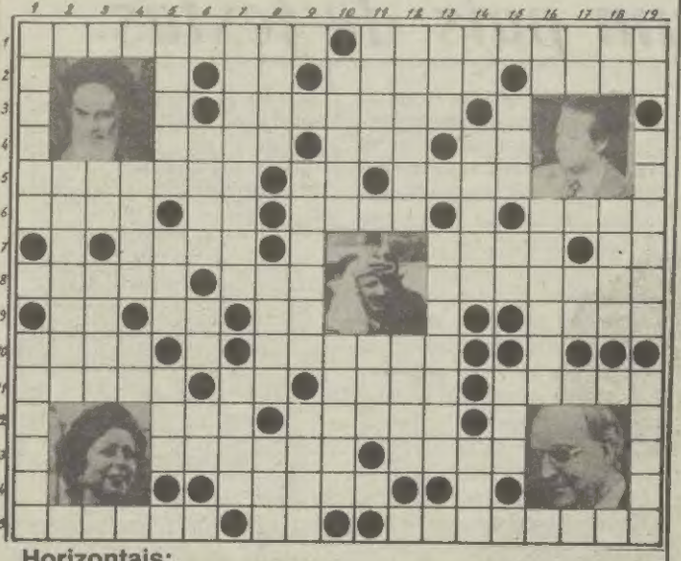
MEC — Outra crítica: àponta-se que aceitas apoios dos mais diversos quadrantes políticos. Isto é, que te entendes com entidades diversas, sem teres em conta as ideologias dos governos. Agradas a gregos e a troianos...

J.A. — Sem gregos e troianos não se faz música clássica em Portugal... Quem pode pagar as orquestras? O Estado. Quem pode pagar estes espactáculos em que se procura um entrosamento de várias artes tornando mais aliciante o espectáculo musical? O Estado, as câmaras municipais... Portanto nunca trato de saber qual a cor do ministro da Cultura, do presidente da RTP (quanto ao da Rádio é meu «patrão» há 30 anos, entrei para a ex-EN em 1951, por concurso público...) ou se a câmara municipal X tem maioria CDS, PC, PS ou PSD. É-me absolutamente indiferente, desde que não imponham a mínima restrição ao que eu diga ou à escolha dos meus acompanhantes. Lembro-me de ter conversado, em directo, com Lopes Graça, na Televisão, antes do 25 de Abril (e de ter feito, com ele, depois, concertos em escolas, por ocasião das comemorações camonianas). E de ter aceite, depois do 25 de Abril, a proposta para fazer, sem orquestra, para a câmara municipal de Nuno Abecasis (CDS) concertos didácticos, enquanto dirigia sinfonias no Porto (câmara PS) e fazia animação cultural (música gravada) numa câmara PC (Loures)...

Tenho evidentemente as minhas convicções políticas. Mas reservo-as para o dia em que decidir ser militante ou deixar de ser músico, o que não vai ser fácil; recordo o que dizia o inspeito Pablo Casals: «hablaria usted de política, yo de moral. No nos entenderiamos...» Quando subo ao estrado (ou falo em público) sou apenas um agente cultural, não tenho queda para agente duplo. Em todos os quadrantes políticos tenho bons amigos. Mas, quando se trata de música, de política não falamos. Só com os íntimos e, às vezes, adoro fazer de cardeal-diabo. É bom defender o ponto de vista oposto... Divertido, além do

Continua na pág. 7

Palavras cruzadas Interpretativas



Horizontais:

1 — Os nossos, vão ter de dar contas das suas riquezas pessoais ao Tribunal Constitucional; antes e depois de estarem no poder. Esta campanha vai custar cerca de 600 mil contos.
2 — Neste momento (inv.). Remara para trás. Ele, é a antecâmara da morte.
3 — Em França ela desceu para os 60 anos
4 — Freguesia do concelho e distrito de Castelo Branco. Cidade da Ucrânia (inv.). Grego (abrev.).
5 — Em entrevista concedida a um jornal grego esta Primeira Dama do nosso país declarou que as «crianças e a Terceira Idade dominam o seu dia a dia». Os maquinistas e o pessoal desta companhia não aceitam requisição civil. Ser isso e o burrinho de alguém, é ser o único que trabalha.
6 — Ele com ele se paga. Esquadrão. Macaco americano. Este líder democrata-cristão foi eleito chanceler da RFA.
7 — Cure. Cidade do estado de São Paulo. Diagrama representativo do som linguopalatal constrito forte.
8 — Segundo a CGTP-IN o que o grande capital quer é prolongá-la para aumentar os seus fabulosos lucros. Textualmente. Freguesia do concelho de Montemor-o-Velho.
9 — Nas monarquias eles existem (abrev.). Letra grega. Senhor. Costumar.
10 — Afundamento da Madeira foi a do 1.º de Abril. Este líder socialista almoçou com artistas depois de anunciar «cem medidas para cem dias» e... como vai cumpri-las?
11 — Peixe do Brasil. Boro (s.q.). Um dos estados do Brasil. No Norte, ela molhou início de campanha eleitoral.
12 — Concelho do distrito de Cabo Delgado. Colocar-se em posição conveniente para ser pintado ou fotografado.
13 — Temperai com sal. A quem não chora não lhe acontece isso.
14 — Serpente de Madagáscar.
15 — Este líder da OLP e Hussein divergem quanto a plano de paz para o Médio Oriente. O mesmo que uma (ant. e pop.). Este ayatollah declarou no quinto aniversários do estabelecimento do Governo Islâmco no Irão que o mesmo pode vir a ser derrotado pela inflação.

Verticais:

1 — No Brasil, é moléstia das bananeiras. A GNR disse que ela foi sangrenta nas estradas portuguesas.
2 — Acorrentes.
3 — Dá isso e não perderás ponto. Pronome demonstrativo.
4 — Esta grande potência rejeita proposta nuclear norte-americana. Átomo.
5 — Receia. Prefixo que designa ar. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anandia.
6 — Fazer voar. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Bário (s.q.).
7 — Dois milhões deles vão cobrir Portugal durante a Campanha Eleitoral. A dívida pública é uma de neve.
8 — Pequena ave de rapina. Pronome demonstrativo. Género de antílopes de África.
9 — O vírus desta terrível doença está isolado, segundo cientistas da Universidade de Duke. Quem faz isso adiantado, fica mal servido.
10 — Ter o diabo nele, é ser de grande vivacidade, ter audácia. É arbusto no Brasil.
11 — Querer o sol nela e a chuva no nabal, é querer todas as conveniências, ainda as inconciliáveis. Chefe etíope.
12 — Glutão. Estavam.
13 — Época. Prevenira.
14 — Papagaio da Amazónia. A da CP vai continuar por tempo ilimitado. Tê-la pesada, é ser severo nos castigos.
15 — Acredita.n Alteza Real. Utilizando fundos secretos esta organização americana já gastou 30 milhões de dólares para derrubar governo de Manágua.
16 — Artigo definido. Aguardente de cerejas.
17 — Letra grega. Satélite de Júpiter.
18 — Prefixo de privação. Sigla de Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económicos.
19 — O lado do vento. Uma, raptou criança na Magalhães Coutinho. Conferi (fig.).

SOLUÇÃO

Verticais:

1: Panamá. Pascoa; 2: Amarres; 3: Nó. Isto; 4: URSS. Al.; 5: Treme. Aer. Ois; 6: Alar. Oc. Ba: Gnu; 9: Cancro. Paga; 10: Corpo. Apoia; 11: Ela. Ras; 12: Lambão. Eram; 13: Era. Avisara; 14: Ia. Greve. Mão; 15: Cré. AR. CIA; 16: Os. Kirsch; 17: Ro. Io; 18: An. OCDE; 19: Lo. Mulher. Alen.

Horizontais:

1: Políticos. Eleitoral; 2: Já. Clara. Sono; 3: Reforma. 4: Mata. Bar. Gr.; 5: MANUELA. CP. Arre.; 6: Amor. Az. Aoio. KHOL; 7: Sare. Aval. Ch.; 8: Crise. Sic. Verrida; 9: Rs. Ro. Sr. Soer; 10: Pela. SOARES; 11: Asoio. Bo. Para. Chuva; 12: Ibo. Posar; 13: Salgal. Mama; 14: Angaá; 15: ARAFAT. Ua. KHOMEINI.

Publicidade
Annuncios, cada linha....30 reis
Communicados.....60 reis
Réclames.....80 reis
Publicações temporarias ou permanentes fazem-se mediante ajuste particular.
Numero avulso 30 reis

O CAMPINO

REDACTOR E PROPRIETARIO LINO DE MACEDO

Assignaturas
Serie de 12 numeros... 300reis
Em Africa e Brazil, cada numero 50 reis fortes.
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao redactor do Campino, rua do Caes 141,
Villa Franca de Xira

NUMERO 375 | SABBADO 24 DE JULHO DE 1886 | ANNO 8.º

Imprensa regional de Oitocentos

Os jornais vilafranquenses

Fazer a História da Imprensa periódica regional é, antes de mais, fazer a História de um género considerado «menor» do jornalismo. Que, lentamente formado, se afasta da macrocéfala informação lisboeta para autonomamente responder à necessidade de informação que o público sempre experimenta. Resultante das transformações que a Imprensa periódica portuguesa sofreu, foi o alargamento do movimento jornalístico à província característico da segunda metade do século XIX.

MAIS cedo ou mais tarde as cidades e vilas portuguesas habituaram-se a ler periódicos próprios, fossem eles diários, semanários ou quinzenários. No caso de Vila Franca de Xira é relativamente tarde que o 'fervor' jornalístico chega. A proximidade da capital, com a consequente leitura dos grandes jornais 'de informação' lá elaborados justificaria a ausência de uma Imprensa própria. Porém, esta nasce e, como por todo o país, tem um programa essencialmente local de defesa dos interesses mais imediatos da população, o que não impede simultâneas tomadas de posição face à evolução política portuguesa.

Data de 5 de Julho de 1877 o primeiro número de «O Ribatejo — jornal político, literário e noticioso», de periodicidade semanal e que se publicará até 1880. Numa altura em que a Imprensa se industrializa e em que os jornais de informação ganham terreno num público que prefere a informação objectiva e o sensacionalismo, o aparecimento de um jornal local de opinião preencheria precisamente aquela necessidade imediata de conhecimento das notícias «da terra» e debate dos problemas da região — «Advogar, quanto caiba em suas forças os justos interesses de todas as povoações marginais do Tejo (...) pugnar pelas necessidades, aproveitamento e melhoria desta fertilíssima zona agrícola são os escopos desta publicação.» (1).

Da leitura de «O Ribatejo» resulta um quadro desta Vila Franca do último quartel de oitocentos que o articulista exalta pela modernidade: 2 hospitais, 2 hospedarias, 2 filarmónicas, caminho de ferro (a grande novidade, inaugurado 20 anos atrás) e carreiras diárias de barco até Lisboa são alguns aspectos que o jornal nos permite reconstruir.

Da ausência de grandes acontecimentos na vida local resultam notícias como esta, curiosa pela própria ingenuidade: «Joaquim Augusto da Costa Martins, de Santarém, no dia 25 de Junho foi retido pelo chefe da estação do caminho de ferro em consequência de ter sido encontrado sem bilhete no comboio do correio n.º 57. Além de embrigado, reconheceu-se ser maníaco, e por isso o chefe, no que andou muito bem a nosso ver, não deu parte da ocorrência às autoridades. O retido, depois de dormir e convencido da sua falta pelo chefe, pagou o transporte e a multa, e portanto foi-se em paz. Era já alta noite quando se deu esta ocorrência.» (2)

O espaço da notícia, a falta de precisão dos termos — «era já alta noite» — , a relatividade dimensional do assunto, tudo nos transporta a um tempo onde cabia ainda o detalhe menor do quotidiano. E onde cabia também a seguinte notícia de doença: «Nestes últimos tempos parece que se têm agravado os padecimentos da bexiga de que sofre o sr. Marquês d'Ávila. O nobre presidente do conselho anda por esse motivo sempre a pé, porque não pode aturar o movimento da carruagem.» (3).

Notícias que hoje nos provocariam o riso ajustam-se perfeitamente no quadro deste semanário que, embora publicando atrasadamente a actualidade do tempo, não deixa de seleccionar a informação que mais agrado causaria no público.

As restantes secções de «O Ribatejo» são as constantes da Imprensa de então: o inevitável folhetim (que neste caso se refere a figuras e factos da terra), correspondência de Lisboa, anedotas, secção forense e publicidade (em 4 páginas de jornal, uma é de anúncios). São os velhos processos que a Imprensa utilizara no geral até cerca de 1845 que estão ainda presentes neste jornal local de 1880: as notícias eram recebidas dos correspondtes, dos próprios leitores ou de outros jornais portugueses e estrangeiros.

De 1879 a 94 será publicado «O Campino», também semanal e que iniciado com a tiragem de 300 exemplares, já conta no ano seguinte com 400. Sendo os únicos dados que possuímos para calcular os leitores desta Imprensa regional, afigura-se baixo o número de consumidores dos jornais locais. Tendo em 1891 o concelho de Vila Franca de Xira 14 237 habitantes, dos quais 3288 constituíam os eleitores (4) apenas uma restrita camada tinha hábitos de leitura.

Lino de Macedo, director de «O Campino» a partir de 1882 e estudioso da história vila-franquense, queixa-se do atraso no ensino. Apresentando dados de frequência das escolas primárias em 1891, mostra que esta não ultapassava os 380 (200 rapazes e 180 raparigas). Havia, claro, os colégios particulares e uma aula municipal secundária de português, francês e desenho mas, de qualquer modo, não era brilhante a situação.

Situação que seria comum a tantas outras terras portuguesas não impediu, contudo, o aparecimento de «O Campino» e três outros periódicos até final do século .Aliás, se o atraso do ensino produzia em 1890 uma taxa de analfabetismo da ordem dos 76%, não deixa de aumentar o número de escolas por todo o Portugal: entre 1870 e 1895 passam as escolas primárias oficiais de 2500 a 4000, num início ainda ténue da popularização da leitura.

Afirmando «O Campino» uma linha mais dura de luta contra as autoridades municipais, assume, por vezes, posições de radicalidade principalmente em relação ao administrador do concelho. Acusando-o de «nódoa», inércia e excrescência, chega mesmo à ameaça: «O administrador do concelho continua a prender e a soltar criminosos sem os entregar ao poder judicial como a lei determina. (...) Avisamo-lo pela última vez que não torne a cometer esse abuso, porque em tal caso denunciamo-lo a quem deva tomar-lhe contas. Isto não é negócio que dependa só de testemunhas que se corrompem a medo ou a vinho e portanto acautele-se. » (5).

Em 1894 mostra-se «O Campino» defensor do Partido Republicano, inserindo-se, assim, nessa Imprensa que desde 1869 incrementava o republicanismo e que redundaria na fundação de «O Século» em 1881 por Magalhães Lima.

Republicanos e lutador, não deixa «O Campino» de conservar todas as características de uma Imprensa regional que noticia os bailes do Grémio Recreativo referindo que «(...) a Ex.ma sr.ª D. Isilda Cabral foi exímia numa valsa a três tempos.» (6) Porém, a orientação de Lino de Macedo faz-se sentir e o jornal consegue manter um nível cultural visível mesmo na publicidade onde os anúncios bibliográficos abundam. Por esta altura — cerca de 1890 — uma certa efervescência cultural faz-se notar em Vila Franca, acompanhando este tempo de conferências e de clubes culturais. Dois teatros, dois clubes, uma praça de touros e uma tipografia fazem parte da sua vida social.

Republicano também foi «O Combate», publicado apenas um único número que resta como o mais radical dos jornais vila-franquenses.

Saído a 20 de Setembro de 1891, a sua redacção estudantil dirigida por Afonso Marques de Sousa é visível na secção literária e na própria referência aos problemas dos estudantes. Perante a negra situação do país afirma: «A proclamação da República é pois a única salvação de Portugal e se não apelarmos para ella em breve teremos perdido a independencia.» (7)

Três anos antes — lembremos — fora a Revolta do 31 de Janeiro e as recordações do ultimato inglês não se tinham ainda desvanecido. Simultaneamente a industrialização avançava, fixando-se precisamente nesta região. Em 1884 fora fundada a primeira fábrica de adubos químicos na Póvoa da Santa Iria e 10 anos depois era a vez de Alhandra com a Fábrica Tejo, primeira fábrica de cimento. Tempo de grandes transformações, socioideológicas , este final de século que consequentemente se reflecte na Imprensa surgida pelos vários pontos do país. Sintomático é que jornais como «O Combate» tivessem tão curta vida, o mesmo acontecendo à «Rectidão», também propriedade de A. Marques de Sousa, que só conheceu um número.

Em 1 de Maio de 1894 era a vez de «O Vilafranquense — Hebdomadário imparcial, agrícola, litterario, scientifico e noticioso» vir a lume, com uma orientação diversa dos semanários precentes. Pretende-se «(...) independente e alheio aos partidos e questiúnculas locais (...)» (8), situar-se-á, pelo menos até final do século, mais dedicado a crónicas locais, secções literárias e de diversão do que a tomadas de posição político-partidárias, embora não deixe de fazer eco de que «(...) a phase porque, não só a política mas a própria nacionalidade portuguesa está passando é terrível (...)» (9)

Pretendendo-se semanários, todos estes jornais acabaram por ter uma publicação muito mais irregular do que aquela a que se propunham. Dificuldades, sobretudo financeiras, sobrepor-se-iam ao espírito de boa vontade desta meia dúzia de homens que, longe de profissionais do jornalismo, faziam dos periódicos locais um campo de reflexão da evolução que o País e o mundo atravessavam, através

Continua na pág. 7

Assinaturas

Serie de 12 numeros... 300rcis
Em Africa e Brazil, cada numero 50 reis fortes.
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao redactor do Campino, rua do Caes 141.

Villa Franca de Xira

ANNO 8.º

companhando este tempo de onferências e de clubes cultuais. Dois teatros, dois clubes, ma praça de touros e uma tiporafia fazem parte da sua vida ocial.

Republicano também foi «O Combate», publicado apenas um nico número que resta como o ais radical dos jornais vila-franquenses.

aído a 20 de Setembro de 1891, sua redacção estudantil dirida por Afonso Marques de ousa é visível na secção literáa e na própria referência aos roblemas dos estudantes. Pente a negra situação do país firma: «A proclamação da Reública é pois a única salvação de ortugal e se não apelarmos para lla em breve teremos perdido a ndependencia.» (7)

Três anos antes — lembremos - fora a Revolta do 31 de Jaeiro e as recordações do ultiato inglês não se tinham ainda esvanecido. Simultaneamente industrialização avançava, xando-se precisamente nesta egião. Em 1884 fora fundada a rimeira fábrica de adubos quíicos na Póvoa da Santa Iria e 10 os depois era a vez de Alhana com a Fábrica Tejo, primeira brica de cimento. Tempo de andes transformações, cioideológicas , este final de culo que consequentemente se flecte na Imprensa surgida los vários pontos do país. Sinmático é que jornais como «O ombate» tivessem tão curta da, o mesmo acontecendo à Rectidão», também propriede de A. Marques de Sousa, e só conheceu um número.

Em 1 de Maio de 1894 era a z de «O Vilafranquense — ebdomadário imparcial, agrícola, litterario, scientifico e noioso» vir a lume, com uma entação diversa dos semanás precentes. Pretende-se ..) independente e alheio aos rtidos e questiúnculas locais .)» (8), situar-se-á, pelo nos até final do século, mais dicado a crónicas locais, secs literárias e de diversão do e a tomadas de posição políticpartidárias, embora não xe de fazer eco de que «(...) a ase porque, não só a política s a própria nacionalidade poruesa está passando é terrível)» (9)

Pretendendo-se semanários, os estes jornais acabaram por uma publicação muito mais gular do que aquela a que se punham. Dificuldades, sotudo financeiras, repor-se-iam ao espírito de vontade desta meia dúzia de nens que, longe de profissios do jornalismo, faziam dos iódicos locais um campo de exão da evolução que o País e undo atravessavam, através

Continua na pág. 7

José Atalya

Gregos e troianos num país de festas

Continuação da pág. 5

mais. Sou rigorosamente independente do poder político. Posso prová-lo: «saneado» uns 15 dias após o 25 de Abril; surpreendentemente(para alguns) «absolvido e promovido» em 9 de Julho de 1975 (antes do 25 de Novembro). Tudo certo porque os mais aguerridos (no «saneamento») verificaram não haver a mínima justificação. E como levaram 14 meses a chegar a essa conclusão as indagações puderam ser feitas com meticuloso rigor. Doloroso, mas definitivo! (espero...)

MEC — Tens aparecido pouco na TV.

J.A. — Exactamente porque não pertenço a nenhum partido, nem manifesto em público simpatia por esta ou aquela ideologia. Duvido mesmo que, com uma única excepção, que todos reconhecem, os partidos estejam entre nós ao serviço de ideologias bem definidas. Assim, se eu reaparecer (a directora de programas, Maria Elisa, tem-se interessado por isso) será por razões de ordem técnica, por reconhecer que sou útil à televisão. Mas as pressões para fazer subir este ou aquele valor são sempre mais eficazes do que o entusiasmo lírico por alguém que pode apenas ajudar os outros a gostar um pouco mais de música clássica. E assim vou sendo alegremente adiado... Entretanto cá vou fazendo os meus concertos, por vezes em terrinhas adoráveis onde nunca se tinha feito música clássica. Trezentos ouvintes fascinados por Beethoven em vez de trezentos mil ou três milhões, convertidos a essa música na TV com custos quase idênticos. Mas que importância tem isso se temos tantos milhões (de dólares e marcos) que os nossos filhos (e netos) se encarregarão de devolver às simpáticas procedências... Adiado, sim, mas lá parado não! Faço Coimbra-Lisboa aos domingos, com os meus músicos, às onze horas Gil Vicente; às dezoito e trinta São Luiz, uns duzentos quilómetros mais ao sul. E vamos andando...

MEC — Vi-te no Dia Mundial da Música fazeres, em directo, na RDP, uma crítica muito violenta à forma como estava a ser consentida a degradação progressiva das orquestras sinfónicas (da rádio) por ter sido aprovada uma determinação que impedia o preenchimento de vagas nas nossas orquestras, reduzidas assim à incapacidade técnica de tocar a «Nona Sinfonia» ou a música de Brahms, Wagner, Tchaikowsky, etc. De resto, é unanimemente reconhecido o teu esforço em prol das orquestras. Que podes dizer-me sobre isso?

J.A. — Disse nessa altura na presença dos actuais responsáveis. Disse-o em público e sem medo. Sou pesado e tenho voz muito grossa... Ficou bem claro. É preciso anular uma determinação proposta, há uns três anos, por um presidente da RDP que ficará na história da música portuguesa por querer que as sinfonias se toquem ou sem trombones ou com trombones emprestados (quem diz trombones diz violinos ou violoncelos), faltam uns vinte ou trinta ao todo). Como neste país ainda se percebe um pouco de futebol, se a proposta tivesse sido por medida de economia, a de reduzir a nove ou a oito jogadores em campo, em vez de onze, no dia seguinte teria havido escândalo na primeira página de todos os jornais (da ponta esquerda à ponta direita). as como se tratava de orquestras, o parágrafo «passou» em Conselho de Ministros (repito há uns três anos), foi sendo aplicado e hoje não há em Portugal uma orquestra sinfónica capaz de assegurar (com número suficiente de instrumentistas) a execução das partituras orquestrais do romantismo musical ou até mesmo Beethoven. O actual presidente da RDP tem lutado por anular ess determinação, com o apoio do ministro da Cultura. Sem resultado. Até que alguém diga um dia «a nossa orquestra está nua»... (a de Lisboa, a do Porto). E então muita gente gostará de saber quem foi o senhor que a pôs nua (eu sei) quem é que concordou com essa nudez e quem foram todos os que, durante estes três anos, não levantaram um dedo para impedir esse crime cultural. Somos hoje o ÚNICO país da Europa sem orquestra sinfónica. Somos os primeiros... a não ter!

MEC — No entanto vai realizar-se um Festival de Música, com orquestras sinfónicas...

J.A. — Nossas? Nenhuma. Já não há. Só duas orquestras mas são de câmara. Não podem tocar Wagner, Liszt, Brahams, etc. Mandamos vir do estrangeiro orquestras sinfónicas se quisermos ouvir Wagner, Liszt, Brahms, Mahler, Tchaikowsky, Strauss, Stravinsky... E se amanhã as nossas equipas de futebol tiverem de ser nacoinalizadas, por não darem lucro, já sabes... Queres ver a bola? Mandas vir uma equipa da Itália, outra da França, pagas a conta.

E dizes que em Portugal também há futebol. Eu às vezes, penso que há maquiavelismo (inteligente) nisto do Festival. A vergonha vai ser tão grande (a de não termos orquestras sinfónicas nem uma!) que para o ano não haverá Festival sem orquestras (em Lisboa e Porto). E como isto ainda continua a ser um país das festas, o decreto (o tal que previa o saneamento financeiro da RDP) acabará por ser revisto. Sou um incorrigível optimista, não duvides.

MARIA EMÍLIA CORREIA

Os jornais vila franquenses

Continuação da pág. 7

das próprias transformações que a sua terra experimentava. O interesse pelos noticiários estrangeiros, embora extremamente reduzidos e desactualizados, não deixa de se notar por parte de um público que se mostra mais instruído que abastado.

Desde a publicação do primeiro anúncio em 1715 na «Gazeta de Lisboa» que a publicidade se foi mostrando uma boa fonte de receitas, desenvolvida especialmente pelo «Diário de Notícias», cujos anúncios se mantiveram a 20 réis a linha de 1864 a 82. Nos jornais vila-franquenses também a publicidade jogava importante papel, ocupando geralmente mais da quarta parte do jornal. «O Campino» levava 30 réis por cada linha de anúncio em 1879, enquanto o seu colega «O Ribatejo» estipulara o preço de 60 réis a linha, o que levou mesmo a uma contenda entre ambos. Em 1882 «O Campino» editou um jornal de anúncios — também nascentes nesta época —, distribuído gratuitamente, «A Gazeta do Campino» que durou apenas 5 meses.

Reflectindo o carácter da Imprensa periódica portuguesa, acaba a Imprensa regional por se afastar da tendência mais geral do último quartel do século XIX, ou seja, a da industrialização e constituição de um jornalismo de informação, precisamente pelo atraso e dificuldades que agravadamente se manifestam na província. Outro factor — e especialmente no presente caso — é a atracção da capital que assimila, no fundo, a atenção e os interesses tanto do público como dos eventuais jornalistas.

A este nível é sintomático o caso de João Félix Rodrigues, vila-franquense, que se distinguiu como redactor do jornal «Portuguez» em Lisboa, de 1856 a 66, sendo ainda redactor de «A Independência Nacional» e «O Echo das Provincias», e de quem não se conhecem tentativas jornalísticas em Vila Franca. Do mesmo modo, e em complementaridade deste facto, a paixão tauromáquica ribatejana não provocou aqui nenhuma publicação especializada, embora ela existisse em Lisboa.

É provável que, e consoante as respectivas tendências, os vila-franquenses preferissem ler «O Diário de Notícias», «O Século» ou mesmo «A Ilustração Portugueza» aos periódicos locais. Na maior parte dos casos, a leitura do periódico nacional não exceptuava a do regional e vice-versa.

Tendo em conta que o jornal é, antes de mais, o veículo de uma determinada visão do mundo, afigura-se-nos indispensável o levantamento e a microanálise da Imprensa que dispersamente se publicou pelo Portugal de Oitocentos. Indispensável não só ao nível das monografias regionais mas da história da própria Imprensa. Espelho das «pequenas-grandes» contendas e casos do quotidiano local, reflexo da sociedade portuguesa de há um século, a Imprensa regional é, no fundo, a opinião de um corpo social que pensa a sua vivência provinciana em termos de participação directa na comunidade em que se insere.

NOTAS

(1) «O Ribatejo», Vila Franca de Xira, n.º 1, 5/7/1877, p. 1
(2) Idem, p. 2
(3) «O Ribatejo», n.º 7, 16/8/1877, p. 2

(4) Cf. Lino de Macedo, Antiguidades do moderno concelho de Vila Franca de Xira, Typ. do Campino, 1893, pp. 136-150
(5) «O Campino», n.º 51, 24/4-/1880, p. 1

(6) Idem, n.º 765, 10/2/1894, p. 2
(7) «O Combate», Alhandra, n.º 1,20/9/1891, p. 1
(8) «O Vilafranquense», n.º 1, 1/5/1894, p. 1
(9) Idem, n.º 2, 7/6/1894, p. 1.

Doces crónicas

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.º Juízo

ANÚNCIO

D.L. — 11/4/83 — 1.ª Publicação

O DOUTOR AMILCAR JOAQUIM CORTEZ NEVES, JUIZ DE DIREITO DA 1ª SECÇÃO DO 5.º JUIZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA:

FAZ SABER que por este Juizo e 1.ª Secção — Proc: 5964, correm éditos de 30 dias, contados da 2.ª publicação do respectivo anúncio, citando a ré; MARIA CÂNDIDA VIEIRA LAGE, solteira, actualmente ausente em parte incerta, com a última residência conhecida na Alameda das Linhas de Torres, n.º 258-14.º Letra «C» LISBOA, 1700, para no prazo de 20 DIAS, posteriores aqueles dos Éditos, contestar a presente ACÇÃO DE IMPUGNAÇÃO DE PATERNIDADE, que lhe move o autor; ANTÓNIO JOÃO MIRANDA CECÍLIO GONÇALVES, com a advertência de que fica na situação de revelia se não contestar. Os duplicados da petição inicial, ficam na Secretaria deste Tribunal à sua disposição.

Lisboa, 6 de Abril de 1983
O juiz de Direito,
a) Amilcar Joaquim Cortez Neves
O Escrivão Adjunto,
a) Manuel Guimarães Lourenço

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a atravessar a rua nas passadeiras para peões

PRP

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Um francês director de um museu

Continuação da pág. 1

— A sua pergunta não diz directamente respeito à América porque ela não tem passado colonial. A arte africana exposta nas nossas vitrinas não provém de pilhagens nem de uma política de força. Tratou-se de compras regulares.

— Os defensores do anticolonialismo integral dir-lhe-ão que, em moral, a aquisição de bens roubados brutalmente por outros, equivale a uma atitude de receptor!

Este género de polémica ilude, infelizmente, considerações mais sérias. Para proteger monumentos nacionais em perigo, alguns Estados da África ou da Ásia, pedem o concurso de nações ocidentais e invocam então um património cultural comum a toda a humanidade.

Neste caso ninguém se indigna se os capitais estrangeiros servirem para preservar tesouros locais. É preciso saber-se o que se quer e acabar com a dupla linguagem onde o nacionalismo alterna com o universalismo, segundo as necessidades do momento ou do interlocutor.

A própria noção de um património artístico acessível e comum a toda a espécie humana implica que o mesmo objecto é igualmente apreciado no Cairo ou em Londres, em Paris ou em Pequim, em Nova Iorque ou em Tóquio. Ocasionalmente as circunstâncias de uma transferência podem chocar o nosso sentido de justiça. Antes de nos lamentarmos abençoemos o céu sempre que uma obra de arte sobrevive à destruição. No caos do mundo a sua duração já é um milagre.

Infelizmente não compete a nenhuma geração reparar inteiramente os fúrias e os erros das precedentes. O repatriamento de máscaras, estátuas, pulseiras, objectos outrora perdidos, desprezados, vendidos pelos seus primeiros proprietários, é agradável a respeitáveis paixões políticas.

Mas onde e em que se deteria este princípio se ele se estendesse a todos os países e a todas as épocas?

A infelicidade, a injustiça, não impedirão a Terra de girar nem os homens de criar. Tanto na África como na Ásia a arte não se detém no fim do século XIX. Já que falamos da beleza pensemos pois naquela que artistas desconhecidos imaginam algures no mundo. Em vez de reconstruir por medida uma história ideal, ajudemos o Terceiro Mundo a receber, e, desta vez a conservar, as próximas grandes obras do seu futuro.